

**LARISSA KETLIN SOUZA DE ARAÚJO**

**“Com Vandalismo”:  
As Memórias das Jornadas de Junho de 2013 na Cidade de  
Fortaleza/Ceará.**

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.**

**Redenção - 2015**

**LARISSA KETLIN SOUZA DE ARAÚJO**

**“Com Vandalismo”:  
As Memórias das Jornadas de Junho de 2013 na Cidade de  
Fortaleza/Ceará.**

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.*

***Orientador:***

*Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza.*

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.**

**Redenção - 2015**

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira  
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)  
Biblioteca Setorial Campus Liberdade  
Catalogação na fonte**

**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos CRB-3 / 1219**

---

O45e Araújo, Larissa ketlin Souza de.

“Com Vandalismos” As Memória das Jornadas das Junho 2013 na cidade de Fortaleza/Ceará. – Larissa Ketlin Souza de Araújo. Redenção, 2015.

106 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza.  
Inclui Figuras e Referências.

1. Mobilização social - Brasil. 2. Mídia. 3. Vandalismo. 4. Jornadas de junho de 2013. I.  
Título

CDD 304.80981

---

LARISSA KETLIN SOUZA DE ARAÚJO

**“Com Vandalismo”:  
As Memórias das Jornadas de Junho de 2013 na Cidade de  
Fortaleza/Ceará.**

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.*

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

*Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza (Orientador) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).*

---

*Prof. Dr. Antônio Vieira Silva Filho - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).*

---

*Prof. Dr. Ivan Maia de Mello - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).*

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente aos que me ajudaram em meus primeiros passos e meus primeiros educadores, aqueles que me apoiaram e compreenderam os meus objetivos de vida, a minha mãezinha Marinete da Silva Souza que me ensinou a ler e escrever e me ensinou a sonhar, ao meu paizinho Fco Márcio de Araújo Filho que trabalhou muito para que eu pudesse ter a chance de estar na escola e que me ensinou a lutar, esses me deram a vida e o amor para vivê-la e ao meu irmão Márcio Brandow, que comigo compartilha memórias incríveis de nossa infância.

Agradeço a uma pequena pessoa que surgiu na minha vida e tem um grande significado, que esplandece meu longo e cansativo dia apenas com seu sorriso, ao meu filhinho Miguel de Araújo Miranda que me ensinou a ter forças para lutar e o que é o verdadeiro amor.

Logicamente nessa longa caminhada e jornadas de estudos os quais estive em momentos de exaustão mental e física e nesses momentos não me faltou memória para lembrar de todas as pessoas que em minha vida passaram e que me deram força para continuar, portanto, agradeço a diretora e professora do primeiro colégio que estudei, a minha tia Regina Célia que sempre acreditou em mim e se manteve presente na minha vida apoiando-me, aos meus tios Evanice e Sérgio, a minha tia Lilian de Oliveira que por muitas vezes disponibilizaram de seu tempo para me ajudar.

Gostaria também de agradecer a todas professoras e todos professores que passaram em minha caminhada acadêmica dentre estes cito aqui Leornia Aguiar (minha professora da alfabetização), aos professores Ivan Mello, Gledson Ribeiro, Antônio Vieira, Jeannete Ramos e Maria Rosália.

Agradeço ao meu orientador Edson Holanda, que através de sua imensa paciência e longas conversas me ajudou a construir essa pesquisa.

Agradeço às amigas e aos amigos que estiveram comigo nessa caminhada me proporcionando momentos felizes e a amizade, agradeço à Lia Beatriz, à Cássia Medeiros, ao Pedro Iago, ao Ronald Oliveira, ao Yuri Silva, ao Felipe Farias, à Thaís Queiroz, ao Felipe Peixoto, à Adriana Nívia, à Marta Lima, ao Erick Souza, à Wilquelina Ponciano, ao Francisco Rangel, Anne Caroline, ao Nelson Coutinho, ao Pedro Icaro e ao Jefferson Passos .

*Televisão me deixou burro,*

*muito burro demais.*

*Agora todas coisas que eu penso*

*me parecem iguais*

*[Música: Televisão, Titãs].*

## Resumo

Realizamos um estudo de caso analítico/descritivo de abordagem qualitativa, observando as contradições discursivas evidenciadas pelas mídias sobre o fenômeno das jornadas de junho de 2013 na cidade de Fortaleza/CE. Nesse sentido, de forma comparativa, a análise foi também pautada em entrevistas realizadas com alguns dos manifestantes para uso de estudo da história oral. Para tanto, metodologicamente, a pesquisa tem sido inspirada pelo cruzamento interdisciplinar da História, da Sociologia e da Psicologia. De maneira geral à visão editorial da mídia oficial, os atores sociais foram identificados como vândalos apontados como marginais sem motivações políticas, que depredam bancos, patrimônio público, carros e veículos de comunicação e atacam a polícia com o simples objetivo de estabelecer o caos. Grupos ligados à mídia independente produziram vídeos e documentários disseminados por meio de sites e redes sociais, entre eles o “Com Vandalismo”, onde percebe-se nos discursos dos manifestantes opiniões contraditórias sobre como se deve manifestar e sobre as estratégias de luta e seus vários significados, analisamos ainda as narrativas de um jovem da periferia, morador do bairro da Serrinha, palco de alguns conflitos durante a Copa das Confederações em junho de 2013. Percebemos que os esforços de controle social contra as manifestações foram mais energéticos quando os conflitos ocorriam em regiões periféricas da cidade.

**Palavras-chave:** Mídias; Vandalismo; Jornadas de Junho de 2013.

## **Abstract**

We conducted an analytical/descriptive case study of qualitative approach, observing the discursive contradictions highlighted by the media about the phenomenon of the journeys of June 2013 in the city of Fortaleza/CE. In this sense, in a comparative way, the analysis was also based on interviews with some of the protesters for use of study of the oral history. For that, methodologically, the research has been inspired by the interdisciplinary crossroads of History, Sociology and Psychology. In general to the editorial vision of the official media, the social actors were identified as vandals identified as marginal without political motivations, which depredate banks, public property, cars and vehicles of communication and attack the police with the simple goal of establishing chaos. Groups linked to independent media produced videos and documentaries disseminated through websites and social networks, including "Com Vandalismo", where it can be seen in the rioter speeches conflicting views on how to demonstrate and on fight strategies and their various meanings, yet analyzed the narrative of a young man from the periphery, neighborhood resident of Serrinha, scene of some conflicts during the Confederations Cup in June 2013. We realize that social control efforts against the demonstrations were more energetic when conflicts occurred in peripheral areas of the city.

**Keywords:** Media; Vandalism; Journeys of June 2013.



## Lista de ilustrações

Imagem 1- “Jornal Nacional”, 06 de junho de 2013 .....	24
Imagem 2- Jornal “O Globo”, 07 de junho de 2013 .....	25
Imagem 3- Jornal “O Globo”, 19 de março de 2009 .....	28
Imagem 4- Jornal “O Globo”, 14 de julho de 2009.....	28
Imagem 5- Jornal “O Globo”, 11 de junho de 2013 .....	29
Imagem 6- Cartaz “Não são só centavos” .....	31
Imagem 7- Cartaz “Quem são os donos da mídia?” .....	34
Imagem 8- Jornal “O Globo”, 14 de junho de 2013 .....	35
Imagem 9- Jornal “O Povo”, 18 de junho de 2013.....	39
Imagem 10- Jornal “O Povo”, 19 de junho de 2013.....	40
Imagem 11- Matéria “BBC”, 06 de junho de 2013 .....	42
Imagem 12- Matéria “BBC”, policiais feridos .....	42
Imagem 13- Matéria “BBC”, reportagem com torcedores .....	43
Imagem 14- Capa do jornal “O Povo”, 21 de junho de 2013 .....	45
Imagem 15- Jornal “O Povo”, 21 de junho de 2013.....	46
Imagem 16- Comentários de manifestantes, 11 de junho.....	54
Imagem 17- “Site Vírus”, jornalista versus sete policiais .....	55
Imagem 18- A chacina na Maré.....	56
Imagem 19- Jornal “O Povo”, 20 de junho de 2013.....	59
Imagem 20- Documentário “Com Vandalismo”, 7min 49sec .....	60
Imagem 21- Capa do documentário “Com Vandalismo” .....	62
Imagem 22- Documentário “Com Vandalismo”, 51min 56sec .....	63
Imagem 23- Documentário “Com Vandalismo”, 27min 41sec .....	64
Imagem 24- Contraste social no Brasil.....	65
Imagem 25- Documentário “Com Vandalismo”, 22min 15sec .....	65
Imagem 26- Documentário “Com Vandalismo”, 20min 45sec .....	66
Imagem 27- Documentário “Com Vandalismo”, 25min 56sec .....	67
Imagem 28- Documentário “Com Vandalismo”, 14min 43sec .....	68

Imagem 29- Documentário “Com Vandalismo”, 8min 32sec .....	77
Imagem 30- O “A” de Anarquismo nas ruas .....	81
Imagem 31- As bombas .....	83
Imagem 32- O cassetete.....	84
Imagem 33- As barricadas .....	86
Imagem 34- “Pátria Amada” .....	96

## **Lista de abreviaturas e siglas**

- ABRAJI** – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo
- AMC** – Autarquia Municipal de Trânsito
- ANEL** – Assembleia Nacional de Estudantes - Livre
- BBC** – British Broadcasting Corporation ("Corporação Britânica de Radiodifusão")
- CBN** – Central Brasileira de Notícias
- CETAD** – Centro de Estudos Tributários e Aduaneiros
- CNN** – Cable News Network
- CMI** – Centro de Mídia Independente
- FIFA** – Federação Internacional de Futebol
- FNDC** – Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação
- MPL** – Movimento Passe Livre
- MST** – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
- MÍDIA NINJA** – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação
- OMC** – Organização Mundial do Comércio
- PEC** – Proposta de Emenda Constitucional
- PM** – Polícia Militar
- PMERJ** – Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro
- PSTU** – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
- PSOL** – Partido Socialismo e Liberdade
- PT** – Partido dos Trabalhadores
- SAE** – Secretaria de Assuntos Estratégicos
- UNE** – União Nacional dos Estudantes
- VLT** – Veículo Leve Sobre Trilhos.

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 1. A mídia corporativa - Pela paz, sem vandalismo .....</b>	<b>17</b>
1.1. Imprensa e hegemonia.....	17
1.2. A imprensa corporativa- A criminalização das jornadas de junho.....	23
1.3. As manifestações de junho na imprensa cearense .....	37
<b>Capítulo 2. A imprensa independente - Percepções sobre as jornadas.....</b>	<b>48</b>
2.1. A contra hegemonia e a mídia independente .....	48
2.2. A mídia independente nas manifestações de junho de 2013.....	51
2.3. As manifestações de junho na imprensa independente cearense – Documentário “Com Vandalismo”. .....	57
<b>Capítulo 3. As memórias das jornadas de junho de 2013 .....</b>	<b>73</b>
3.1. Um jornalista independente nas barricadas .....	74
3.2. As jornadas de junho sob a perspectiva de um militante da esquerda tradicional.....	78
3.3. Outros olhares - E a anarquia no movimento .....	80
3.4. Nas barricadas - Rivalidades, Solidariedades e ideologias. ....	88
3.5. Da bala de borracha à bala de verdade - A repressão na comunidade da Serrinha. ....	92
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>98</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>102</b>

## Introdução

Realizamos um estudo de caso analítico/descritivo de abordagem qualitativa, observando as contradições discursivas evidenciadas pelas mídias sobre o fenômeno das jornadas de junho de 2013 na cidade de Fortaleza/CE. Nesse sentido, de forma comparativa, a análise foi também pautada em entrevistas realizadas com alguns dos manifestantes para uso de estudo da história oral. Para tanto, metodologicamente, a pesquisa tem sido inspirada pelo cruzamento interdisciplinar da História, da Sociologia e da Psicologia.

De maneira geral à visão editorial da mídia oficial, os atores sociais foram identificados como vândalos; apontados como marginais sem motivações políticas que depedram bancos, patrimônio público, carros e veículos de comunicação e atacam a polícia com o simples objetivo de estabelecer o caos.

Grupos ligados à mídia independente produziram vídeos e documentários disseminados por meio de sites e redes sociais, entre eles o “Com Vandalismo”, onde percebe-se nos discursos dos manifestantes opiniões contraditórias sobre como se deve manifestar e sobre as estratégias de luta e seus vários significados. Analisamos ainda as narrativas de um jovem da periferia, morador do bairro da Serrinha, palco de alguns conflitos durante a Copa das Confederações em junho de 2013. Percebemos que os esforços de controle social contra as manifestações foram mais energéticos quando os conflitos ocorriam em regiões periféricas da cidade.

Para análise do discurso da imprensa corporativa pesquisamos o registro documental independente “Com Vandalismo”, produzido pelo coletivo Nigéria<sup>1</sup> em meio às manifestações de 2013 na cidade de Fortaleza/Ceará e publicado no dia 26 de julho de 2013 no site *Youtube* e, de forma complementar, em outros canais de comunicação da mídia independente, como comunidades no *Facebook* e o site *Vírus Planetário*. Dialogamos ainda com sete manifestantes: um ex-militante do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), cinco indivíduos adeptos da tática *Black Bloc*<sup>2</sup>, e um dos produtores do documentário “Com

---

<sup>1</sup> Nigéria é um coletivo de mídia independente fundado em 2009 tem como veículo de comunicação a internet em redes sociais como Facebook, Youtube, Google +, seus vídeos/documentários contemplam aos mais diversos movimentos sociais. O coletivo é composto por Bruno Xavier, Pedro Rocha, Roger Pires e Yargo Gurjão.

<sup>2</sup> Black Bloc: Termo em inglês que significa Bloco Negro. Tática de movimento que nasceu na Alemanha Ocidental em 1980, quando grupos da esquerda marxista autonomista protestaram contra a construção de usinas nucleares, para a defesa de suas ocupações (squats) de casas e edifícios abandonados em grandes cidades e também para se defenderem de ataques de grupos neonazistas. Por estarem usando roupa preta, máscaras e capacetes para se protegerem da polícia a imprensa alemã usou o termo Schwarzer Block para denominá-los, termo que depois veio a ser disseminado em inglês.

vandalismo”, Yargo Souza Gurjão, interlocutores que possibilitaram emergir as memórias de sujeitos de diferentes lugares sociais que, no entanto, fizeram parte de uma experiência na história, para, a partir disso, evidenciar como cada indivíduo vivenciou e vivencia as lembranças das jornadas, através de entrevistas feitas entre Setembro de 2014 e Outubro de 2015. Portanto, nesse sentido a pesquisa busca apontar a dissonância entre o discurso da imprensa corporativa e o discurso não corporativo, jogando luz sobre o segundo, cuja incidência não se massificou na arena pública sobre as memórias das jornadas de junho de 2013.

Para tanto, as análises foram realizadas de forma interdisciplinar, entrelaçando a História – traçando a história das mídias, das manifestações e as relações das mesmas. Para isso, fizemos análises de jornais impressos – *O Povo* –, vídeos dos jornais televisivos exibidos entre os dias 06/06 e 28/06; a Sociologia, para compreender o contexto social em que se inserem os sujeitos quanto às manifestações e da Psicologia Social ao trabalhar com memórias. Como assinala Alessandro Portelli (1997, p. 16) “a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”.

A relevância dessa pesquisa é contribuir com o debate sobre as contradições que ocorreram nas veiculações de notícias nos aparatos comunicacionais, analisando desta forma qual foi a postura da imprensa corporativa e a imprensa independente diante das manifestações, e as memórias dos sujeitos históricos ali presentes.

Assim, a intenção da pesquisa é compreender a análise de forma dialética do materialismo histórico<sup>3</sup> combinando documentos oficiais, vídeos na internet e memórias, discutindo principalmente os embates de perspectivas apresentadas.

Nesse âmbito, realizamos também uma pesquisa de campo, no qual visitamos o bairro da Serrinha<sup>4</sup>, que teve uma grande organização para as manifestações, foi palco dos grandes atos localizados na cidade de Fortaleza. Buscamos compreender assim como se iniciou e quais foram as reais motivações das manifestações. Ademais, quais memórias giram em torno desse fato e que permaneceram marginalizadas pelas mídias?

O tema foi escolhido por ter sido um fato que, em linhas gerais, evidenciou a violência presente nas ruas em junho de 2013, contrariando a visão de que os brasileiros são con-

---

<sup>3</sup> Materialismo dialético histórico segundo Engels “designa uma visão do desenrolar da história que procura a causa final e a grande força motriz de todos os acontecimentos históricos importantes no desenvolvimento econômico da sociedade, nas transformações dos modos de produção e de troca, na consequente divisão da sociedade em classes distintas e na luta entre classes” (BOTTOMORE, Tom Dicionário do Pensamento Marxista, p.383).

<sup>4</sup> Bairro da cidade de Fortaleza, localizado na zona central da capital, no estado do Ceará. Nesse bairro está localizado o Aeroporto Pinto Martins, um dos campi da Universidade Estadual do Ceará, entre escolas, mercados e outros.

siderados por muitos sociólogos ou historiadores como um povo pacífico, sendo este momento considerado como um fenômeno em seus mais diversos âmbitos. As manifestações de junho foram a maior mobilização social desde 1992 (impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, no movimento intitulado de Caras-pintadas) por ter sido um marco histórico nos movimentos sociais e nas questões políticas, por isso cabe à análise sobre as memórias construídas sobre este fato, sendo assim um assunto importante para estudos.

Em tal contexto, o objetivo geral da pesquisa é analisar dialeticamente os embates de memórias e representações, a partir das mídias e da fala dos manifestantes que estiveram ali presentes, e então promover o resgate da narrativa não oficial como sendo outra interpretação das manifestações de 2013.

Para tal análise optamos pelos seguintes objetivos específicos: contextualizar as manifestações de 2013 – início, motivações, repressões sofridas pelos manifestantes –; compreender os discursos da mídia independente debruçando sobre o documentário “Com Vandalismo”; fomentar um debate sobre as divergências dos discursos midiáticos (imprensa corporativa e independente); analisar as memórias dos sujeitos históricos a partir da história oral através de entrevistas; identificar como foi construída a memória sobre as manifestações; refletir sobre a luta das mídias sobre a apropriação de memória histórica.

No primeiro capítulo abordaremos os discursos das mídias corporativas, analisando jornais televisivos da *Rede Globo*, *Record* e *Band*, jornal local impresso *O Povo* e o discurso do Governo em entrevistas a estas mídias, veiculados dentre os dias 16/06/2013 e 25/06/2013, interpretando como as mesmas veicularam as notícias sobre as manifestações de junho de 2013, procurando então apontar contradições. Pautamo-nos na relação histórico/social em que as mídias estão inseridas, dialogando com a Teoria da Hegemonia de Gramsci, e suas reflexões sobre as forças que o Estado exerce sobre a sociedade e como a imprensa pode contribuir com isso. Apesar de ter analisado muitas vertentes dos aparatos estatais, Gramsci apontou os meios de comunicação como um dos principais mecanismos para a difusão de ideologias e assim criar o falso consenso na sociedade, consolidando a hegemonia, analisaremos os discursos a partir de Bourdieu e sua análise do poder simbólico e, ainda, compreendendo a teoria da Sociedade do Espetáculo, como traz Guy Debord, onde a sociedade interage entre si através das imagens as quais se tornaram o meio mais importante de estabelecer a comunicação social, alienando-se pela fetichização do cotidiano e da mercadoria.

No segundo capítulo, buscamos analisar o documentário “*Com Vandalismo*” como análise central da mídia independente e, de forma complementar, analisamos também outras

plataformas das mídias independentes, como sites do *Vírus Planetário*, *CMI* e comunidades do *Facebook*.

No terceiro capítulo, iremos tratar das manifestações do ponto de vista dos sujeitos históricos que estiveram na manifestação. Para isso, realizamos entrevistas e as aprofundamos, explorando as contradições das memórias dos sujeitos com as respectivas mídias e assim compreender de que forma as mídias se relacionam com manifestações sociais no Brasil e especificamente em Fortaleza/CE. Analisamos ainda os significados das ações policiais de junho de 2013 para setores da juventude no bairro da Serrinha



# **1 A mídia corporativa e a questão da hegemonia – Pela paz, sem Vandalismo.**

Nesse capítulo abordaremos os discursos das mídias corporativas, analisando jornais televisivos da *Rede Globo*, *Record* e *Band*, jornal local impresso *O Povo* e o discurso do Governo em entrevistas a essas mídias, veiculados dentre os dias 16/06/2013 e 25/06/2013, interpretando como estas veicularam as notícias sobre as manifestações de junho de 2013, procurando então apontar contradições. Para tanto, em primeiro momento, analisaremos a relação histórico/social em que as mídias estão inseridas, dialogando com a Teoria da Hegemonia de Gramsci. Em segundo momento analisaremos o discurso sobre as manifestações da imprensa corporativa nacional e em terceiro momento analisaremos o discurso da imprensa local (Fortaleza/Ce).

## ***1.1 Imprensa e a hegemonia.***

Ao tratarmos da imprensa oficial e não oficial nesta pesquisa, debruçamo-nos sob o conceito de hegemonia em Gramsci, para quem a hegemonia denota como as massas serão organizadas a fim de manter os interesses dos que regem o sistema capitalista, ou seja, os empresários. Ainda segundo o autor, estes investem em uma formação social composta por micro organizações, assim as escolas formam indivíduos voltados para o interesse do mercado ou propriamente dos empresários. Técnica ou não, a formação do indivíduo se consolida através de um interesse maior, a do capitalista. Essas micro organizações agem na sociedade de diversas maneiras. Dênis Moraes traça o panorama desses meios afirmando que:

Criados na intensificação das reivindicações sociais, estes aparelhos congregam a imprensa, os partidos políticos, os sindicatos, as associações, os movimentos sociais, a escola e a Igreja. São os agentes da hegemonia, os portadores materiais das ideologias que buscam consolidar apoios na sociedade civil, seja para manter a dominação, seja para contrariar seus pressupostos. Funcionam como caixas de ressonância de posições presentes nas pelejas ideológico-culturais. Nem sempre os aparelhos de hegemonia podem ser enquadrados apenas como privados, pois, em situações concretas, orbitam em torno do Estado, são sustentáculos de suas ideias e difusores do senso comum fixado pelo bloco de classes hegemônico e dirigente. O próprio Gramsci explica que “o Estado tem e pede o consenso, mas também educa este consenso através das associações políticas e sindicais, que, porém, são organismos privados” (GRAMSCI, 2000a, p. 119, grifos do autor). Em qualquer caso, os aparelhos de hegemonia atuam como difusores e sustentáculos de

concepções particulares de mundo, que almejam legitimar-se na sociedade civil. (MORAES, 2010).

A formação dos indivíduos para Gramsci, no intuito de consolidar o poder hegemônico, é constituída com a formação de intelectuais em determinadas áreas<sup>5</sup> para posteriormente organizar a sociedade nos mais diversos aparatos construídos, portanto as escolas, a imprensa, a política, são organizadas por profissionais formados pelos investimentos dos empresários que irão reproduzir seus interesses e, assim, formar a opinião pública que continuará a reproduzir o mesmo discurso, legitimando a formação de gerações de intelectuais que perpetuarão a organização social pautada nos interesses de seus investidores. Para ele, os empresários são os maiores organizadores das massas e se utilizam de meios para fazê-lo, dessa forma Gramsci afirma que:

Os empresários -- se não todos, pelo menos uma elite deles -- devem possuir a capacidade de organizar a sociedade em geral, em todo o seu complexo organismo de serviços, inclusive no organismo estatal, em vista da necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe: ou, pelo menos, devem possuir a capacidade de escolher os "prepostos" (empregados especializados) a quem confiar esta atividade organizativa das relações gerais exteriores a fábrica. Pode-se observar que os intelectuais "orgânicos", que cada nova classe cria consigo e elabora em seu desenvolvimento progressivo, são, no mais das vezes, "especializações" de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz. (GRAMSCI, 1982, p.4).

Os intelectuais, portanto, não são independentes e autônomos, apesar do que achem que são, mas estão cumprindo uma função que foi estabelecida para ele, nada mais do que já não se tenha previsto e premeditado. Assim, ao falar do jornalismo, fala-se de antes de toda uma superestrutura que forma e organiza a sociedade; ao falar da imprensa, fala-se também de indivíduos formados por essa superestrutura que ajudam a reproduzir e conduzir uma sociedade através dos meios hegemônicos.

Assim ao analisar a imprensa aqui, precisamente a imprensa brasileira, a analisamos como um aparato comunicacional privado que tem como função a hegemonia e organização da sociedade. Uma breve história deste meio, apesar de não ser o objetivo dessa pesquisa, se faz necessária para compreensão da funcionalidade deste como meio hegemônico, e como afirma Jorge Sousa, “o jornalismo está ligado à história” (2008). Após analisamos um pouco sobre a história da imprensa, podemos rapidamente relacioná-la com a teoria de hegemonia de Gramsci.

---

<sup>5</sup> Vale lembrar que para Gramsci não existe o não intelectual já que todos constroem algum tipo de formação intelectual, porém é tido socialmente como intelectual os filósofos, os literatos, artistas ou os jornalistas, dessa forma ele afirma que, “Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais.” (GRAMSCI, 1982, p.7).

A imprensa europeia, modelo para a imprensa brasileira, começou a tomar a forma na qual se pauta atualmente no período que confere entre 1880 e 1920, nesse período a imprensa passou a ser uma indústria da informação e passou a ter uma grande representatividade no imaginário das pessoas, isso por dois fatos muito importantes: 1) porque os jornalistas passaram a ser oriundos de famílias de maior poder aquisitivo. Indicados por nomes influentes, estes faziam do Jornalismo um “trampolim” para ingressar na política (BARBOSA, 1997, p. 91); 2) a característica nova que a imprensa passou a ter – o diálogo com os seus leitores, entendendo sua demanda e competindo com os concorrentes, inserindo-se também na lógica do mercado, e isso não só fazia com que os jornais passassem a ter uma conexão com seu público, mas que refletisse em sua forma de pensar ao influenciá-los na linguagem inserida e no conteúdo.

Dessa forma, a imprensa passou a ser usada como instrumento de poder, com o objetivo de fazer uma profunda reforma cultural entre a classe operária. Como lembra Stuart Hall, “o capital tinha interesse na cultura das classes populares porque a constituição de uma nova ordem social em torno do capital exigia um processo mais ou menos contínuo, mesmo que intermitente, de reeducação no sentido mais amplo” (2011, p. 231-232). A burguesia fez isso pelo meio mais difuso que existia, a imprensa corporativa que marginalizou a imprensa operária e conseguiu impor regras sociais e formas mais sutis para conquistar a classe subalterna. Essa reforma cultural foi eficiente no sentido de conseguir uma profunda mudança na relação das classes, tornando a classe trabalhadora mais passiva, assim como elucida Hall nessa citação:

As consequências culturais disso foram profundas, embora a questão não seja estritamente “cultural”. Isso exigiu uma reorganização geral da base de capital e da estrutura da indústria cultural; o atrelamento a uma nova tecnologia e a novos processos de trabalho; o estabelecimento de novas formas de distribuição, que operavam através dos novos mercados culturais de massa. Mas um dos seus efeitos principais foi a reconstituição das relações políticas e culturais entre as classes dominantes e dominadas: uma mudança intimamente ligada à contenção da democracia popular na qual “nosso estilo democrático de vida” hoje parece tão firmemente baseado. Seus resultados são palpáveis ainda hoje: uma imprensa popular, que quanto mais se encolhe mais se torna estridente e virulenta; organizada pelo capital “para” as classes trabalhadoras; contudo, com raízes profundas e influentes na cultura e na linguagem do “João ninguém”, “da gente”; com poder suficiente para representar a si mesma esta classe da forma mais tradicionalista (HALL, 2011, p. 235).

Essas características da imprensa se mantiveram até os dias atuais. Após essa reforma cultural nasceram alguns jornais que estão em circulação até hoje, mostrando sua eficiência na cooptação por meio da linguagem e uma perpetuação na legitimação do discurso da classe dominante.

Trazendo então essas características, correlacionando com alguns dos objetos de análise da pesquisa, temos o exemplo do jornal *O Povo*, fundado em 7 de janeiro de 1928, fundado por Demócrito Rocha, que era participante ativo na política, se tornando deputado federal em 1934. Ao longo do tempo, *O Povo*, com a direção do neto de Demócrito foi claramente favorável à ditadura militar afirmando que:

A paz alcançada. A vitória da causa democrática abre o país a perspectiva de trabalhar em paz e de vencer as graves dificuldades atuais, não se pode evidentemente aceitar que essa perspectiva seja toldada, que os ânimos sejam postos a fogo. Assim o quer as Forças Armadas, assim o querem o povo brasileiro e assim deverá ser pelo bem do Brasil<sup>6</sup>.

Sobre essa mesma época, um dos maiores jornais de circulação, *O Globo* foi também um dos aparatos apoiadores da ditadura, chegando a afirmar em primeira página que “a democracia havia sido restabelecida”<sup>7</sup>. O que não se mostra em primeiro plano na história foram as negociações de Roberto Marinho diretamente com o embaixador Lincoln Gordon antes do golpe militar, afim de consolidar as organizações da rede Globo. A partir do investimento de grupos empresariais norte americanos<sup>8</sup>, a emissora de televisão foi fundada apoiando a ditadura.

A imprensa atualmente conta com um vasto aparato, que começou a tomar novas dimensões nos anos 90 com o avanço da tecnologia, mas que mantém seu monopólio nas mãos de grandes empresários. Um ponto relevante a citar é o sistema comunicacional brasileiro atual. De acordo com estudos recentes o sistema de televisão brasileiro possui 332 emissoras, destas, só a rede Globo detém o controle de 33,4% segundo dados de 2005 do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), sem contar com os jornais impressos e o rádio. Nesse sentido Adorno aponta para esse aglomerado afirmando que “a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança nos discursos. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto” (1947, p. 57). O “ar de semelhança” dos discursos da imprensa atualmente devem ser observados levando em consideração o monopólio exercido por poucos grupos empresariais e familiares.

Assim como aponta Gramsci, o investimento que os empresários fazem na imprensa define qual linguagem será usada. A linguagem da imprensa então exerce na sociedade, como

<sup>6</sup> Editorial de *O Povo* – Fortaleza – 3 de abril de 1964 apud Carta Maior, 2009, Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/As-manchetes-do-golpe-militar-de-1964/4/15195>, Acesso em: 09/06/2015.

<sup>7</sup> Editorial de *O Globo* - Rio de Janeiro - 4 de Abril de 1964 apud Carta Maior, 2009, Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/As-manchetes-do-golpe-militar-de-1964/4/15195>, Acesso em: 09/06/2015.

<sup>8</sup> SOUSA, Helena. Time-life/Globo/SIC: um caso de reexportação do modelo americano de televisão?. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-helena-time-life-sopcom.pdf>. Acesso em: 20/07/2015

definido por Bourdieu (1989), um poder simbólico, ou seja, esta como um meio estruturado tem como função construir um sentido, uma realidade ao mundo através de símbolos.

Nesse sentido ao pensarmos a linguagem, aqui não só como linguagem escrita ou falada, mas também por imagens utilizadas pela imprensa, especificamente durante as manifestações de junho de 2013, analisamos pelo panorama de quem fala, para quem fala e porque o fala, no sentido de abranger o público alvo da imprensa, compreendendo estes como: 1) elementos ideológicos, "transformáveis" filosoficamente, capazes, dúcteis, maleáveis à transformação; 2) como elementos "econômicos", capazes de adquirir as publicações e de fazê-las adquirir por outros (Gramsci, 1982 p.163), ou seja, qual o tipo de comunicação esses meios estabeleceram com a sociedade durante as manifestações?

Para entendermos mais profundamente as manifestações de 2013 traçamos uma cronologia de manifestações que houve anteriormente pelo passe livre, que apesar de já marcada por outras pontuais revoltas desde 2003, as jornadas sobre a qual iremos falar são continuidade de atos que em sua real circunstância não tiveram seu início em junho de 2013 e sim em 2012, que assim como a Primavera Árabe, foram organizados pela internet sendo convocados por grupos nas redes sociais no Rio de Janeiro. Na virada de 2011 para 2012 as passagens de ônibus aumentaram de R\$2,50 para R\$2,75. Em semelhança com a Revolta do Vintém no século XIX, levou alguns movimentos de esquerda a organizarem o primeiro ato no dia 4 de Janeiro de 2012, com o trajeto "Candelária-Central do Brasil", com os manifestantes encerrando o ato abrindo a porta dos ônibus para os trabalhadores entrarem sem pagar. Após a ação violenta da PMERJ, os manifestantes se dispersam dentro da Central do Brasil. Atos como esse continuaram ao longo do ano, mas com no máximo 500 manifestantes. Assim, as manifestações tiveram continuação no dia 25 de março de 2013 em Porto Alegre com o aumento da tarifa de R\$ 2,85 para R\$ 3,05. Em São Paulo, através de uma mobilização organizada pelo Movimento Passe Livre, os protestos ocorreram nos dias 06, 07, 11 e 13 de junho e contaram com 2.000, 5.000, 10.000 e 10.000 manifestantes respectivamente. Devido as imagens e vídeos veiculados pela internet, houve o surgimento de manifestações pelo resto do país.

Tomando assim, em pouco tempo, dimensões maiores que propriamente o transporte público, os manifestantes já não lutavam apenas pelas tarifas de ônibus como também por melhores políticas públicas, pela extinção da repressão policial, pelo investimento na educação e na saúde, pelo arquivamento da Proposta de Emenda Constitucional 37/2011 (PEC

37)<sup>9</sup>, pela democratização na mídia, ou devido aos escândalos com gastos abusivos com a Copa do Mundo, já que as manifestações permearam pela época em que a Copa das Confederações dera início. O lema que começou a se tornar comum foi “Copa pra quem?”, questionando o fato da entrada no estádio estar em preços não tão acessíveis pela população brasileira, ecoava então em cartazes: “Se tem dinheiro para a copa, tem que ter para educação”, “Quero um hospital padrão FIFA”.

Dentro dessa conceituação sobre os novos movimentos, as jornadas de 2013 apesar de terem sido convocadas pelo MPL agregaram demasiados movimentos como o Levante<sup>10</sup>, ANEL, UNE, RUA<sup>11</sup>; movimentos com bandeiras partidárias como PSOL, PSTU, PT; movimentos anti-partidários, movimentos autônomos, movimentos anticapitalistas, anarquistas, comunistas, socialistas, MST e pessoas autônomas que estavam ali para fazer as próprias reivindicações, sendo, portanto vários tipos de movimentos dentro de uma única manifestação.

Dado ao fato de haver vários tipos de movimentos nas manifestações, haviam distintas reivindicações e táticas, fazendo com que seu sentido fosse por muitas vezes questionado, assim, alguns que tentaram conceituar as manifestações de 2013 no Brasil tiveram algumas dificuldades de fazê-lo no momento em que acontecera.

Os protestos ocorridos nesse período levaram às ruas centenas de pessoas e agrupamentos políticos, tendo como principal característica a participação de cidadãos e cidadãs não inseridos nos tradicionais movimentos sociais. Constatou-se nos diversos atos a presença marcante da juventude, principalmente estudantes universitários e secundaristas. As reivindicações escritas em cartazes feitos à mão foi uma marca importante dos atos de protestos demonstrando a diversidade de posições e pensamento sobre a realidade brasileira, assim como a ausência de uma direção única e de lideranças de movimentos sociais já conhecidos no cenário político coordenando tais atos, como estávamos acostumados a presenciar em momentos anteriores. (MOREIRA; SANTIAGO, 2013, p 14).

Dessa forma as jornadas de junho mostraram-se como uma nova maneira de se manifestar ou uma ressignificação (CALADO, 2013) das formas tradicionais em que aqui no Brasil vinha se construindo até então, das lutas pontuais ou manifestações contra a ditadura

---

<sup>9</sup> A PEC 37 sugeria incluir um novo parágrafo ao Artigo 144 da Constituição Federal, que trata da Segurança Pública, onde eximiria o Ministério Público de conduzir investigações. O item adicional traria a seguinte redação: "A apuração das infrações penais de que tratam os §§ 1º e 4º deste artigo, incumbem privativamente às polícias federal e civis dos Estados e do Distrito Federal, respectivamente". Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/entenda-o-que-e-a-pec-37>. Acesso em: 20/07/2015.

<sup>10</sup> Levante Popular da Juventude: “Uma organização de jovens militantes voltada para a luta de massas” Disponível em: <<http://levante.org.br/#about>> Acesso em 17/10/2015.

<sup>11</sup> RUA Juventude Anticapitalista: Movimento Nacional composto por jovens da esquerda. Disponível em: <<http://www.movimentorua.org/#!ruajuventudeanticapitalista/c1sv8>> Acesso em 17/10/2015.

ou, como no caso dos anos 90 para cá, os atos ocorriam ou apenas por grupos que faziam parte do movimento institucionalizado e com pautas únicas ou em multidão com um único alvo como objetivo, no caso o impeachment de Collor, por exemplo.

Assim como em outros estados, Fortaleza manteve o padrão de uma manifestação pluralista, tendo seu início no dia 16 de junho, convocada em apoio aos manifestantes que sofreram repressão em São Paulo e Rio de Janeiro e pelo passe livre, já que a passagem havia aumentado de R\$ 2,00 para R\$ 2,20. O ato teve início na praça da Gentilândia e se encaminhou para o hotel Marina Park, hotel em que a seleção brasileira estava hospedada, já mostrando aí a indignação com os demasiados gastos com a Copa do Mundo.

Estavam lançados os movimentos de contestação localmente. A mídia corporativa não demorou para editar e divulgar discursos e imagens que buscavam desqualificar e deslegitimar os manifestantes. Cumpriu o papel de porta-voz ideológica dos setores empresariais ameaçados com a possibilidade de uma revolta popular.

## ***1.2 A imprensa corporativa – A criminalização das jornadas de junho de 2013.***

As jornadas de junho de 2013 tiveram seu início no dia 6 de junho nas cidades de São Paulo, Natal, Rio de Janeiro e Goiânia, onde ocorreram manifestações inicialmente chamadas pelo MPL, a fim de protestar contra o aumento das passagens. Apesar do MPL já ter realizado outros atos pelo passe livre, até então não havia sido foco da mídia; porém, desta vez, houve um tratamento diferente. A imprensa, ao apresentar uma notícia ao seu público, está também relatando uma história e, ao contar uma história, mostra-se um lado dela, escolhe-se qual lado contar a partir de uma percepção do mundo de forma supostamente objetiva. Iremos, então, analisar as jornadas de junho de 2013 através do discurso da imprensa corporativa.

O *Jornal da Record*, exibido no dia 6 de junho, enquanto ainda ocorriam as manifestações, alterava a transmissão entre imagens ao vivo e imagens gravadas afirmando serem estas muito violentas e que “os manifestantes já quebraram vidraças de agências bancárias, atearam fogo em bancas de revista e enfrentaram a polícia”<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Jornal da Record, Edição, 06/06/2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-9WciYmAuPc> Acesso em: 15/06/2015

No dia 7 de junho, o *Bom Dia Brasil*, programa exibido pela *Rede Globo*, fez uma chamada para a notícia sobre a manifestação ocorrida com a âncora Renata Vasconcelos informando que “protestos contra o aumento da passagem do transporte público terminaram em vandalismo em algumas cidades do Brasil. Em São Paulo, manifestantes fecharam ruas da região central da cidade e entraram em confronto com a tropa de choque da polícia”. Em seguida, o também âncora Chico Pinheiro completa: “Foi terrível, Renata, em poucos minutos lojas, bancas de revistas e estações de metrô foram depredadas”<sup>13</sup>, no decorrer da notícia Chico enfatiza que os “trabalhadores que são os prejudicados com o aumento de tarifa certamente não fazem esse tipo de coisa” e informaram que havia cerca de 2 mil manifestantes.

Além disso, em todos os jornais foi citado o prejuízo que os manifestantes haviam deixado para os bancos, as empresas de ônibus e metrô, concessionárias, e governo, além da demasiada ênfase sobre o fato de que a população ao estar nas ruas protestando estava “obstruindo o trânsito”.

*Figura 1. “Jornal Nacional”, 06 de junho de 2013.*



The image shows a screenshot of the Jornal Nacional website. At the top, there is a blue header with the 'JN' logo and the text 'JORNAL NACIONAL'. Below the header, there is a navigation bar with links: 'GI', 'JN Especial', 'Redação', 'História', 'Fale Conosco', 'JN no Ar', 'Vídeos', and 'Princípios editoriais'. The main content area features a news article with the headline 'Manifestação contra o reajuste nas passagens fecha a Avenida Paulista'. Below the headline, there is a sub-headline: 'O Globocop gravou imagens de quando cerca de dois mil manifestantes ocuparam avenidas. Houve confronto com a polícia.' To the right of the article, there are social media sharing buttons for Twitter (22) and Facebook (328). Below the article, there is a photograph of two news anchors, a man and a woman, sitting at a desk in a studio. To the right of the photograph, there is a text block: 'Em São Paulo, manifestantes que protestavam contra o aumento no preço das passagens de ônibus entraram em confronto com a polícia, na noite desta quinta-feira (6), na Avenida Paulista. A manifestação é contra o aumento das passagens dos transportes públicos. O Globocop gravou imagens de quando cerca'.

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/manifestacao-contr-o-reajuste-nas-passagens-fecha-avenida-paulista.html>. Acesso em 15/06/2015.

<sup>13</sup> Bom Dia Brasil, Edição, 07/06/2013 Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/06/preco-da-passagem-de-onibus-provoca-manifestacoes-pelo-pais.html>. Acesso em: 15/06/2015



O *Jornal da Globo* do dia 7 também iniciou com a fala do William Waack dizendo que “Terminou em vandalismo e depredações o protesto organizado por grupos de estudantes contra o aumento das tarifas de transporte público em São Paulo”<sup>14</sup>

O site *O Globo* no dia 06/06/2013 com edição final do dia 07/06/2013 segue com a seguinte notícia:

*Figura 2* Jornal “*O Globo*”, 07 de junho de 2013



Fonte: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/06/preco-da-passagem-de-onibus-provoca-manifestacoes-pelo-pais.html>. Acesso em 15/06/2015

No decorrer a matéria afirma que:

Uma manifestação organizada nas redes sociais contra o reajuste das tarifas de ônibus e metrô tomou o Centro de São Paulo ontem à noite, interditando avenidas importantes. Manifestantes atearam fogo a pedaços de paus e fizeram barricadas na Avenida 23 de Maio em pleno horário de pico. Na Avenida Paulista incendiaram uma cabine da Polícia Militar e picharam paradas de ônibus.[...] A Tropa de Choque da Polícia Militar revidou, atirando bombas de efeito moral e balas de borracha contra os manifestantes, e houve confronto. Os estudantes reagiram, jogando pedras nos policiais, e o tumulto se prolongou por mais de duas horas na Avenida Paulista.

A resposta dos políticos também veio de imediato. Geraldo Alckmin, governador de São Paulo, semelhante ao discurso da imprensa, afirmou, no dia 7, que “isso não é manifestação, é vandalismo. Por isso você tem que tratá-lo como tal: vandalismo. Não é possível aceitar a depredação do patrimônio público e prejuízo para a população” e defendeu as ações da polícia afirmando que “é uma atitude totalmente absurda e a polícia tem que agir. Polícia não po-

<sup>14</sup> Jornal da Globo, Edição, 07/06/2013 Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=T13c\\_GkcK\\_8](https://www.youtube.com/watch?v=T13c_GkcK_8)>. Acesso em: 15/06/2015.

de se omitir, é dever da polícia proteger a população, o patrimônio público e garantir o direito de ir e vir”<sup>15</sup>.

A imprensa que, até então, não havia mostrado interesse nas manifestações, se demonstrou fortemente voltada a dar um posicionamento sobre as manifestações do dia 6, em que objetivou repassar aos leitores e telespectadores uma versão sobre os protestos ocorridos, ou seja, “o discurso jornalístico representaria uma afirmação no sentido de considerar a sociedade que o abriga parâmetro de verdade” (GUERRA, 2002, p. 6). Essa verdade é repassada através da linguagem utilizada, já que esta é a que constrói sentidos socioculturais e ideológicos.

A partir disso, a verdade então construída pelos jornais de forma homogênea sobre as primeiras manifestações foi a de que estava ocorrendo um tumulto generalizado por jovens a comando do MPL, em que, devido a práticas ilegais, a polícia teve que contê-los. O discurso da imprensa de forma homogênea, segundo Bourdieu, dá-se ao fato da monopolização das mídias, não somente na questão de oligopólios, mas precisamente do discurso que se vê no contexto de disputa dentro do mercado, assim os jornalistas influenciam uns aos outros, estes leem e assistem outros jornais; o discurso também se torna indubitavelmente monopolizado onde há quem dita como os outros jornais irão conduzir uma informação, pois notícia não “se reduz ao grupo constituído pelo conjunto de uma redação” (BOURDIEU, 1997, p. 31).

Esse discurso dos jornais teve de imediato respostas, como uma nota do MPL em seu site para “esclarecer as acusações de vandalismo e depredação do patrimônio público feita pela Polícia Militar de São Paulo e por parte da imprensa”<sup>16</sup>, em que dizia que o ato havia reunido 5 mil pessoas, contradizendo assim a contagem da Polícia Militar e seguiu em caminhada pacífica pelas ruas do centro da cidade.

Segundo o noticiado na imprensa oficial, os manifestantes haviam primeiramente depredado o patrimônio público e, por isso, houve a repressão policial, mas segundo a nota do MPL os manifestantes estavam “exercendo seu legítimo direito de se manifestar, as pessoas ocuparam importantes vias da capital e em seguida sofreram diversos momentos de repressão violenta por parte da Polícia Militar” e ainda discorre que “a população que, já revoltada com o abusivo aumento das tarifas, reagiu e revidou a agressão dos policiais – que, vale a pena

---

<sup>15</sup> Folha de São Paulo, Alckmin critica manifestação e defende ação da polícia na Paulista. Disponível em : <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291417-alckmin-critica-manifestacao-e-defende-acao-da-policia-na-paulista.shtml>>. Acesso em: 15/06/2015.

<sup>16</sup> Nota nº1: esclarecimento do MPL São Paulo sobre o ato de 06/06. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/2013/06/07/nota-sobre-a-manifestacao-do-dia-6/>> Acesso em: 15/06/2015.

lembrar, são os policiais que possuem armas e bombas. Ontem, a PM feriu dezenas de pessoas”.

As manifestações continuaram nos dias 7, 8 e 11 com plantões nos intervalos dos programas e houve um contínuo discurso de criminalização, onde era enfatizado o caráter de vandalismo e baderna das manifestações. Em 12 de junho no programa *Brasil Urgente*, apresentado por José Luiz Datena, o mesmo fez críticas aos manifestantes denominando-os de vândalos e baderneiros e, por vezes, afirmando que a polícia deveria puni-los mais severamente e sugeriu a seguinte enquete: “Você é a favor desse tipo de protesto?”<sup>17</sup> (ao mesmo tempo em que ocorria uma manifestação na Avenida Paulista). O apresentador se deparou com o seguinte resultado: 3023 a favor e 1943 contra; logo depois, afirmando que o telespectador poderia estar se confundindo, modificou a enquete para: “Você é a favor de protesto com baderna?”. E ainda assim atingindo 2361 a favor e 995 contra. Evidenciando que naquele momento o discurso de criminalização das manifestações não estava consolidado.

Arnaldo Jabor no *Bom dia Brasil* na edição do dia 12 disse: “Esses caras vivem no passado de uma ilusão. Eles são a caricatura violenta da caricatura de um socialismo dos anos 50, que a velha esquerda ainda defende aqui. Realmente, esses revoltosos de classe média não valem nem 20 centavos”<sup>18</sup>.

Sobre esse discurso que emergiu da imprensa corporativa sobre as manifestações é necessário compreender que um aspecto que caracteriza a linguagem jornalística é a relação com os investidores que dará ao jornalista a lente na qual ele terá sua visão sobre a notícia, e esta relação, juntamente com o cotidiano, influi na forma em que o jornalista irá noticiar algo, ou que aclama para ser noticiado, como deverá ser noticiado no momento, dessa forma o jornalista é, como afirma Bourdieu:

Levado a uma só vez pelas propensões inerentes à sua profissão, à sua visão do mundo, à sua formação, às suas disposições, mas também pela lógica da profissão, selecionam nessa realidade particular que é a vida dos subúrbios um aspecto inteiramente particular, em função de categorias de percepção que lhe são próprias (BOURDIEU, 1997, p. 25).

Como exemplo dessa lente usada pelo jornalismo para noticiar algo, fazendo uma comparação da forma que se noticiou sobre 6 de junho, com as manifestações que ocorrem em outros países, podemos perceber a diferença na linguagem utilizada pelos jornais ou jorna-

<sup>17</sup> Brasil Urgente, Edição 06 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OXOnYntEfAw>> Acesso em: 15/06/2015.

<sup>18</sup> Bom dia Brasil, Edição dia 12 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tOQkke7fzpA>> Acesso em: 15/06/2015.

listas quanto se referem a fatos parecidos ocorridos em outros lugares. Por exemplo, em 2009, em manifestações ocorridas na França por conta do auto índice de desemprego, manifestantes, enquanto protestavam, queimaram cerca de 300 carros e o veiculado nos jornais não mencionava em nenhum momento o adjetivo “vândalos” e enfatizaram sobre os problemas que a França enfrentava, como mostra o jornal *O Globo*.

*Figura 3 Jornal “O Globo”, 19 de março de 2009.*

The screenshot shows the top navigation bar of the O Globo website with the logo, a menu icon, and the word 'MUNDO'. On the right, there are links for 'COMPARTILHAR', 'BUSCAR', and 'CLIQUE E ASSINE'. The main headline is 'Milhares vão às ruas em protesto na França'. Below the headline, it says 'POR REUTERS/BRASIL ONLINE ///' and '19/03/2009 0:00 / ATUALIZADO 05/01/2012 11:28'. The author is listed as 'Por James Mackenzie'. The text of the article begins with 'PARIS (Reuters) - Centenas de milhares de pessoas em toda a França começaram na quinta-feira manifestações que devem levar ao menos 1 milhão de pessoas às ruas para protestar contra a política do presidente Nicolas Sarkozy frente a crise econômica.' It continues with 'Os protestos, que segundo pesquisas de opinião têm o apoio de três quartos do público francês, refletem o clima crescente de desilusão com as promessas de reforma de Sarkozy.' and 'A crise fez o número de desempregados passar de 2 milhões e deixou muitas pessoas em dificuldades devido ao alto custo de vida.' The article ends with 'Transportes, energia e algumas repartições públicas foram afetados com a greve de'.

Fonte: < <http://oglobo.globo.com/mundo/milhares-va-o-as-ruas-em-protesto-na-franca-3576898> > Acesso em: 16/06/2015

*Figura 4. Jornal “O Globo”, 14 de julho de 2009.*

The screenshot shows the top navigation bar of the O Globo website with the logo, a menu icon, and the word 'MUNDO'. On the right, there are links for 'COMPARTILHAR', 'BUSCAR', and 'CLIQUE E ASSINE'. The main headline is 'Manifestantes queimam mais de 300 carros em protestos na França'. Below the headline, it says 'POR O GLOBO ///' and '14/07/2009 0:00 / ATUALIZADO 11/11/2011 15:16'. The text of the article begins with 'A direção da polícia francesa informou que pelo menos 317 carros foram queimados em periferias do país na madrugada desta terça-feira, data das festividades nacionais que celebram a queda da Bastilha.' It continues with 'Esse número, segundo um balanço ainda provisório, já representa um aumento de 6,7% em relação ao ano passado. O número de pessoas presas, 240, dobrou na comparação com o mesmo período.' and 'O ministro do Interior, Brice Hortefeux, anunciou que irá reforçar a segurança no país nesta terça-feira, com um esquema policial de 40 mil homens.' The article ends with 'Os transportes públicos, sobretudo os que ligam as periferias de Paris à capital também'.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/mundo/manifestantes-queimam-mais-de-300-carros-em-protestos-na-franca-3199986> Acesso em: 16/06/2015

Comparando então o mesmo jornal em relação a junho de 2013 sobre as manifestações, percebemos a mudança de discurso enfatizado, voltado para ao entrelaçamento de manifestações e vandalismo.

*Figura 5 Jornal “O Globo”, 11 de junho de 2013.*



O GLOBO MENU RIO COMENTAR COMPARTILHAR BUSCAR CLIQUE E ASSINE

## Após protesto contra aumento das passagens, cidade exibe marcas do vandalismo

Manifestantes atiram pedras em igrejas e no CCBB durante ato

POR ANA CLÁUDIA COSTA / GUSTAVO GOULART  
11/06/2013 9:58 / ATUALIZADO 12/06/2013 0:26

Fonte: <http://oglobo.globo.com/rio/apos-protesto-contr-aumento-das-passagens-cidade-exibe-marcas-do-vandalismo-8649373> Acesso em: 16/06/2015

Dessa forma, a imprensa faz um recorte sobre uma dada realidade para mostrar exatamente o que lhe interessa mostrar e, para isso, as imagens não carregam sozinhas um sentido para transmitir ao telespectador ou leitor o que o querem transmitir, porém as imagens carregam a leitura dos jornalistas sobre o fato através das legendas ou chamadas nos jornais, assim, a foto não é nada sem a legenda que diz o que é preciso ler (BOURDIEU, 1997), e somando com a sequência da notícia que discorre sobre o fato, resulta na mensagem em que se quer passar, a mensagem que o jornal *O Globo* transmitiu para seus leitores sobre a queima de 300 carros na França em um protesto, é de que esta ação foi motivada por algo justo, porém pedras arremessadas durante os protestos de junho no Brasil eram atos de “vandalismo”.

Essa criminalização das manifestações dentro da imprensa não dá-se quanto às ações ou reações daqueles que protestam, mas sim sobre a partir de qual local as manifestações eclodiram, ou seja, manifestações providas das periferias ou subúrbios (não só regiões periféricas dentro de um país, porém regiões periféricas dentro do sistema capitalista) são lidas como rebeliões sem motivações. Como afirma Gramsci, “se rebenta uma greve? Para o jornal burguês os operários nunca têm razão. Há manifestação? Os manifestantes, apenas porque são

operários, são sempre tumultuosos, facciosos, malfeitores”<sup>19</sup>, dessa maneira, ressalta a importância da visão de mundo em que subjetivamente os jornalistas colocam em suas reportagens que são delimitadas não só pela instituição jornalística, porém sob as relações também cotidianas, a exemplo disso a fala de Chico, de Jabor e os comentários de Datena, a fim de conduzir o enredo das manifestações buscam consolidar que:

Não há uma realidade fatural anterior à notícia, sustentam. O fato noticiado se constitui e se torna realidade através de um processo ativo de atribuição de sentido ao mundo, que se dá em três momentos: 1) quando o sujeito, que exerce a função de repórter, se volta para a realidade a fim de conhecê-la, ele acaba por dar um investimento subjetivo aos “fatos” que conhece; 2) a cultura e a sociedade na qual o repórter vive também lhe oferecem as molduras pelas quais o mundo deve ser apreendido; e 3) a estrutura do trabalho (o profissionalismo e as rotinas produtivas) das empresas jornalísticas acaba por dar um direcionamento à cobertura que, muito mais do que refletir os fatos, encaixa-os nos critérios ditados por suas próprias demandas organizacionais. (GUERRA, 2002, p. 4)

Essa criminalização dos movimentos por parte da imprensa, mostra também como os poderes hegemônicos os utilizaram para estabelecer uma ordem, sobre as primeiras manifestações, pois coube à mídia uma legitimação da organização social dada a partir da burguesia, na qual historicamente marginalizou e criminalizou as lutas sociais, isso como uma forma de se manter como classe dominante, para isso o aparato comunicacional exerceu uma função política de disciplinar a sociedade, assim como aponta Gramsci.

Os intelectuais são os "comissários" do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso "espontâneo" dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce "historicamente" do prestígio (e, portanto, da confiança) que o grupo dominante obtém, por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparato de coerção estatal que assegura "legalmente" a disciplina dos grupos que não "consentem", nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade, na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais fracassa o consenso espontâneo. (GRAMSCI, 1982, p. 11).

Apesar de que Gramsci ao analisar os meios hegemônicos caracterizar a imprensa como um dos mais fortes dentro da sociedade por fazer parte da sociedade civil, portanto em uma mesma conjuntura de função, a de superestrutura, ele não correlacionou o discurso da imprensa com seus “núcleos decisivos” ou aos econômicos, porém nos dias atuais, a imprensa vem criando vários “tentáculos” os quais abrangem os políticos e grandes empresas, no Brasil, por exemplo, este formato de imprensa está em evidência não somente pela formação dos intelectuais, mas propriamente porque os investidores das mídias oficiais ou como Gramsci caracteriza - os empresários, são em geral políticos, apesar de haver lei que proíbe tal prática,

---

<sup>19</sup> GRAMSCI, Antonio. Os Jornais e os Operários, 1916. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1916/mes/jornais.htm>> Acesso em: 16/07/2015.

porém no Brasil há um financiamento exorbitante dos políticos dentro do meio de comunicações. Daniel Fonsêca, sobre o funcionamento desse poder hegemônico afirma que: “grande parte dos concessionários de rádio e televisão é, também, formada por políticos cerca de 30% dos senadores e de 10% dos deputados”, ou seja, “os projetos de poder econômico não só colaboram, mas coincidem, numa flagrante cumplicidade, com o poder político institucional” . (FONSÊCA, 2013, p. 15 - 16)

Dessa forma, justifica o formato do discurso político e midiático terem se assemelhado quanto à criminalização das manifestações, já que estes cumprem funções semelhantes atualmente na sociedade, a de tentar conduzir o povo seja nas ações quanto na forma de pensar através do discurso e das imagens.

Porém, esses discursos não o foram aceitos pelos manifestantes e ao contrário do que se pensava, as manifestações passaram a ocorrer também em outros estados. A fala de Jabor sobre os 0,20 centavos tornou-se uma das frases nos cartazes nas manifestações dizendo que não eram somente os 0,20 centavos o agravante para incitar as manifestações.

*Figura 6 Cartaz “Não só centavos”.*



Fonte: <http://mauanoticiasonline.blogspot.com.br/2013/06/nao-sao-so-os-20-centavos-isso-e-o-que.html#.VX-ICPIViko> Acesso em: 17/06/2015

As manifestações começaram a se espalhar pelo Brasil e ganhar visibilidade, inclusive das mídias internacionais. Com o notório apoio da população, a imprensa brasileira passou a mudar o tom do discurso. As manifestações, após ganharem visibilidade da mídia internacional, passaram a ser observadas com outras lentes, a exemplo a CNN Norte Americana, que noticiou sobre “O que REALMENTE está por trás das manifestações no Brasil” (What's REALLY behind the Brazilian riots?), no qual dizia que “Os protestos que vêm ocorrendo no Brasil vão além do aumento de R\$ 0,20 na tarifa dos transportes públicos” e assim elencava

quais os problemas que o Brasil enfrentava para chegar a esse “colapso”<sup>20</sup>, dentre eles “problemas com portos, aeroportos, transporte público, saúde e educação. O Brasil não é um país pobre e as taxas e impostos são extremamente altos”. Justificando as manifestações afirmando que “Os brasileiros não veem razão para uma infraestrutura tão ruim quando há tanta riqueza tão altamente taxada”.

A matéria da CNN justifica a revolta no Brasil e critica a imprensa nacional:

Os protestos não são movimentos meramente isolados, unificados ou badernas de extremistas, como parte da imprensa brasileira suspeita. Não é uma rebelião adolescente. É o levante da porção mais intelectualizada da sociedade que deseja pôr fim a esses problemas brasileiros. A classe média jovem, que sempre se mostrou insatisfeita com o esquecimento político, agora “despertou”, na palavra dos manifestantes.<sup>21</sup>

Após a grande repercussão gerada pela fala de Jabor, o mesmo, no dia 17 de junho, no site da CBN, se retratou falando: “Amigos ouvintes, no outro dia eu errei, errei na avaliação das manifestações no 1º dia em São Paulo, falei na TV sobre o que me pareceu ser um bando de irresponsáveis fazendo provocação por causa de vinte centavos, era muito mais que isso, pois eu fiz um erro de avaliação”<sup>22</sup>.

No mesmo dia 17 no Jornal Nacional, Patrícia Poeta, antes de começar a noticiar sobre as manifestações pontuou sobre a imparcialidade da *Globo* em mostrar os fatos sobre as manifestações lendo um texto em que dizia:

A *TV Globo* vem fazendo reportagens sobre as manifestações desde o seu início e sem nada a esconder. Os excessos da polícia, as reivindicações do movimento Passe-Livre, o caráter pacífico dos protestos, e quando houve depredações e destruições de ônibus. É nossa obrigação, e dela não nos afastaremos. O direito de protestar e se manifestar pacificamente são um direito dos cidadãos<sup>23</sup>.

A imparcialidade, dita no texto lido por Patrícia é pautada em todas as falas jornalísticas, inclusive ensinadas aos jornalistas em formação. Sobre a suposta imparcialidade, Guerra pontua:

Trata-se do jargão, que se ouve comumente nas redações ou entre as fontes mais acionadas pela imprensa, “ouvir os dois lados” quando houver divergências. O conceito de imparcialidade, nesse caso, está vinculado a uma exigência de pluralidade na cobertura jornalística, mas de alguma forma aí também estaria implicada uma preocupação com a veracidade. O jornal, para resguardar sua isenção, sua neutralidade e não tomar partido, apenas apresentaria as versões. Caberia ao leitor decidir qual a verdadeira. (2002, p.3).

<sup>20</sup> CNN, What's REALLY behind the Brazilian riots?. Disponível em: <<http://ireport.cnn.com/docs/DOC-988431>> Acesso em: 17/06/2015.

<sup>21</sup> CNN, What's REALLY behind the Brazilian riots?. Disponível em: <<http://ireport.cnn.com/docs/DOC-988431>> Acesso em: 17/06/2015.

<sup>22</sup> JABOR, Arnaldo. Amigos, eu errei. É muito mais do que 20 centavos. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2013/06/17/AMIGOS-EU-ERREI-E-MUITO-MAIS-DO-QUE-20-CENTAVOS.htm#ixzz3orKrkzVs>> Acesso em: 18/06/2015.

<sup>23</sup> Jornal Nacional 17/06/2013 Segunda Feira. Nota de esclarecimento aos manifestantes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=APLEN2vPJpI>> Acesso em: 18/06/2015.



Essa imparcialidade está comprometida devido ao monopólio dos meios de comunicação – a mídia corporativa faz parte do mercado, é construída a partir de investimentos de grandes empresários e políticos, e o que está por trás de cada discurso proferido é o que de fato importa – quem investiu e quanto investiu. E é referente a isso que se mostram situações e se ocultam outras. Isso constrói a grande mídia:

A televisão pode, paradoxalmente, ocular mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde com a realidade (BOURDIEU, 1997, p. 24).

Ao ter citado como exemplo a crítica da CNN à mídia brasileira como um dos fatores da mudança de discurso sobre as manifestações, não o foi somente por causa da questão da força em que os Estados Unidos construíram nas mídias brasileiras, mas porque a causa tomou grandes proporções a ponto de passar a ser de interesse dos empresários e da política, inclusive de fora do Brasil, reunindo atores, cantores, e demais pessoas com grande visibilidade midiática em prol da causa. O que se esconde sob esse fato é que a imprensa internacional, ao expor as manifestações em sua programação, e em favor destas, estava somente mostrando o que também intrínseco ao que é de seu interesse – criar uma imagem negativa do Brasil e das empresas brasileiras. Estudo realizado por Ivan Paganotti em 2007 mostrou como a imprensa internacional mostra o Brasil e dentre os mais citados estava uma correlação da favela com o tráfico de drogas, violência, pobreza, em consequência muitas vezes da mencionada corrupção política. Sendo as outras questões pouquíssimo referenciadas, a mídia internacional se debruça em mostrar os problemas que o Brasil enfrenta e, por isso, “sobre os subúrbios o que interessará mostrar são as rebeliões” (BOURDIEU, 1997 p.25), sendo por este motivo que as manifestações de 2013 ficaram em evidência internacionalmente, não no intuito de defender de fato os manifestantes, mas de utilizar deste como um oportuno momento de comprovação do noticiado durante muitos anos.

Nesse sentido, a imparcialidade jornalística não acontece em nenhum momento no discurso da imprensa corporativa de nenhum país, e quanto às manifestações de 2013, isso se mostrou mais visível na mídia brasileira à sociedade, primeiramente porque não foram mostrados os dois lados, a imprensa adjetivou os manifestantes como vândalos e baderneiros e relacionou a violência com as atitudes tomadas pelos manifestantes, deixando de fora qualquer possibilidade de escutar os indivíduos que ali se manifestaram.

A linguagem produzida pela imprensa demonstrou estar para além de um discurso direcionado, mas como interlocutor de um poder, na forma de poder simbólico, assim como

afirma Bourdieu, pois a linguagem em si não exerce o poder, mas o poder é legitimado a partir de que contexto se dá:

Contra todas as formas do erro “interacionista” o qual consiste em reduzir as relações de força a relações de comunicação, não basta notar que as relações de comunicação são de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidas nessas relações (1997 p.11).

A primeira leitura que os jornalistas fizeram das manifestações de 2013 foi uma tentativa de conduzir o pensamento das massas sobre os fatos, por meio de uma abordagem na linguagem e no conteúdo disseminado, o que gerou desconforto em parte da população questionando a veracidade das reportagens, criticando não somente aos repórteres, mas a instituição que estaria comandando o caminho dessas reportagens, e de que interesses estas advém.

*Figura 7 Cartaz “Quem são os donos da mídia?”.*



Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/uma-contribuicao-a-analise-das-midias-e-das-manifestacoes-284.html> Acesso em 18/06/2015

Assim, para um meio noticiar algo com o interesse de conduzir as massas a pensar de uma forma precisa acerca de um fato, este fato precisa ser moldável ao seu discurso, o que não ocorreu em 2013, já que o fato existia devido a outros fatores, não somente durante as manifestações, mas no dia a dia. Por isso, a imprensa não conseguiu conduzir as manifestações inteiramente a um molde de seu discurso, acarretando em uma “Crise de hegemonia” (Gramsci, 1982), fazendo com que a imprensa tivesse que direcionar as notícias de outra forma.

Algo que de fato ponderou para essa mudança foi a repressão que muitos jornalistas da imprensa oficial sofreram pela polícia, muitos ficaram feridos. Foi o caso da jornalista da *Folha de S.Paulo*, Giuliana Vallone, que no dia 13 de junho levou um tiro no olho. Além dela, outros 23 jornalistas foram agredidos, todos por policiais, segundo documento da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI, 2013).

Após a brutal repressão que afetou inclusive jornalistas, o discurso dos jornais mudou o foco, passando a mostrar os excessos da polícia; não se falava mais em vandalismo ou baderna, mas em manifestantes que sofreram a opressão de policiais. No *Bom dia Brasil* a chamada foi “Polícia Militar utiliza violência para reprimir protesto em São Paulo, a Tropa de Choque disparou bombas de gás, bombas de efeito moral e tiros de balas de borracha. Dezenas de pessoas ficaram feridas”<sup>24</sup>; o jornal *O Globo* enfatizou o pacifismo dos manifestantes, quando a polícia começou a reprimir:

*Figura 8 Jornal “O Globo”, 14 de junho de 2013.*



Fonte: <http://oglobo.globo.com/brasil/conflito-em-sp-comecou-durante-negociacao-entre-policia-manifestantes-8689954> Acesso em: 16/062015

A imprensa corporativa nesse sentido não lançou um discurso em prol dos manifestantes, mas em prol dos seus profissionais e de sua integridade enquanto instituição comunicacional, lançando a realidade a seu próprio reflexo intencional e proposital, e para isso utilizou o discurso dos manifestantes quando foi cabível e oportuno – apenas quando o jornalismo foi atingido diretamente, ou seja, personificado no jornalista. O culpado, segundo a mídia, passou a ser a polícia e as manifestações passaram a ser legítimas e justas.

Essa suposta legitimação das manifestações se deu até o início de 2014, quando se deu a continuidade das manifestações e o cinegrafista Santiago Ilídio Andrade, da TV Bandeiran-

<sup>24</sup> Bom dia Brasil, Edição 14 de junho de 2013. Disponível em: < <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/06/policia-militar-utiliza-violencia-para-reprimir-protesto-em-sao-paulo.html> > Acesso em: 19/07/2015.

tes, foi atingido por um rojão no dia 6 de fevereiro e veio a falecer no dia 10 de fevereiro de 2014, esse fato fez a imprensa voltar ao discurso de criminalizar as manifestações.

A fim de garantir sua integridade, a imprensa passa de legitimadora do poder político para legitimadora de seu próprio poder dentro da política quando necessário. Posto esse fato, após o discurso da imprensa, oposto ao que vinha construindo até 13 de junho de 2013, os políticos passaram a dizer que as manifestações eram legítimas e que iriam investigar a truculência promovida pela polícia no dia 13. Mesmo tendo ocorrido casos de dezenas de pessoas feridas; pessoas detidas por carregarem vinagre na bolsa; pessoas relatando os abusos da polícia e inclusive alguns jornalistas feridos, o governador Alckmin e o prefeito Haddad haviam informado que a ação da polícia era justa, porém, devido às denúncias intencionais da imprensa no dia 14, no dia 17 a polícia foi proibida de atirar contra os manifestantes em São Paulo.

Assim, os editoriais dos jornais, que seguiram a partir do dia 18 de junho, passaram a ter um discurso ponderando por dois vieses – um de estar informando o caráter pacífico das manifestações e outro buscando informar que ao final das manifestações houve atos de vandalismo de uma “pequena minoria infiltrada”, e afirmando que a população era contra esses atos, havendo também por parte da imprensa televisiva plantões e edições inteiras dedicadas às manifestações, programas como, por exemplo, o *Profissão Repórter*, *Globo Repórter* e *Brasil Urgente*.

Alguns pontos relevantes acerca disso é que a imprensa dentro desse contexto passou a afirmar: “Descobrimos o que querem os manifestantes”, como no caso o programa *Profissão Repórter*. No entanto, os manifestantes entrevistados, e que tiveram as visitas dos repórteres em suas casas, eram claramente jovens da classe média, moradores de condomínios, estudantes, alguns universitários e, ao decorrer das entrevistas, diziam ser contra o vandalismo nas manifestações e que estavam ali por um país melhor, deixando de fora das entrevistas qualquer aprofundamento maior sobre quem seriam esses “vândalos”, apesar de citá-los por diversas vezes nas reportagens. Ainda em relação ao programa, houve um momento de notória manipulação: a repórter, enquanto caminha no protesto da Avenida Paulista, diz que “estava lindo” o protesto pacífico e, logo depois ao chegar a um determinado ponto, perto da polícia, sente o cheiro de gás lacrimogêneo. Com o início do tumulto após isso, a mesma fala “Poxa, estava tão pacífico, o que aconteceu?”<sup>25</sup>, porém, na edição, toma outro contexto, no qual a narração posterior a esse episódio diz que, devido a uma “minoria infiltrada que vandalizou”,

---

<sup>25</sup> Profissão Repórter, Edição 18 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iQoBOJUsNps>> Acesso em: 19/07/2015.

a manifestação sofreu as consequências (*Profissão Repórter*, 18 de junho, 2013). E em outro momento perguntava-se: Será que o movimento consegue se afastar desse vandalismo? Com entrevistas com especialistas dizendo que os vândalos eram em geral traficantes, anarquistas, skinheads ou proprietários de vans que perderam suas linhas e ainda pedindo à população que ajudassem a polícia a identificar os vândalos (*Globo Repórter*, 21 de junho, 2013)<sup>26</sup>.

O que põe nesse sentido uma questão: se a imprensa corporativa vinha sendo de fato imparcial diante as manifestações, como afirmado no *Jornal Nacional* (17 de junho, 2013), porque em nenhum momento foi apresentado uma entrevista sequer com alguns destes “vândalos”, mesmo após a mudança de discurso da imprensa? Há dois pontos a serem colocados: primeiro, muitos manifestantes não foram a favor da presença da imprensa corporativa nas manifestações, sendo necessário esconder os logotipos da imprensa dos microfones ou filmar a manifestação por cima em helicópteros; o segundo ponto é a expressão de interesses da classe economicamente dominante que rege os aparelhos estatais e midiáticos, tentando construir uma opinião pública como forma de coerção de classes e garantir o apoio dos grupos subalternos:

A opinião pública, assim, é construída em ação combinada entre estado e sociedade civil, pois o estado precisa construir um clima de opinião na sociedade favorável a suas ações, especialmente quando as ações não vão ao encontro dos interesses populares. Para isto, os meios de comunicação são indispensáveis (ALMEIDA, Jorge, 2011, p. 126).

Dessa forma, se fizermos uma comparação das entrevistas dos manifestantes no *Profissão Repórter* ou no *Globo Repórter* com a enquete feita por Datena (Você é a favor de protesto com baderna?), existiu uma manipulação da opinião pública na qual se deu através de uma representação popular dentro do discurso da imprensa, ou a falsa sensação de que quem estava sendo entrevistado tinha a mesma opinião e vinha da mesma experiência da “ampla maioria”.

### ***1.3 As manifestações de junho na imprensa cearense.***

A imprensa corporativa, por ser monopolizada, utiliza-se dos mesmos meios e discursos, assim as emissoras produzem uma visão comum a nível nacional e regional, programas como, por exemplo, *Jornal Nacional*, *Bom dia Brasil* ou *Brasil Urgente* são grandes reprodutores de um discurso que será copiado por jornais regionais sobre os “principais assun-

---

<sup>26</sup> Globo Repórter, Edição 21 de junho de 2013. <Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=oJUW9nqk\\_-A](https://www.youtube.com/watch?v=oJUW9nqk_-A)> Acesso em: 19/07/2015.

tos do dia”, lançando assim uma repetição sobre o mesmo fato em diferentes amplitudes. Essa repetição não é para garantir necessariamente que o mesmo telespectador absorva o discurso por completo, mas para que o telespectador que não viu a notícia anterior possa ter a seu alcance a mesma notícia em horário diferente, isso faz com que o alcance do discurso seja mais amplo, dessa forma as manifestações de junho de 2013 foram noticiadas em âmbito nacional e regional, pois começaram se espalhar pelo Brasil. Em Fortaleza começou no dia 16 de junho.

A imprensa do Ceará seguiu a mesma linha afiliada da Rede Globo. TV Verdes Mares, no dia 17 de junho, noticiou na 2ª edição do CE TV a manifestação que aconteceu no bairro Benfica, seguiu para as proximidades do estádio Presidente Vargas e para o Hotel Marina Park, hotel em que a seleção brasileira estava hospedada, rapidamente após noticiar sobre o treino da seleção que estava acontecendo no mesmo estádio.

O jornal impresso *O Povo*, um dos de maior circulação em Fortaleza, noticiou sobre as manifestações que ocorreram em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e outras cidades, por ter um caráter de noticiar sobre os informes nacionais considerados mais importantes e regionais; assim, no dia 18, o jornal *O Povo* trouxe a notícia em relação às manifestações que ocorreram no dia 16.

Figura 9 Jornal "O povo", 18 de junho de 2013.

PÁGINA 10 **Cotidiano**

O POVO  
FORTALEZA - CE, TERÇA-FEIRA - 18 DE JUNHO DE 2013

## Copa] Protesto em Fortaleza reúne centenas de manifestantes

**Grupo** caminhou da Praça da Gentilândia até o Marina Park hotel, onde a Seleção está hospedada. Novo protesto está previsto para amanhã



FOTOS IGOR DE MELO



Os índios fecharam a BR-222 para pedir ajuda ao governador

### Tapebas Índios protestam por demarcação

Índios da etnia Tapeba, que exigem a demarcação de seu território, ocuparam ontem a BR-222, na altura do quilômetro 17, em Caucaia, Região Metropolitana de Fortaleza. Até o fechamento desta matéria a estrada continuava fechada, segundo a Polícia Rodoviária Federal (PRF). A demarcação, segundo o líder da Articulação dos Povos Indígenas no Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (Apoiminc), Dou-rado Tapeba, está emperrada

Para liberar a estrada, foi exigido que o governador Cid Gomes ouvisse o que os líderes da etnia têm a dizer. Eles acreditam que Cid pode interferir a favor dos Tapebas. O inspetor da PRF Marco Antônio Maia se comprometeu a tentar um contato com o gabinete do governador. Uma reunião com o vice-governador Domingos Filho chegou a ser proposta, mas foi recusada pelos indígenas. A assessoria de comunicação do Go-

**Sara Rebeca Aguiar**  
sararebeca@opovo.com.br

**E**ra para ter sido um protesto em solidariedade aos feridos nos episódios de repressão policial ocorridos semana passada, durante manifestações em São Paulo, mas acabou se tornando mais uma ato contra a Copa das Confederações e do Mundo de 2014. Pouco mais de 500 pessoas, segundo a Polícia Militar, se concentraram, na Praça da Gentilândia e seguiram pelas ruas do Centro até o Marina Park Hotel. Pelo caminho, pessoas que encerravam o expediente de serviço do dia aderiram ao protesto. Por cerca de uma hora, na entrada do hotel, rente à barreira policial, em uma expressão pacífica, o grupo entoou rimas de insatisfação ao montante investido nas Copas.

O objetivo inicial dos manifestantes era se dirigir ao estádio Presidente Vargas, (PV) onde a seleção brasileira realizava um treinamento. No entanto, o protesto acabou atrasando e só foi começar, de fato, quando a seleção já havia encerrado as atividades no PV, por volta das 17 horas. Decidiu-se então, tomar algumas ruas do Centro em um posicionamento contra a Copa, de acordo com uma das participantes, Geysse Lima, 20, estudante de filosofia.

Sem uma liderança que orientasse o movimento, não havia um destino final pré-definido. Na avenida Duque

de Caxias, o cortejo parou o trânsito por cerca de 25 minutos, até que se decidiu seguir em direção ao Hotel Marina, onde a delegação brasileira está concentrada.

O protesto foi encorpado, em sua maioria, por estudantes, mas contava também com professores e integrantes de movimentos políticos, como Rosa da Fonseca, uma das líderes do Crítica Radical. "Essa é uma manifestação da maior legitimidade", declarou.

O vendedor Paulo Bezerra, 45, aderiu à manifestação na Praça da Estação. "Saí do trabalho e decidi vir com o pessoal. Antes de mais nada, reivindico mais cuidado com o povo e menos com a Copa. Quero mais segurança na minha cidade".

No percurso, alguns participantes picharam a fachada da sede do Partido dos Trabalhadores (PT), na avenida da Universidade, e de alguns comércios, no Centro, com dizeres, como "O gigante acordou" e "Copa para quem?" (Colaboraram João Marcelo Sena e Jéssica Welma)

**LEIA MAIS NA 12, 13, 15 e 18**



**Próxima manifestação**  
O grupo se reunirá às 15 h da quarta, em frente ao Makro, na BR-116.

### Os cidadãos



**Débora Soares**, 22, estudante de psicologia

#### Por investimentos para o povo

Débora soube da manifestação pela Internet. "Vi nas redes sociais que ia acontecer esse protesto e resolvi vir para as ruas. Como estudante, fico indignada pelo fato de se investir tanto dinheiro em um evento esportivo e não se cuidar da educação, da saúde, da habitação do próprio povo. É revoltante".



**Yuri Mourão**, 25, mestrando em história

#### Pelo sentimento de protestar

Yuri resolveu aderir à manifestação pelo sentimento de estar lutando por direitos. "A gente sente vontade de fazer alguma coisa quando vê um dos estados mais pobres do Brasil, como é o Ceará, que passa por uma seca tão devastadora, gastar tanto com uma Copa. Não faz sentido isso".

Com a reportagem sem mencionar vandalismo ou baderna, mas fazendo um paralelo de informações e entrevistas com os manifestantes e ainda noticiando o dia e a hora da próxima manifestação, mantendo-se no padrão que outros jornais começaram a conduzir a partir do dia 14.

Figura 10 Jornal “O Povo”, 19 de junho de 2013.

## Protestos] O novo perfil de quem vai às ruas

**Maioria** dos manifestantes é jovem e não possui vínculo partidário. O leque de reivindicações é bem amplo

**N**atália Gomes, 19 anos, estudante de Psicologia em uma instituição particular de Fortaleza. De uma família de classe média, ela é presença certa nas manifestações que estão ocorrendo na Capital. Hoje é dia de mais um protesto. Natália deverá estar na manifestação que vai sair da BR 116 em direção à Arena Castelão, onde à tarde tem jogo da seleção brasileira. Diz que os jovens do Brasil, assim como ela, abriram os olhos e passaram a enxergar o momento que o País está vivendo.

“Todo mundo busca melhoria de vida. Tenho uma condição de vida boa, mas sei que o Brasil precisa melhorar. É isso o que os jovens estão buscando”, relata. Embora engajada nas lutas sociais e preocupada com os rumos do País, Natália diz que não tem proximidade com nenhum partido político. Ela é o retrato de um novo manifestante, que está saindo às ruas em cidades

### Os cidadãos



Rui Miguel, 32, estudante

### Copa não leva a nada

Para Rui Miguel, a Copa das Confederações é o principal motivo de revolta no momento e uma das razões pela qual ele foi ao protesto na Avenida 13 de Maio, em Fortaleza, na última segunda-feira, 17. “Acho que o Brasil tem que mostrar que essa Copa não nos leva a nada”, reflete.



Fonte: O Povo, edição 19 de junho de 2013, p. 18

Outro aspecto importante foi a “descoberta” da imprensa sobre quem seriam os manifestantes. Jornalistas se arriscaram a traçar o que eles chamaram de “novo perfil” dos manifestantes. O que permaneceu em destaque foi a leitura de que os manifestantes eram de classe média, universitários e sem vínculos partidários. Apesar de terem sido considerados esses critérios como um novo perfil, estes não são características tão recentes para pessoas que participam de manifestações espontâneas; a exemplo disso, em maio de 1968 na França, um grande marco na história, a partir de demandas de universitários surgiu uma grande manifestação que impactou o governo, pôs a prova o sistema capitalista, e ainda cruzou fronteiras – lembremos que naquela época só poderia estar dentro de uma universidade quem era da elite, portanto, maio de 68 fora iniciado por universitários da elite francesa.



Apesar disso as manifestações de maio de 68 estavam em um âmbito pós-guerra, no qual a crítica se direcionava a toda modernização social, incluindo a sociedade mediada por imagens, a automatização e a sociedade massificada – críticas que se deram em meio ao anarquismo e marxismo, visando primordialmente a luta de classes assim como lembra Santos:

Não faltaram exemplos de rebeldia para a juventude dos anos 1960. Eventos e ideologias são múltiplas, assim como as organizações e práticas da contracultura e do movimento estudantil: Che Guevara, Camilo Cienfuegos (na América latina) e a revolução vitoriosa dos jovens cubanos; Mao Tsé-Tung (na China) e a revolução cultural; as táticas de ação direta não violenta de Gandhi (na Ásia); Malcon X e Martin Luther King (nos Estados Unidos), o comunismo de conselhos e a revolução húngara (na Europa). (SANTOS, 2013, p. 32).

Dessa forma, a imprensa ao explicitar isso como algo novo – um perfil de manifestantes da classe média – revela o verdadeiro público alvo dos jornais ou ao menos parte deles. Se não haviam conseguido desfavorecer as manifestações quando Jabor proclamou que eram “revoltosos de classe média”, se fez necessário favorecer a classe média como “intelectuais”, dispostos a melhorar o país, ou seja, um caminho para agradar a quem seria de interesse atingir as notícias. Gramsci, ao falar sobre esse discurso nos jornais burgueses afirmava que “tudo o que se publica é constantemente influenciado por uma ideia: servir a classe dominante, o que se traduz sem dúvida num fato: combater a classe trabalhadora” (Os Jornais e os Operários, 1916) ou como aponta Bourdieu, há a necessidade de que a notícia faça “cair o queixo do burguês” (1997, p. 26).

No entanto, enquanto o jornal local apresentava uma realidade das manifestações através de uma olhar da classe afastada da periferia; alguns jornais, principalmente os ligados aos jornais internacionais, procuravam na periferia a causa das manifestações, como foi o caso da BBC.

*Figura 11 Matéria “BBC”, 06 de junho de 2013.*

### Transtornos e infraestrutura

Muitos dos manifestantes eram moradores do entorno da Arena Castelão, descontentes com os mesmos temas que têm sido levantados em outras manifestações ao redor do país, como os gastos públicos da Copa do Mundo e corrupção, mas sobretudo insatisfeitos com as obras em seu bairro.

Para o porteiro José Armando Gomes, de 37 anos, que nasceu na região, os moradores perderam mais do que ganharam. "A gente pode viver sem a Copa, mas não sem saúde e educação. Ninguém aqui é contra a Copa, mas sim contra os gastos públicos para a Copa, que são um desrespeito à população", disse.



Gomes citou problemas trazidos pelas obras que, ironicamente, deveriam ser alguns dos maiores legados do Mundial à população. "A infraestrutura da região mudou um pouco, mas os transtornos que isso causou foram piores do que os benefícios", avalia.

A BBC Brasil ouviu queixas de outros moradores, que reclamaram de falta de água e de maior vulnerabilidade a enchentes após as obras, além de revolta ao verem um caminhão-pipa e funcionários da prefeitura lavando escovando a avenida de acesso ao estádio nos últimos dias.

Fonte: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130619\\_protestos\\_fortaleza\\_jp\\_rw](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130619_protestos_fortaleza_jp_rw) Acesso em: 20/06/2015

Porém, apesar de denunciar as condições da periferia, a mesma reportagem traz dois destaques: fotos de policiais feridos e entrevistas com torcedores e falas de jogadores da seleção brasileira pedindo para as manifestações serem pacíficas.

*Figura 12 Matéria “BBC”, policiais feridos.*

### Corre-corre

Duas avenidas que dão acesso à Arena Castelão foram bloqueadas, e os dois sentidos da BR-116 também foram interrompidos. Muitos desistiram de assistir ao jogo após a polícia usar spray de pimenta na ação.

O coronel João Batista Bezerra dos Santos, um dos chefes da operação em Fortaleza, disse que em grande parte o protesto foi pacífico e que a orientação era não deixar os manifestantes se aproximarem do Castelão.

Ele explicou que ao menos 500 homens da PM foram destacados para a operação e que a repressão aumentou depois que alguns manifestantes começaram a jogar tijolos e pedras contra os policiais.



"As bombas foram usadas por causa das pedras. Temos que pensar no público que vem ao estádio", disse o coronel, acrescentando que levou muitas pedradas, inclusive na direção do capacete.

No início da tarde era possível observar muita gente, corre-corre, helicópteros, bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral e viaturas de polícia e ambulâncias chegando o tempo todo à região do confronto. Os torcedores não estavam conseguindo entrar no estádio, mas depois o acesso a ele foi normalizado.

A assessoria de imprensa da PM do Ceará confirmou à BBC Brasil, por telefone, que os policiais atuaram para conter os manifestantes que "tentaram furar os

Fonte: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130619\\_protestos\\_fortaleza\\_jp\\_rw](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130619_protestos_fortaleza_jp_rw) Acesso em: 20/06/2015

### Figura 13 Matéria “BBC” reportagem com torcedores.

Alec Yuri, de 22 anos, veio de Campinas e diz que passou medo. Acrel que ia ser mais fácil entrar. Acho legal protestar, mas tem que ter bom senso”, diz o estudante, que deixa claro que não participaria das manifestações. “Cada um quer uma coisa, assim fica muito difícil”.

Já os mexicanos Roberto e Ansuette Serrano, de 48 e 47 anos, respectivamente, mostraram satisfação com as boas-vindas dos brasileiros, mas se disseram preocupados com o Mundial, no ano que vem.

“Diziam que era perigoso, e tínhamos medo da violência, mas os brasileiros são muito solícitos”, diz o empresário. Quanto à Copa do Mundo, no entanto, Ezequiel não é tão otimista. “Temo pelo que vai acontecer em 2014. Espero que não cancelem o Mundial”, disse à BBC Brasil.



Torcedores mexicanos dizem temer que Mundial não aconteça

Jogadores da seleção brasileira também se manifestaram a respeito dos protestos em todo o país. Nessa quarta-feira, o atacante Neymar deixou uma mensagem em seu perfil do Instagram, rede social de fotos. Sobre a imagem de uma bandeira brasileira, ele disse que está “triste por tudo o que está acontecendo no Brasil” e que entrará em campo contra o México “inspirado por essa mobilização”.

Horas antes, em coletiva de imprensa, o atacante Hulk disse que os protestos são positivos, desde que pacíficos. “As manifestações têm toda a razão, temos que ouvi-los. O Brasil pode melhorar em muitas coisas. Sentimos porque sabemos que é verdade.”

Fonte: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130619\\_protestos\\_fortaleza\\_jp\\_rw](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130619_protestos_fortaleza_jp_rw) Acesso em: 20/06/2015

Sobre as ações da polícia, o até então governador Cid Gomes parabenizou as ações e afirmou que “a orientação era para que utilizassem o mínimo de balas de borracha. Se houve algum, é porque também houve excesso de alguma minoria, porque eu vi imagem, a grande maioria estava a 200 metros da polícia e alguns tentavam efetivamente enfrentar a polícia”. (19 de junho, 2013)<sup>27</sup>

A presidente Dilma Rousseff também em uma declaração a televisão exibida no dia 21 de junho, disse achar legítimo as manifestações e em meio a promessas de um governo melhor e pedidos para que não houvesse comprometimento da Copa, incorporando assim o discurso da imprensa corporativa, declarou que:

O governo e a sociedade não podem aceitar que uma minoria violenta e autoritária destrua o patrimônio público e privado, ataque templos, incendeie carros, apedreje ônibus e tente levar o caos aos nossos principais centros urbanos. Essa violência, promovida por uma pequena minoria, não pode manchar um movimento pacífico e democrático. Não podemos conviver com essa violência que envergonha o Brasil. Todas as instituições e os órgãos da Segurança Pública têm o dever de coibir, dentro dos limites da lei, toda forma de violência e vandalismo (...). (...) Eu quero repetir que o meu governo está ouvindo as vozes democráticas que pedem mudança. Eu

<sup>27</sup> Cid Gomes comenta manifestações, 19 de junho de 2013. Disponível em: <http://tv.diariodonordeste.com.br/video/cidade/cid-gomes-comenta-manifestacoes/01b83e6a3a9180d29e3c1f19a289b6ec>. Acesso em: 20/07/201528.

quero dizer a vocês que foram pacificamente às ruas: eu estou ouvindo vocês! E não vou transigir com a violência e a arruaça. Será sempre em paz, com liberdade e democracia que vamos continuar construindo juntos este nosso grande país.<sup>28</sup>

Ao pensar sobre o fato de tanto a imprensa quanto os governos chamarem as manifestações de autoritárias, no sentido próprio da palavra, Engels define autoridade como “imposição da vontade de outrem sobre a nossa” (1873)<sup>29</sup>, ou seja, o governo, ao aumentar o preço das passagens e criminalizar as manifestações, foi autoritário – pois impuseram ao povo algo que não era da sua vontade –, assim como a polícia foi autoritária ao conter as manifestações com balas de borracha e gás lacrimogêneo, tão quanto a imprensa o foi, pois estavam todos impondo suas vontades, porém os únicos que permaneceram para o governo e a imprensa como autoritários foram os vândalos, caracterizados por “minorias”.

Assim foram divididos os manifestantes pelos governantes e pela imprensa: aos que manifestavam com cartazes, bandeira brasileira e cantando o hino faziam parte da população que queria o melhor para o Brasil e aos que utilizavam de roupas em geral pretas ou escuras faziam parte da minoria infiltrada assim como foi capa do O Povo no dia 21 de junho:

---

<sup>28</sup> Pronunciamento da presidenta Dilma Rousseff, 21 de junho de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ntx3MI-DiCQ> Acesso em: 20/07/2015.

<sup>29</sup> ENGELS, Friedrich. Sobre autoridade, março de 1873. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1873/03/autoridade-pt.htm>. Acesso em: 21/07/2015.

Figura 14 Capa do Jornal "O Povo", 21 de junho de 2013.

# O POVO 85

R\$ 2,00 - FORTALEZA - CE - SEXTA-FEIRA - 21 DE JUNHO DE 2013 - ANO LXXXVI, Nº 28.505 - 85 ANOS - WWW.OPOVO.COM.BR

## BRASIL NAS RUAS

# ISTO É DEMOCRACIA



**Fortaleza.** Jovem pinta cartaz para o protesto que partiu da praça Portugal e reuniu, segundo a organização, cerca de 10 mil pessoas. No trajeto, o que se viu foi apoio à ação por parte da vizinhança e de motoristas



**Brasília.** A Capital Federal reuniu 30 mil pessoas. Ao todo, 388 cidades tiveram a convocação de manifestos. Cerca de 1 milhão de pessoas saíram às ruas em protesto pelas mais diferentes causas



**Rio.** 300 mil pessoas de várias gerações marcharam da Candelária até a avenida Presidente Vargas. Reivindicação cobrava maior qualidade no transporte público e mais transparência na gestão pública

# ISTO É VANDALISMO



**Fortaleza.** Grupo quis invadir o Palácio da Abolição, sede do Governo do Estado, durante protesto. Manifestação, que começou pacífica, terminou em conflito, com 61 pessoas detidas e levadas à delegacia



**Brasília.** Após início pacífico, manifestantes tentaram invadir Palácio do Itamaraty. Vândalos atearam fogo ao prédio e só foram contidos pela intervenção da PM. 31 pessoas ficaram feridas, com três em estado grave



**Rio.** Em um dos confrontos mais violentos dos últimos oito dias, um carro de uma emissora de TV foi incendiado e uma bomba de gás lacrimogêneo foi atirada no Hospital Municipal Souza Aguiar, no Centro

*Figura 15 Jornal “O Povo”, 21 de junho de 2013.*

## **Protesto] Um grito de esperança**

**Era para ser** um protesto pela redução do preço da tarifa de ônibus e entrega das carteiras estudantis, mas o que se viu ontem (antes da chegada do vandalismo) foi um grito de esperança

FÁBIO LIMA

Fonte: O Povo, edição 21 de junho, 2013, p.12.

Após o dia 20 de junho, em que ocorreu o ápice das manifestações, sendo 438 cidades protestando, os jornais se dividiram em mostrar o comércio como um dos maiores prejudicados, juntamente com o governo pela depredação, contando patrimônio público, prédios e concessionárias; mostrar os apelos do governo pela manutenção da ordem e os pedidos dos próprios manifestantes por “sem vandalismo” e, ainda sem nenhuma menção a alguma arbitrariedade da polícia, mostrando a vontade político-pública.

Nesse sentido, para Gramsci, segundo Luiz Júnior, o termo vontade político-pública significa:

Pode-se aqui compreender a expressão vontade política pública como a ação (intervenção/abstenção) público-estatal “consensualmente” desejada pelos diversos grupos sociais, produto e expressão de complexas interações sociais (entre instituições privadas e estatais e os indivíduos), com a predominância da função ideológica diretiva da classe dominante, em face da hegemonia materializada e da maior facilidade de acesso (e controle de) aos meios de opinião (notadamente escolar e de comunicação). (JÚNIOR, 2000, p. 51).

Algumas dessas vontades são patriotismo e nacionalismo, ensinado nas escolas e disseminado nos demais discursos políticos, meios de comunicação e movimentos populares. A ascensão do nacionalismo no século XIX, como descrito por Hobsbawm, que era dado por pessoas de visão política de direita, hoje faz parte dos mais diversos âmbitos de movimentos populares exatamente como consequência desse sentimento construído a partir do desenvolvimento e consolidação capitalista.

Dessa forma o apreço pela nação, assim como o patriotismo demonstrado pela imprensa corporativa ao se referir à bandeira do Brasil, carregada pelos manifestantes; o hino nacional sendo cantado e claramente havendo uma aclamação para as manifestações dadas dessa maneira, sendo chamadas como democráticas, faz parte da vontade política pública.

Tal discurso vem para legitimar o poder estatal e do mercado sob a sociedade, o desejo de manter seu domínio precisa de alguma forma conduzir a sociedade, se não o conseguem em certas situações, tornando-os passivos perante as leis e o governo, através do discurso hegemônico da imprensa corporativa, o poder burguês deve ser defendido pelo uso da violência estatal.

## 2 A imprensa independente - Percepções sobre as jornadas.

Nesse capítulo, abordaremos sobre as percepções da imprensa independente sobre as manifestações de junho de 2013. Em primeiro momento analisaremos as relações entre a “contra hegemonia”, conceituado por Gramsci, e a imprensa independente; em segundo momento analisaremos o discurso das plataformas das mídias independentes, como sites do Vírus Planetário, CMI e comunidades do Facebook sobre as manifestações a nível nacional e, em terceiro momento, analisaremos o documentário “Com Vandalismo” como enfoque central da mídia independente nas manifestações em Fortaleza/Ce.

### 2.1 *A contra hegemonia e a mídia independente.*

A hegemonia, segundo Gramsci, está na relação entre a burguesia em conjunto com o Estado e as classes subalternas, essas relações para ele são contraditórias e em constante movimento, ou seja, a hegemonia não é constante; um bloco histórico pode (e deverá com o tempo) sofrer crises e estas crises se dão no âmbito político e econômico, dando espaços para o questionamento das classes subalternas sobre a legitimidade de poder da burguesia e a representatividade do governo – assim “a força do cotidiano e o real” vivenciado por cada um, ajuda na construção de uma contra-hegemonia. Vejamos o que afirma Gruppi.

Uma classe é hegemônica, dirigente e dominante até o momento em que – através de uma classe sua ação política, ideológica, cultural – consegue manter articulado um grupo de forças heterogêneas e impedir que o contraste existente entre tais forças exploda, provocando assim uma crise na ideologia dominante, que leve à recusa de tal ideologia, fato que irá coincidir com a crise política das forças no poder. (GRUPPI, 1978, p. 67).

Para Gramsci, se a hegemonia de um dado bloco histórico dá-se por vários âmbitos sociais, sendo não somente políticos, mas também cultural, moral, e de concepção de mundo (GRUPPI apud JÚNIOR, 2000.), a contra-hegemonia deveria também ocorrer nos mesmos âmbitos sociais e políticos, incluindo, portanto a imprensa. Gramsci aponta a necessidade de um boicote à imprensa burguesa no escrito “Os Jornais e os Operários”, dizendo:

Se os operários se persuadirem desta elementaríssima verdade, aprenderiam a boicotar a imprensa burguesa, em bloco e com a mesma disciplina com que a burguesia boicota os jornais dos operários, isto é, a imprensa socialista. Não contribuam com o dinheiro para a imprensa burguesa que vos é adversária: eis qual deve ser o nosso



grito de guerra neste momento, caracterizado pela campanha de assinaturas, feitas por todos os jornais burgueses. Boicotem, boicotem, boicotem!<sup>30</sup>

A imprensa contra hegemônica no Brasil ganhou maiores amplitudes com o avanço da tecnologia, assim como a imprensa oficial. O surgimento dessa imprensa historicamente ocorre quando a censura se torna percebida, a exemplo na ditadura militar, por meio de folhetins e jornais impressos em geral, esse foi período tido como o ápice da imprensa contra hegemônica no Brasil e em outros países.

Entre 1964 e 1980, nasceram e morreram no Brasil cerca de 150 periódicos, que ficaram conhecidos como imprensa alternativa (também chamada de nanica, independente, entre outros). O dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, entretanto, faz uma diferença: a imprensa alternativa caracterizar-se-ia “por uma posição editorial renovadora, independente e polêmica”. Já a chamada imprensa nanica seria um tipo de imprensa alternativa com estrutura empresarial modesta e poucos recursos financeiros. Seria também caracterizada pelo formato tabloide, comum à maioria dessas publicações. (Imprensa alternativa: apogeu, queda e novos caminhos, 2005, p. 8).

Apesar desse vislumbre de Gramsci ao compreender a saída para a sociedade contra o capitalismo, como uma contra-hegemonia exercida por intelectuais orgânicos empenhados em ganhar as massas e consolidar um modo leninista de comunicação, posto que a imprensa continuasse nas mãos unilateralmente de intelectuais das massas, que conduziriam as massas para suas revoltas, manifestações ou revoluções, atualmente não se compreende dessa forma. A luta contra a hegemonia está sendo construída no campo da autonomia e autogestão, portanto, os intelectuais orgânicos dentro dos meios de comunicação são os comunicadores/ativistas. Há uma ruptura com sindicatos ou partidos, nos quais os jovens em geral procuram de forma autônoma se comunicar ao resto do mundo. Isso se fez possível, obviamente, por meio da globalização – compartilhar sobre o que se passa no cotidiano ou sobre momentos unos como manifestações. A comunicação aqui se faz, portanto, de indivíduo para indivíduos interligados por um mesmo objetivo de conhecimento sobre os fatos, por esse motivo, a imprensa independente pode servir como um instrumento de boicote social à imprensa burguesa e estatal, mas não necessariamente será contra-hegemônica, como Gramsci sugestionou, mas uma imprensa alternativa. Nas palavras de Noam Chomsky a imprensa alternativa é.

Aquela controlada pela comunidade em comparação com aquela que é controlada pelo Estado ou pelas grandes corporações. Isso mantém as pessoas juntas. São capazes de ações construtivas porque tem alguma forma de interação. É uma coisa positiva que devem ser levadas às últimas consequências. Acho que vamos enfrentar tempos difíceis. Há toda uma concentração de recurso e poder que a mídia alternativa tem pela frente, restando uma árdua batalha. Uma estação de rádio mantida pelos ouvintes significa que todo o dia as pessoas podem olhar o mundo

<sup>30</sup> GRAMSCI, Antonio. Os jornais e os operários, 1916. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1916/mes/jornais.htm>> Acesso em: 08/08/2015.

diferente. Não apenas o que a mídia corporativa quer que se veja, mas outra forma de entender as coisas (CHOMSKY apud TÓSCA, 1996, p.11).

Ou seja, uma alternativa à ascensão e disseminação de notícias, dada pelas e para as massas de forma supostamente autônoma e cooperativa, dando margem para os sujeitos históricos poderem contar a própria história fora dos parâmetros oficiais de comunicação de alguma instituição, seja a imprensa privada, seja a imprensa sindicalista ou partidária.

Em tempos mais recentes, após a invenção da internet, a imprensa alternativa passou a ter outra formatação e ser mais acessível – passou a ser chamada de *Mídia Independente*. É o caso do CMI (Centro de Mídia Independente), site que surgiu em 1999, a fim de cobrir os protestos ocorridos em Seattle contra o encontro da OMC (Organização Mundial do Comércio), a partir de então o coletivo passou a se proliferar em outros países formando os Centros de Mídia Independente na Europa, na Ásia, Oceania, uma boa parte dos Estados Unidos da América e a América Latina, incluindo o Brasil.

A mídia independente tem como característica a contribuição da população em seu site veiculando suas notícias, reportagens, vídeos ou fotos; os autores não são somente os associados, mas também pessoas sem vínculo com o coletivo; a população pode enviar suas próprias notícias e comentários – há, dessa maneira, uma conexão da sociedade com o meio comunicacional de forma instantânea. Para Moraes, a mídia independente se compromete com as seguintes características.

a) oposição direta ao neoliberalismo e defesa da universalização dos direitos democráticos e da socialização das riquezas; b) descentralização informativa: qualquer ponto da rede pode estabelecer permutas com outros pontos, dificultando o controle pelas instâncias de poder; c) os dados podem ser difundidos sem submissão às diretrizes e às idiosincrasias da mídia; d) a dinâmica virtual incentiva a interlocução e a interação baseadas em visões de mundo convergentes; e) estoques de textos e materiais audiovisuais podem ser compartilhados com base no princípio inclusivo da "publicação aberta" (leitores podem adicionar comentários, publicar textos e/ou fotos sem prévio consentimento dos editores e aproveitar arquivos e bases de dados) e na adesão ao copyleft (permissão para reproduzir informações sem fins comerciais, desde que citada a fonte, evitando-se as barreiras impostas pela propriedade intelectual) (MORAES, 2007, p. 4 - 5)

Essa mídia é em geral apartidária e não sustentada por recursos provindos de organizações (institucionalizadas), se mantendo por meio de doações de qualquer pessoa que queira contribuir: “O CMI não faz parte e não é mantido pelos grandes conglomerados de mídia e seus patrocinadores. Pelo contrário, funcionamos através do esforço de voluntários e de doações”<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Contribua com a Mídia Independente Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/support.shtml>. Acesso em: 16/07/2015

No CMI do Brasil encontra-se uma descrição sobre o que seria essa mídia independente:

Sobre o Centro de Mídia Independente

O CMI Brasil é uma rede de produtores e produtoras independentes de mídia que busca oferecer ao público informação alternativa e crítica de qualidade que contribua para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente. O CMI Brasil quer dar voz à quem não têm voz constituindo uma alternativa consistente à mídia empresarial que frequentemente distorce fatos e apresenta interpretações de acordo com os interesses das elites econômicas, sociais e culturais. A ênfase da cobertura é sobre os movimentos sociais, particularmente, sobre os movimentos de ação direta (os "novos movimentos") e sobre as políticas às quais se opõem. A estrutura do site na internet permite que qualquer pessoa disponibilize textos, vídeos, sons e imagens tornando-se um meio democrático e descentralizado de difusão de informações.

Odeia a mídia? Seja a mídia!<sup>32</sup>

Esse novo tipo de imprensa, dado por meios das novas tecnologias, nasceu vinculado às revoltas populares; diferente de experiências anteriores, não parte necessariamente de um sindicato ou um partido contra-hegemônicos, porém de indivíduos autônomos insatisfeitos com a representatividade inclusive midiática, por isso o nascimento desse tipo de imprensa se deu em meio às revoltas populares, sendo uma forma também de militância. O que as diferencia das imprensas hegemônicas é, segundo o CMI, que a mesma se denomina como parcial, ou seja, não há intenção de mostrar as duas versões de um fato, posto que os colaboradores desse tipo de imprensa sejam também militantes, e cada um irá mostrar a sua versão factual em tempo real ou não, o lado a ser mostrado fica a critério de cada um na visão do manifestante, há uma contra hegemonia não centralizada. O que unifica seus colaboradores é a luta anticapitalista.

## ***2.2 A mídia independente nas manifestações de junho de 2013.***

Nas manifestações de 2013 a imprensa independente teve uma grande importância para a divulgação e registros dos atos. A título de exemplo o próprio CMI, que serviu de plataforma para a publicação de fotos, vídeos e comentários sobre as manifestações de forma instantânea.

Pesquisamos no site quais postagens sobre as manifestações foram publicadas em junho de 2013 – fizemos um pequeno recorte. Encontramos os mais diversos tipos de postagens, desde anarquistas, comunistas, libertárias ou direitistas a pessoas que criticavam as

---

<sup>32</sup> Sobre o Centro de Mídia Independente Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/about.shtml>. Acesso em: 16/07/2015.

manifestações, segundo o próprio autor, “sentado em um sofá tomando um vinho” (Gilberto Suffert, 18/06/2013). O CMI é uma grande rede social no qual cada pessoa pode fazer seu relato para pessoas as quais não se conhecem, tendo em vista que todos podem ter acesso. Para compreendermos o ponto de vista desses militantes sobre as manifestações, fizemos então uma seleção daqueles que estavam, segundo eles, nas manifestações, e percebemos que em grande parte traziam críticas às ações da polícia; selecionamos três relatos que se assemelham aos demais sobre a manifestação em São Paulo:

Violência policial começou com provocação da tropa de choque

[...] vários episódios anteriores já demonstraram que há uma 'linha dura' dentro da PM, articulada em torno da Rota e composta por oficiais que tiveram a cabeça feita pela ditadura militar e até hoje atuam com espírito de Gestapo e não de polícia democrática [...] A imprensa e os políticos reagiram exatamente como esperado à violência extrema que a Polícia Militar paulista desencadeou contra manifestantes, jornalistas, transeuntes e até fregueses dos botecos na 5ª feira negra: houve os que protestaram, houve os que justificaram, ordenaram-se investigações e é provável que um ou outro gato pingado venha a ser punido. Depois, o esquecimento (LUNGARETTI, Celso 15/06/2013)<sup>33</sup>

Sobre a manifestação ocorrida em Belo Horizonte:

Grande enfrentamento hoje sob a lua cheia em Belo Horizonte. As movidas anticopa estão cada vez mais radicais, apesar de muito fluffy ainda criticar e tentar isolar indivíduos que empreendem ações diretas mais ousadas. Concessionárias de veículos e bancos da Avenida Antonio Carlos (trajeto do Mineirão, onde acontecia uma partida da Copa das Enganações) foram destruídos sob a fúria anticapitalista do povo. Debaixo do Viaduto Jose Alencar xs manifestantes enfrentaram a Guarda da Fifa (uma mescla de PMMG, Guarda Nacional e Leis da Copa) sob o lema "gentileza gera gentileza". Bombas de efeito moral e gás lacrimogênio em abundancia. Helicópteros (2) ainda pioravam os efeitos do gás espalhando-o em voos rasantes sobre xs manifestantes. Tiros de bala de borracha a todo tempo, resultando em pessoas feridas. Uma cápsula de munição letal foi encontrada por manifestantes em meio ao tumulto. O povo se defendeu com escudos e barricadas improvisadas e respondeu com pedras aos ataques policiais sob palavras de ordem como "o povo unido jamais será vencido". Em um dado momento, a cavalaria teve de recuar ante o contrataque de manifestantes, o que foi saudado a gritos por todxs. Um adolescente de 17 anos aparentemente caiu do viaduto e foi hospitalizado, ainda não se sabe se ele corre risco de morte ou não. Muito se espera da Greve Geral do dia 01 (Amigxs da Insurreição, 22/06/2013).<sup>34</sup>

Algumas postagens chamaram atenção para o fato de que imprensa corporativa estava afirmando que os manifestantes eram da classe média, contradizendo muitos manifestantes que publicaram no CMI. Por isso cabe um relato um pouco longo sobre a manifestação que ocorreu na comunidade de Itanhaém, São Paulo:

E hoje o povo de Itanhaém foi pra rua com um nó na garganta.

<sup>33</sup> LUNGARETTI, Celso. Violência policial começou com provocação da tropa de choque. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2013/06/520056.shtml>. Acesso em: 16/07/2015

<sup>34</sup> Amigxs da Insurreição. [AntiCopa] BH: Acoes radicias e enfrentamento policial na manifestacao de hoje. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2013/06/520483.shtml>. Acesso em: 16/07/2015.

Não meus caros, não era a classe média de Itanhaém que estava nas ruas, não eram os "Bacanas", esses se limitaram a dar um medroso tchauzinho do alto de suas mansões na boca da barra, Fecharam bem cedinho seus comércios devido a boataria maldosa, ou surgiram horas depois bem vestidos para um desprezioso passeio e para ver a loja da Hering, símbolo da Ascensão econômica dos endinheirados da cidade com o vidro quebrado por algum revoltado.

[...]Na primeira bomba, a população, que de [SIC] deu uma lição de pacifismo, já estava correndo pra longe, desacostumados com esse tipo de acontecimento, mas foram lançadas mais 2, 3,4,5 bombas, uma dessas bombas soltou um estilhaço que atingiu a testa de uma corajosa garota, algum centímetros para o lado e a coisa poderia ser pior, bombas que se venceram em 2010, senhoras desmaiando, asmáticos, revoltosos populares xingaram, sentaram no chão, gritaram sem violência, mas o caos já tinha tomado conta, o caos GERADO PELA POLICIA deixou o terreno pronto para arruaceiros e oportunistas, a mesma policia que distribuía enquadrões nos moto-boys e apavoros nos funkeiros nosso belo calçadão.

A mesma policia que tentou posar de boazinha para outros, nosso humilde comandante se explicando, simpatizantes militares de cabeça raspada, camisas do exército e índole duvidosa filmando a gentil entrevista desses heróis, a burguesia de Itanhaém vibra! O POVO FEZ POR MERECER ! Tinha que jogar bomba nesses arruaceiros, nesses 50 arruaceiros, segundo a patética mídia local[...] (SABIÁ, 25/06/2013).<sup>35</sup>

Sobre a fala dos próprios manifestantes, podemos perceber contradições com a generalização do perfil socioeconômico construído pela imprensa corporativa. O manifestante de Itanhaém não se identificava com a classe média.

Outro veículo de comunicação, a plataforma Vírus Planetário<sup>36</sup>, que permite que seus leitores sejam também autores das reportagens, circula sua revista e seu site na internet com a ajuda de sindicatos da esquerda, doações e assinaturas da revista, além de produzir programas que podem ser vistos em seu site e ter uma página no *Facebook*. Esse formato de jornalismo por meio de uma revista impressa, um site, páginas em redes sociais e um programa apresentado por jornalistas se assemelha a mídia hegemônica, porém com um discurso contrário a ela e com reportagens escritas pelos próprios militantes.

As reportagens sobre as manifestações no Rio de Janeiro a partir do dia 6 de junho trazem o conteúdo de filmagens e vídeos feitos com celulares dos manifestantes, outra reportagem do dia 10 de junho traz o título “PROTESTO CONTRA O AUMENTO DA PASSAGEM NO CENTRO DO RIO DE JANEIRO TERMINA COM REPRESSÃO DO BATALHÃO DE CHOQUE DA PM” diferente de “MANIFESTAÇÃO TERMINA EM VANDALISMO” da imprensa corporativa. No dia 11 de junho, a reportagem seguiu com

<sup>35</sup> SABIÁ. Repressão e Criminalização das Manifestações em Itanhaém. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2013/06/520617.shtml>. Acesso em: 16/07/2015.

<sup>36</sup> A Vírus Planetário surgiu em 2008 com o desejo de alguns jornalistas e militantes de criar um espaço para debater sociedade, política, cultura e mídia[...]A linha editorial da revista é pautada, essencialmente, pela democratização da comunicação, pelos direitos humanos e pelo fim das desigualdades sociais. Disponível em: <http://www.virusplanetario.net/quem-somos/> Acesso em: 19/07/2015.

“cerca de 1000 pessoas se reuniram, ontem (10/06), para se manifestar contra o aumento da passagem de ônibus de 2,75 para 2,95. A passeata começou pacífica, mas devido a violenta repressão social acabou terminando em confronto e ainda mais indignação dos presentes”, fato que vem acompanhado da confirmação nos comentários pelos manifestantes sobre a truculência da polícia.

*Figura 16 Comentários de manifestantes, 11 de junho.*

**Matheus** Começamos em um protesto bonito e tranquilo, fomos da cinelândia a primeiro de março sem problemas e com muitas pessoas. Chegando na 1o de março a PM decidiu acionar o choque para acabar com a democracia e tudo degringolou. A rapazeada do movimento anarquista enfurecida atirou cocos e coquetéis molotov nos agressores (vestidos como policiais) e causaram algumas depredações (infelizmente). Daí fomos à presidente Vargas e tentamos montar algumas barricadas para nos proteger, mas não foi possível, já que estávamos dispersos. Seguimos então até a altura do detran quando choveram bombas de gás lacrimogênio e a polícia veio espancando garotos menores de idade e lançando spray de pimenta em todo mundo. Mas o povo não desistiu e se reorganizou na central, quando montamos um cordão humano durante uns 20 mins e depois nos dirigimos à 5a DP para protestar em favor dos nossos amigos que foram presos injustamente, dentre eles o Mc Ph Lima. A polícia, mais uma vez, impediu a nossa liberdade de ir e vir reprimiu violentamente os manifestantes, que dispersavam e retornavam. Alguns chegaram a delegacia e outros dispersaram a se organizaram em outro lugar para discutir as próximas ações.

Curtir · Responder · 2 · 11 de junho de 2013 às 00:57

**Matheus** Nessa hora aí a gente já tinha levado muito gás

Curtir · Responder · 11 de junho de 2013 às 00:49

**Lu** pena que as fotos nao estao tao claras....querem reprimir nosso direito de lutar por mudancas!

Curtir · Responder · 11 de junho de 2013 às 01:53

**[Redacted]** Hoje eu estou revoltado , mas nem com rivotril da para aguentar tamanho monte de absurdos , desmandos , desrespeito a cidadão , e para quem é bom PM me desculpe mas para a maioria vão se fuder bando de atávicos e Lindo o nosso querido Governador tucano "corrupto " diga-se de passagem que diz que a corregedoria vai investigar os abusos da PM é como manda a Gestapo investigar a SS na Alemanha Nazista, alias a conclusão é que eles agiram como o protocolo manda e só estavam obedecendo ordens o mesmo argumento dos Nazis , em qualquer lugar do mundo vc ve a policia fazendo uma prisão durante levantes eles derrubam imobilizam e no maximo arrastam o suspeito preso para o veiculo de prisão e não batem em quem esta desacordado até causar graves ferimentos muito menos rouba celulares com imagens do que aconteceu ..... pronto desabafei

Curtir · Responder · 15 de junho de 2013 às 00:25

Fonte: <https://www.facebook.com/virusplanetario?fref=ts> Acesso em: 19/07/2015

Os relatos encontrados nos comentários são contrários aos relatos da imprensa corporativa, o qual se percebe uma inversão da forma em que os fatos foram relatados na imprensa. Para os manifestantes, quem teria começado a violência foram os policiais e que os manifestantes se defenderam, com uma notória demonstração de raiva aos policiais e solidariedade a quem ele afirmou serem os anarquistas.

Esse relato em específico contradiz a demonstração de uma separação dos manifestantes “pacíficos” e os “violentos”. A ação direta ou violenta não parte

necessariamente do pensamento de raiva dos policiais, é uma estratégia de defesa aos que estavam em linha de frente.

Outra reportagem no site do *Vírus Planetário* denunciou a violência dos policiais contra manifestantes. Essa reportagem apresentou um vídeo do ocorrido, demonstrando a truculência cometida por policiais a um jornalista.

*Figura 17 “Site Vírus”, Jornalista versus sete policiais.*

| Jornalista versus sete policiais – São Paulo 13/6/2013 0

---

POR VÍRUS PLANETÁRIO EM 14 DE JUNHO DE 2013 · MOVIMENTOS SOCIAIS, VIDEOS

---

[youtube id="043RmwFwero" width="100%" height="350"]  
 Fonte do vídeo: Centro de Mídia Independente

Na noite de ontem (11/6), o repórter do Portal Aprendiz, Pedro Ribeiro Nogueira, foi preso durante cobertura da manifestação contra o aumento da tarifa do transporte público na capital paulista. Assim como outros jornalistas, Nogueira foi agredido e detido pela polícia militar, embora estivesse apenas trabalhando na cobertura dos fatos.

Nogueira foi indiciado para responder aos crimes de dano qualificado e formação de quadrilha. PRESTEM BEM ATENÇÃO NAS IMAGENS, ele não faz absolutamente nada, foi agredido PELOS POLICIAIS e ACUSADO de crimes absurdos.

.Fonte: <http://www.virusplanetario.net/jornalista-versus-sete-policiais/> Acesso em: 19/07/2015.

No Rio de Janeiro, uma reportagem também chama atenção para um fato não veiculado na imprensa corporativa: a invasão policial na comunidade da Maré após as manifestações, que, segundo a reportagem, a polícia entrou na comunidade atirando “bala de verdade”, deixando 9 mortos, muitos feridos, cortando a linha de telefone e atirou no transformador deixando a comunidade sem energia.

Desde ontem (24/06) as favelas da Maré foram ocupadas por diferentes unidades da Polícia Militar do Estado do Rio (PMERJ), incluindo o Batalhão de Operações Especiais (Bope), com seu equipamento de guerra – caveirão, helicóptero e fuzis. Tal ocupação militar aconteceu após manifestação realizada em Bonsucesso pela redução do valor da passagem de ônibus, como as inúmeras que vêm sendo realizadas por todo o país desde o dia 6 de junho. As ações da polícia levaram à morte de um morador na noite de segunda-feira. Um sargento do Bope também morreu na operação e a violência policial se intensificou, com mais nove pessoas assassinadas, numa clara demonstração de revide por parte do Estado. (25 de junho de 2013)<sup>37</sup>

<sup>37</sup> Nota Pública contra a violência policial: após protestos polícia realiza chacina na Maré Disponível em: <http://www.virusplanetario.net/nota-publica-contra-a-violencia-policial-apos-protestos-policia-realiza-chacina-na-mare/#ixzz3kocwNKyo>. Acesso em: 19/07/2015.

*Figura 18 A chacina na Maré.*



*Foto: Redes de Desenvolvimento da Maré*

Fonte: <http://www.virusplanetario.net/nota-publica-contra-a-violencia-policia-apos-protestos-policia-realiza-chacina-na-mare/> Acesso em: 19/07/2015.

Essas reportagens demonstram uma marginalização feita pelos canais de notícias privados quanto aos casos ocorridos nas comunidades. É de interesse da imprensa corporativa exibir conflitos entre traficantes, mortes causadas em brigas por poder, policiais mortos ou feridos em conflitos com moradores, mas quanto às invasões policiais, a chacinas e desaparecimentos de moradores são apagados em seus registros, demonstrando uma necessidade de selecionar verdades mostradas a fim de marginalizar e criminalizar as comunidades pobres. Para Cantarino, “a mídia ajudaria a criar as imagens, estereótipos e preconceitos que, aos olhos do público, justificariam a ilegalidade da atuação policial” (2012)<sup>38</sup>. Nesse sentido, Feltran percebe que, ao estereotipar a quem reside em favela, a mídia reforça um conceito de que a violência seja própria e, portanto, natural dessas pessoas que, por conseguinte, se não são “bandidos” irão se tornar e, dessa forma, quando há invasão da polícia nas favelas, pode ser justificada sua ação pelo jargão já disseminado e reforçado por

<sup>38</sup> CANTARINO, Carolina. Mídia ajuda a legitimar a repressão ao criminalizar periferias e favelas. 2012. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252012000200003&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252012000200003&script=sci_arttext)> Acesso em: 10/08/2015.



programas policiais de que “bandido bom é bandido morto” ou “bandido tem que morrer” (FELTRAN, 2008, p. 139).

Assim as pessoas que residem na favela tem voz apenas por meio das redes sociais e por meio da cultura, como em poemas ou músicas. Esse fato ocorrido na Maré, por exemplo, se tornou letra de uma música do grupo de rap chamado *Anarco Funk*, que demonstra a diferenciação das ações da polícia em bairros nobres e nas favelas. A música chamada “A Maré tá cheia” diz:

Então, duas semanas atrás, num protesto, treze pessoas morreram na favela da Maré. Duas semanas depois, alguns manequins foram queimados nas ruas do Leblon. E a cúpula de segurança da secretaria do Rio se reuniu para combater o mal e proteger os manequins da Toulon. Moral da história: tem muito mais valor a vida de um manequim da Toulon do que a vida na Maré. A Maré tá cheia de sangue A Maré tá cheia de corpo E na Maré, na Maré A polícia mata quando quer E na Maré, na Maré A polícia mata quem quiser Mas a Rocinha diz: Ô Amarildo, onde tu ta? Sumir desse jeito, não Assim não dá! Mas a Rocinha diz: Seu Amarildo, onde tu ta? Sumir desse jeito, Assim não dá!<sup>39</sup>

Percebemos que as expressões culturais da comunidade servem como forma de denunciar o que ocorre cotidianamente nas favelas. Foi ampliado aos manifestantes das jornadas de junho de 2013, mas que foi silenciado e ocultado pela imprensa corporativa.

### **2.3 As manifestações de junho na imprensa independente cearense – Documentário “Com Vandalismo”.**

Para termos uma visão equiparável aos eventos ocorridos em São Paulo e Rio de Janeiro e a ação de manifestantes e da rede de mídia independente, analisamos o documentário “Com Vandalismo”, produzido pelo Coletivo Nigéria, que mostra o ocorrido nas manifestações de Fortaleza/Ceará. O documentário foi lançado no dia 26 de julho de 2013. Segundo sua sinopse publicada no site *Youtube*:

"SEM VANDALISMO!" repetiam gritando parte dos manifestantes que ocuparam as ruas de Fortaleza. Mas na multidão das manifestações, que explodiram no Brasil em junho de 2013, outros grupos empregaram métodos mais diretos. Tachados de "vândalos", foram criminalizados por parte da grande mídia, antes mesmo de serem ouvidos. Este documentário vai à "linha de frente" para registrar os confrontos e entrevistar os manifestantes para mostrar as motivações dos atos de desobediência civil.<sup>40</sup>

<sup>39</sup> Anarco Funk. Música: A Maré tá cheia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4SIq7STXcZg> Acesso em: 20/07/2015.

<sup>40</sup> Documentário: “Com Vandalismo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em: 20/07/2015.

O título do documentário, portanto, se utiliza de uma inversão do pensamento construído ao decorrer das manifestações pela imprensa corporativa e por uma parcela dos manifestantes que pediam “Sem vandalismo” substituído por “Com vandalismo”, demarcando assim inicialmente outra visão sobre as manifestações, dessa forma no início do documentário narra-se que:

As manifestações tiveram diferentes motivos e resultados, o ponto em comum a separação entre pacíficos e vândalos, divisão propagada pela imprensa e governantes depois de várias manifestações resultarem em confronto com a polícia. Vândalos, segundo a grande imprensa brasileira são pessoas sem motivações políticas, que depredam patrimônio público, carros e veículos de comunicação e atacam a polícia com o simples objetivo de estabelecer o caos, vândalos seriam a minoria infiltrada, baderneiros, bandidos, por causa disso, não merecem ser escutados (...). Resolvemos acompanhar de perto os conflitos e os chamados vândalos.<sup>41</sup>

A imprensa independente pauta seus temas em sobreposição aos da imprensa corporativa. Há uma preocupação em não só mostrar outro ângulo do fato, mas em reafirmar a existência de um discurso outro que precisa ser confrontado. A primeira fala do documentário “Com Vandalismo” de um manifestante denunciando a truculência policial na qual o rapaz afirma que “era um dos que estavam na corrente para impedir que o povo passasse”, ajudando aos policiais segurando as grades, porém ao se deparar com os policiais jogando spray de pimenta no rosto de jovens que representavam o “movimento pacifista”, passou a compreender que não havia “democracia no país” e que essa desordem era necessária para uma futura ordem.

Sobre a fala específica do manifestante, nota-se o questionamento ao que estava sendo imposto sobre uma situação em um dado momento – passa a não somente questionar um fato, mas sim todos os fatos que englobam esse momento que representa a hegemonia em forma de vontade política, um questionamento do pontual ao total, ou seja, tudo o que norteia o discurso do Estado.

Nesse sentido, ao questionar imposições, as massas passam a ver sob outro ângulo a mesma situação, o questionamento passa a inverter o significado de algo, permitindo outras conclusões, para além de uma notória perspectiva contraditória da visão adotada pela imprensa corporativa, a contra-hegemonia vai sendo construída.

A contra-hegemonia é evidente nas ações diretas: uma viatura da Autarquia Municipal de Trânsito foi incendiada após a polícia disparar balas de borracha nos jornalistas e manifestantes.

---

<sup>41</sup> Documentário: “Com Vandalismo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em: 20/07/2015.

Figura 19 Jornal “O Povo”, 20 de junho de 2013.



## Cenas do protesto

**1)** A manifestação teve ações nas avenidas Alberto Craveiro e Paulino Rocha e na BR 116. Segundo a PRF, mais de 80 mil pessoas participaram do ato; **2)** Policiais dispararam balas de borracha contra profissionais da imprensa; **3)** A cada investida dos manifestantes, Batalhão de Choque lançava bombas de gás lacrimogêneo; **4)** Uma viatura da AMC estacionada próximo à área do protesto foi incendiada; **5)** Bloqueio da polícia permitia a passagem apenas de torcedores com ingressos; **6)** Torcedores do México foram aplaudidos pelos manifestantes

Fonte: O Povo, edição 20 de junho, 2013, p.13.

Embora o incêndio do carro tenha sido uma resposta dos manifestantes às balas de borracha, a matéria do *O Povo* demonstra preocupação somente com os profissionais de imprensa e responsabiliza os manifestantes pelo avanço da polícia. Já o documentário traz outra versão:

Depois do primeiro ataque de gás lacrimogênio muitos manifestantes passaram mal, a maioria das pessoas pareciam assustadas, por talvez ser a primeira vez que se confrontavam com a polícia, a reação dos manifestantes logo apareceu com a destruição de um carro da Autarquia Municipal de Trânsito (07 minutos 39 segundos).<sup>42</sup>

A ordem, portanto, do fato é invertida. Enquanto a primeira afirma que os manifestantes estavam atacando a polícia antes destes jogarem o gás lacrimogênio, a segunda afirma que, ao contrário, os policiais haviam jogado o gás lacrimogênio primeiro e em seguida um

<sup>42</sup> Documentário: “Com Vandalismo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em: 20/07/2015.

manifestante dizendo que “tem que ser pacífico, mas a policia está indo pra cima da gente, metendo bala de borracha”.

*Figura 20 Documentário “Com Vandalismo”, 7min 49 sec.*



Fonte: “Com Vandalismo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em: 20/07/2015.

A questão colocada ao longo do documentário por seus produtores confronta a afirmação da imprensa corporativa. Mas afinal “o que seria o Vandalismo?”. A premissa da imprensa corporativa é que o vandalismo seria uma prática de destruir o patrimônio público, e por isso este deveria ser reprimido; essa cooptação da imprensa corporativa na tentativa de esvaziar os protestos levanta também outros questionamentos como aponta Fonsêca:

Alguns exemplos são bem demonstrativos da tentativa do esvaziamento político dos atos de rua, em grande parte induzido pelas mídias comerciais: “contra a corrupção” – e quem é a favor? “Vamos às ruas”, simplesmente – e quem é contra? “Sem violência” – quem a quer e de que violência se fala? “Em defesa do Brasil” – a que objetivos atende tal ufanismo? “Sem vandalismo” – de que tipo, contra o quê? (FONSÊCA, 2013, p. 8).

O documentário, ao intercalar entrevistas com os manifestantes e curtas falas de um narrador, produz a inversão desse significado, já que se a destruição da propriedade privada e outras ações diretas se justificam pela revolta contra a repressão policial:

Hoje esse ato aqui é um ato que a periferia está tomando a linha de frente, a comunidade está tomando a linha de frente, as torcidas organizadas estão indo pra contenção. Então independente da polícia atirar ou não, a polícia atira todo dia dentro das nossas comunidades, dentro da Serrinha, do Bom Jardim, do Pirambu. A polícia mata todo dia, então hoje é só mais um dia de luta.<sup>43</sup>

Logo, as massas revoltadas contra a violência cotidiana, teriam que descarregar essa revolta em algo. Ao ser questionado sobre o que era vandalismo, um manifestante afirma:

<sup>43</sup> Documentário: “Com Vandalismo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em: 20/07/2015.

A mídia está querendo surfar no movimento e não consegue achar algo, porque o movimento tem consciência de estar depredando, fazendo ação direta, ou desapropriando algo que é nosso, são as empresas, são os símbolos, a burguesia ela tem seus símbolos, suas empresas, seus bancos, suas estruturas. Símbolos os governos, os patrimônios públicos, como se diz. Então assim, quando a galera vai pra essa ação é uma ação que o Estado já vandalizou nós há 25 anos, e é uma ação da própria galera. Dizem que é a periferia, outros os partidos, a juventude, então você vê que a ação direta, é todo mundo. Não tem controle, ninguém controla isso, é um anseio que está a mil graus, há muito tempo nessa fita<sup>44</sup>.

Nesse sentido, o Estado e o mercado jamais assumirão que é responsabilidade deles os problemas econômicos e sociais que ocorrem, como observa Karl Marx ao falar sobre as lutas de classes afirmando que “o Estado jamais verá no ‘estado e na organização da sociedade’ a razão das mazelas sociais” (2010, p. 38).

Cabe a crítica radical do sistema apenas às massas em momentos de crise na economia e consequentemente na política. A depredação mencionada pelo militante, como forma de consciência, de uma crítica aos símbolos da burguesia, é uma revolta expressada no inimigo visível a fim de atingir o inimigo oculto, assim como mostra Marx ao perceber as ações do proletariado na revolta Silesiana, no qual nega qualquer caráter inconsequente e apolítico em suas ações, mas afirma um caráter de extrema consciência política:

A própria ação possui esse caráter superior, não são destruídas apenas as máquinas, essas rivais dos trabalhadores, mas também os livros contábeis, os títulos de propriedade, e, ao passo que todos os demais movimentos se voltaram apenas contra o industrial, o inimigo visível, este movimento se voltou simultaneamente contra o banqueiro, o inimigo oculto (MARX, 2010 p. 44).

Os inimigos ocultos no caso das jornadas de junho eram todos aqueles que sustentam o Estado e o mercado, seja através do discurso ou sendo parte da burguesia; a imprensa corporativa, por exemplo, esteve dentro das críticas dos manifestantes, enquanto essa imprensa se utilizava de um tom para justificar a violência policial, pedindo por mais repressão aos manifestantes, e que ocorresse a justiça destes serem presos. Os manifestantes, por outro lado, quebravam os símbolos da imprensa, como carros, ou seja, o inimigo visível.

---

<sup>44</sup> Documentário: “Com Vandalismo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em: 20/07/2015.

*Figura 21 Capa do Documentário “Com Vandalismo”.*



Fonte: <http://apublica.org/2013/08/vandalismo-protesto-fortaleza/> Acesso em: 20/07/2015.

Uma percepção também disseminada pelos manifestantes nas entrevistas é a de que haveria uma motivação para além do aumento de centavos na tarifa do transporte público, ou contra a Copa do Mundo; a insatisfação estaria além de uma revolta sem motivos:

O que vocês estão vendo aqui nesse momento é a verdadeira luta de classes que o livro de história ensina, que Marx e Engels ensina, é o povo, é a favela se apropriando daquilo que está sendo colocado goela abaixo pra eles e que eles nem tem acesso. É a empresa privada vindo pra favela, não gerando renda, porque não quer empregar a pessoa da favela, porque diz que é bandido, então coloca gente de outro lugar, no final o governo quer fazer uma higienização social. Quer tirar o povo daqui dos arredores do castelão e de onde a burguesia tenta se instalar pra colocá-los distante, é isso o que o governo do Ceará está fazendo, o que o povo está fazendo é uma reintegração de posse, ou seja, é a classe baixa lutando contra a classe alta...<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> Documentário: “Com Vandalismo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em: 20/07/2015.

*Figura 22 Documentário “Com Vandalismo”, 51min 56sec.*



Fonte: Documentário: “Com Vandalismo”. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em: 20/07/2015.

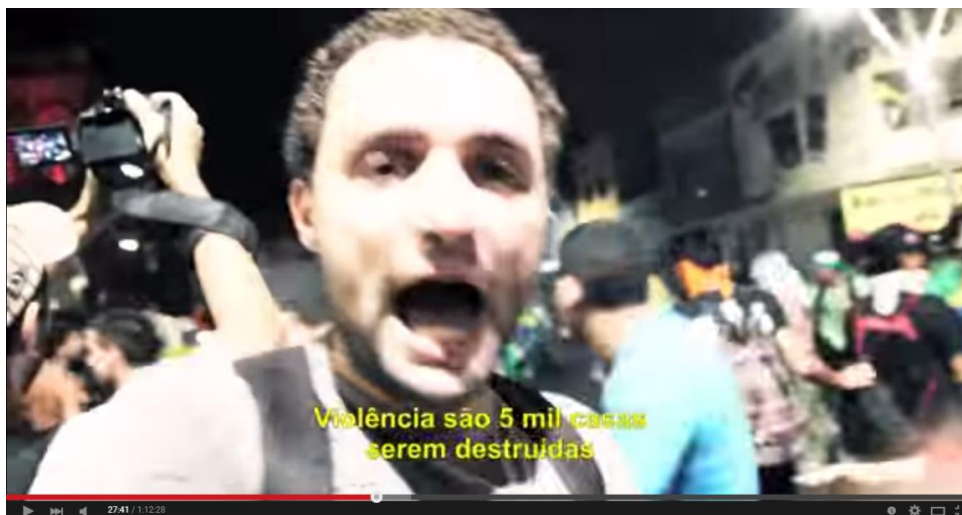
Cogitar as manifestações de junho de 2013 como uma luta de classes pode pôr em questão o discurso de que era uma manifestação predominantemente da classe média. Ao falar sobre a classe média precisamos ter em vista quem seriam esses sujeitos no contexto atual; em 2012 a Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) estabeleceu novos critérios para a identificação da nova classe média brasileira, definida “como o grupo composto por famílias com renda per capita entre R\$ 291 e R\$ 1.019” (PEDROSO, 2012). Considerando a distribuição de renda no Brasil segundo dados do Centro de Estudos Tributários e Aduaneiros (CETAD), os 50,00% mais pobres detinham 2,00% da riqueza; 36,99% dos brasileiros detinham 10,60% da riqueza; 13,01% possuíam 87,40% da riqueza.

Esses números demonstram que, apesar de uma ascensão à classe média nos últimos dez anos, é inegável que existe um abismo entre as classes mais pobres e as classes mais ricas e que a população pobre ainda é a maior parte da sociedade brasileira, isso implica que no cotidiano exista uma separação de classes sociais que pode ser sentida.

Nesse parâmetro econômico cabe analisarmos por que em dia de jogos da Copa das Confederações, enquanto uns estavam dentro do estádio, outros estavam se manifestando contra, inclusive, a própria Copa, se nesse cenário colocarmos o aumento das passagens do transporte público, o aumento de preços nos mais variados produtos, inclusive alimentícios. Muitos manifestantes salientaram que ocorria descasos do governo com a população para construções da Copa, como a destruição de 5 mil casas para construção do VLT (Veículo Leve

sobre Trilhos) que iria da Parangaba ao Mucuripe, prejudicando famílias, já que o governo pagaria de 7 à 10 mil reais aos moradores da comunidade para saírem de suas casas.

*Figura 23 Documentário “Com Vandalismo”, 27min 41sec.*



Fonte: Documentário: “Com Vandalismo”. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em: 20/07/2015.

Sendo em uma sociedade onde uma minoria detém a maior parte da renda nacional, podemos considerar então que, de fato, a luta de classes estava relacionada às manifestações. Sobre esse aspecto, junho de 2013 foi um momento em que “as classes dominantes queriam celebrar espetacularmente, como sendo uma festa popular, a realização da Copa das Confederações, profundamente imperial e imperialista, comandada pela FIFA” (ANTUNES; BRAGA, 2014, p. 43).

Como exemplo desse aspecto da sociedade, foi registrada uma foto que circulou durante a Copa das Confederações e voltou a circular pela imprensa internacional em 2014 na Copa Mundial, que revela o simbolismo de um dos motivos da indignação popular nas manifestações, a foto foi registrada no dia 18 de junho de 2013, pouco antes de começar o jogo Brasil e México. Justamente no dia da primeira manifestação, podemos ver o abismo das classes sociais. Enquanto um grupo de torcedores se dirigia ao estádio, uma mulher estava em uma caçamba catando o lixo jogado pelos alegres torcedores.



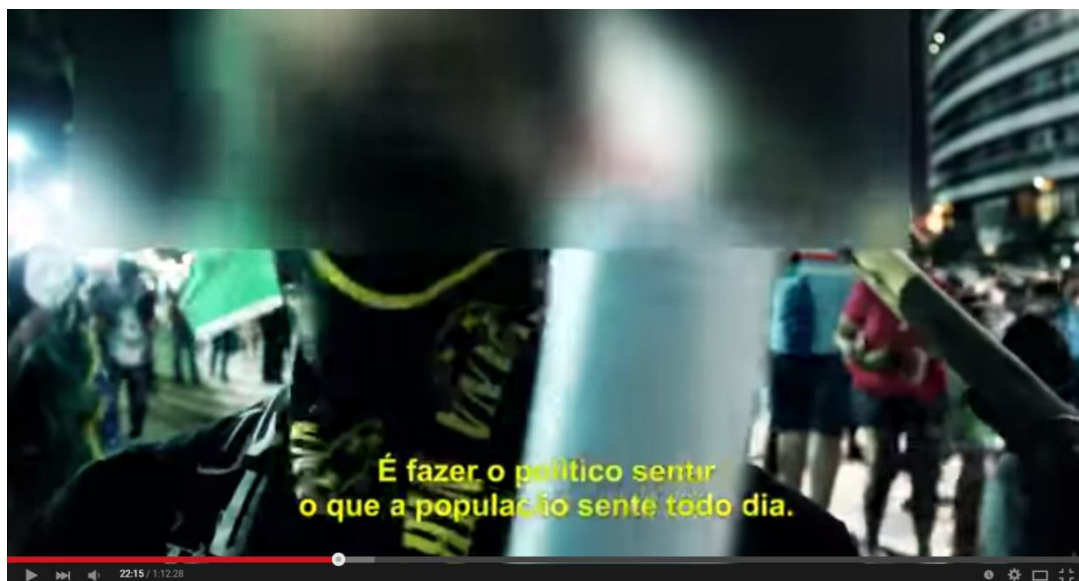
*Figura 24 Contraste social no Brasil.*



Foto de Edmar Soares/ jornal O povo 19 de junho de 2013, Fonte:  
<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/15/foto-chocante-de-contraste-social-no-brasil-causa-novo-debate-no-exterior.htm> Acesso em:21/07/2015.

Ao visualizar por esse outro ângulo, percebemos uma discrepância no discurso da imprensa corporativa que se validou da “minoridade infiltrada” e de que a manifestação seria da classe média; essa contradição também pode ser percebida ao longo do documentário, trazendo como centro do debate o sentimento da população diante das condições sofridas cotidianamente e perceber a intenção e verdadeira direção da revolta.

*Figura 25 Documentário “Com Vandalismo”, 22min 15sec.*



Fonte: Documentário: “Com Vandalismo”. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em: 20/07/2015.

As denúncias, frustrações e explicações sobre as manifestações no documentário se dão de várias formas e percepções, incluindo falas contra o vandalismo, manifestantes afirmando que se tratava de uma minoria que ia para as manifestações a fim de roubar e destruir a manifestação pacífica, assim como a imprensa corporativa. Mostrando que os setores populares começavam a embarcar no discurso hegemônico.

*Figura 26 Documentário “Com Vandalismo”, 20min 45sec.*



Fonte: Documentário: “Com Vandalismo”. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em: 20/07/2015.

O documentário apresenta também embates que ocorriam constantemente entre os próprios manifestantes, brigas entre os ativistas que se intitulavam do movimento pacifista e aqueles adeptos da ação direta. Esse embate dá-se no âmbito dos discursos, e todo discurso é ideológico; a ideologia é o que trará aos sujeitos o significante das palavras, dando sentido ao que se compreende diante dos fatos, assim cabe destacar que:

As formações ideológicas fornecem as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, [1975] apud BIAZUS; PETRI, 2013, p. 3).

A ideologia está, portanto, no âmbito do material, já que este não é neutro, pois um sujeito não passa a ter uma ideologia a partir do nada, mas a partir do aprendido por algo anterior ao discurso do mesmo, pondo o discurso em movimento que se delimita no âmbito, temporal, espacial, socioeconômico, político, mas que todos recaem sob o âmbito dialético histórico. Assim, estamos não “diante de uma ideologia, mas de várias ideologias, as quais se dão de diferentes formas, sob diferentes ordens” (BIAZUS; PETRI, 2013, p. 2). Porém essas várias ideologias em grande parte formam o corpo da ideologia hegemônica que apenas é

posta em questão, geralmente, nos momentos de crise. Devido a relação contraditória de uma ideologia com o real vivenciado. Ao analisarmos esse aspecto dentro do documentário, percebemos que em determinados momentos os próprios adeptos do movimento pacifista discursavam que a “truculência policial era a verdadeira violência” ou que “Vândalos [SIC] é o que o governo faz com o povo” e que “O Cid é que é o verdadeiro vândalo”.

Esta contradição também fora percebida nas ações dos próprios produtores do coletivo ao narrar sobre o dia 21/06, mostrando uma quase homogeneização das ações dos manifestantes, no qual os vândalos ajudavam aos manifestantes pacifistas quando os mesmos eram hostilizados e os manifestantes pacifistas muitas vezes utilizavam da ação direta.

*Figura 27 Documentário “Com Vandalismo”, 25min 56sec.*



Fonte: Documentário: “Com Vandalismo”. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em: 20/07/2015.

Dentro desse pensamento, as divergências dos próprios manifestantes sobre a questão do vandalismo e de onde viria a violência, podemos destacar momentos em que o documentário mostra ausência de policiais na manifestação relacionada a uma não existência

da violência; os manifestantes ao cantarem em coro “Que coincidência, sem polícia e sem violência” mostra que os ditos vândalos apenas reagem as ações da policia e não o contrário.

*Figura 28 Documentário “Com Vandalismo”, 14min 43sec.*



Fonte: Documentário: “Com Vandalismo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em: 20/07/2015.

Essa mesma visão foi refletida na cultura subalterna por meio da música. Assim como ocorreu no Rio de Janeiro, em Fortaleza um grupo de Rap chamado *Apologia do Gueto* nas manifestações de 2013 compôs uma música chamada “Sobrevivendo em meio a guerra”, que retrata o sentimento e quais eram suas revoltas antes e durante as manifestações, como percebemos na letra:

2013 começa uma nova revolução, Brasil acordou do coma da corrupção, o povo revoltado desce pra avenida pra exigir promessas de campanha política, desvio da verba da merenda escolar bolsa família criada pra te conformar país da injustiça, e da desigualdade onde saúde e educação, não são prioridades, barreiras são criadas pelo opressor é a tropa de choque, a mando do governador palavras de ordem gritadas a todo instante e a PM sem dor, dispara nos manifestante bala de borracha na cara do cidadão é a forma usada pra dispensar multidão atos de covardia bem próximos da mídia que filma a desgraça, depois maquia a notícia.<sup>46</sup>

O aparelho de coerção – a polícia, nessa visão – é retratado como uma das locomotivas da revolta, quanto mais repreendia, mais a população tinha a necessidade de ir além de uma manifestação somente com cartazes, e quando não havia presença de policiais não havia a violência.

<sup>46</sup> Apologia do Gueto, música: Sobrevivendo em meio a guerra, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fxsk0tQKB9M> Acesso em: 20/08/2015

Ainda na música “Sobrevivendo em meio a guerra”, percebemos sinais da revolta contra a imprensa corporativa:

O pobre sempre é a bola, é sem motivos pra sorrir aqui a vida é real, não emissora do "Plim,Plim"(...)a mídia vendida, manipula a notícia nos chama de baderneiro, e de herói quem atira, apresentador mente bem diz que a causa é sua, tava na balada enquanto eu tava nas ruas.

Isso mostra uma interação na cultura não hegemônica o qual pode ser percebida entre a imprensa independente e a música de artistas também independentes.

Como ponto essencial do documentário, percebemos a inversão de sentido do que é Vandalismo, ou nesse caso, um resgate histórico do sentido, já que a palavra “vândalo” carrega em sua etimologia a história de um povo que no ano de 445 invadiu o Império Romano. Porém, ao contrário do que se repassa, Felipe Deveza, ao escrever sobre quem seriam os vândalos, lembra que Roma era escravocrata, portanto escravizava pessoas de outras regiões, invadindo-as e dominando os povos; assim, a ação dos vândalos fora a de passar dos limites do Império junto com os povos Ostrogodos, Visigodos e Hunos e, como forma de revolta, quebravam todos os símbolos escravocratas. Para “cada coluna do Senado ou do Coliseu, foram necessárias milhares de vidas relegadas ao trabalho escravo, a uma existência de opressão e violência em benefício de uma minoria da elite romana” e “pouco a pouco foram destruindo o mundo escravocrata romano”.<sup>47</sup>

O vandalismo pode significar a reação do povo que sofre algum tipo de violência, seja simbólica ou física, diante da situação momentânea na qual carrega todo um contexto socioeconômico vivido anteriormente, que a qualquer momento poderá explodir. Levando isso em conta, o vandalismo, ou seja, a revolta do proletariado, dos estudantes, ou daqueles que estão à margem, é um fato que se repetiu ao longo da história, principalmente com a ascensão do capitalismo. Lembremos, por exemplo, do movimento Ludita na Revolução Industrial; em outras palavras, aqueles que são explorados e dominados por algo maior, se levantam contra os símbolos do poder, sendo, portanto um movimento dos subalternos.

Ao longo da história podemos citar vários casos em que uma classe dominante conta os fatos à sua maneira, descontextualizando e deixando à margem a visão dos derrotados, vemos isso não apenas em impérios, mas em Estados totalitários ou de sistemas em que uma classe econômica rege as demais. Foi o que ocorreu no Brasil na época ditatorial, período que os insatisfeitos foram classificados como terroristas:

---

<sup>47</sup> DEVEZA, Felipe. Afinal quem foram esses tais Vândalos?, 2013. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-113/4813-afinal-quem-foram-esses-tais-vandalos>> Acesso em:28/08/2015

O totalitarismo não é apenas o aparato político fundado na operação de uma violência estatal que visa a eliminação de todo e qualquer setor da população que questiona a legalidade do poder, violência que visa criminalizar sistematicamente todo discurso de questionamento. Na verdade, o totalitarismo é fundado nesta violência muito mais brutal do que a eliminação física: a violência da eliminação simbólica. Neste sentido, ele é a violência da imposição do desaparecimento do nome. No cerne de todo totalitarismo, haverá sempre a operação sistemática de retirar o nome daquele que a mim se opõe, de transformá-lo em um inominável cuja voz, cuja demanda encarnada em sua voz não será mais objeto de referência alguma. Este inominável pode, inclusive, receber, não um nome, mas uma espécie de “designação impronunciável” que visa isolá-lo em um isolamento sem retorno. “Subversivo”, “terrorista”. (SAFATLE p. 238).

É necessário compreendermos o passado como algo a ser evidenciado e comparado ao presente. Assim como aponta Hobsbawm, “o passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana” (1998, p. 17). Comparando o contexto das ditaduras ao sistema supostamente democrático atualmente, onde uma classe dominante pode contar a história através de seus aparatos de consenso e de ditar como as leis serão regidas, utilizando dos mesmos meios, principalmente em momentos de crise da hegemonia, um deles o do poder simbólico de tornar manifestações de massas de alguma maneira “subversivas”, “terroristas”, para justificar uma repressão e ainda justificar o ataque a integridade física dos manifestantes e a vidas destes. A negação de informar sobre os mortos e feridos nas manifestações de junho foi recorrente, sejam aqueles que estavam fugindo da repressão policial ou por ter inalado gás lacrimogêneo, como Fernando da Silva Cândido no Rio de Janeiro, ou como a Cleonice Vieira de Moraes em Belém<sup>48</sup>, que não fazia parte da manifestação e se deparou com a repressão e veio a falecer, e tantas outras pessoas que infelizmente vieram a falecer nas manifestações que seguem em listas veiculadas na internet. Comparando esse fato ao momento de ditadura, a imprensa corporativa faz uso do “desaparecimento do nome” e também usou uma violência simbólica ao marginalizar os manifestantes, agora “vândalos”.

Essa classificação dada primeiramente a todos os manifestantes e posteriormente a um grupo esteve escondida no apelo nacionalista e patriota no qual aclamava por uma separação dos pacifistas e dos vândalos. Farsa posta em cheque nas redes sociais. Embora a imprensa corporativa tenha no âmbito tecnológico conseguido abranger os mais diversificados públicos necessários para contar a história da sua forma, e assim exercer poder simbólico suficiente para por à margem algum grupo de pessoas, é necessário lembrarmos que esta não domina por completo, pode-se inverter a lógica, transformá-la, mas não se pode apagar a

---

<sup>48</sup> MASCARENHAS, Anna. Quem Morreu Nas Manifestações, 2014. Disponível em: <[http://www.vice.com/pt\\_br/read/quem-morreu-nas-manifestacoes](http://www.vice.com/pt_br/read/quem-morreu-nas-manifestacoes)> Acesso em: 01/08/2015.

memória de todos os sujeitos, e a imprensa alternativa contribui para seu registro e divulgação.

Como lembra Stuart Hall, não se pode definir o ser humano em nenhum dos polos binários, o da “autonomia pura ou do total encapsulamento” (2011, p. 238), isso explica o esforço dos manifestantes de buscarem contar suas versões por outros meios, como uma negação da ordem institucional, imposta cotidianamente.

Essa forma de construir a outra história, no entanto, também pode fixar em uma fetichização, posto uma vez que, a crítica da monopolização da imprensa e logo do discurso possa ser cooptado. Como ocorreu nas manifestações de 2013 quando a imprensa corporativa percebeu a não aceitação de sua presença nos atos por parte dos manifestantes, resolveu inserir a mídia independente em suas reportagens, tanto inserindo as imagens gravadas pela imprensa independente durante as manifestações, como tornando a imprensa independente a notícia, como mostra o vídeo “A cobertura NINJA nas manifestações de junho de 2013”<sup>49</sup> em que um dos produtores do mídia Ninja, Felipe Altenfelder, diz que depois de um tempo a “grande mídia” passou a procurá-los para dar entrevistas e pedir imagens para passar nos jornais do ocorrido nas manifestações, sendo portanto cooptada pelo mesmo meio em que se opunha.

Dessa maneira a imprensa alternativa pode criar uma falsa sensação de representação, já que alcançou um status não somente nas redes sociais, mas também alcançando a população e também a imprensa corporativa.

Essa representação midiaticizada é uma forma imposta de comunicação, já que nos dias atuais tudo o que não foi capturado por uma câmera, ou escrito em uma rede social tende a não ser reconhecido. Se a imprensa corporativa impõe sua subjetividade na forma em que edita e discursa sobre algo, a imprensa independente (incluindo pessoas que o fazem sem serem agentes de coletivos), também edita e discursa diante de uma subjetividade, porém a esta subjetividade nunca é autônoma, como observa Vaneigem: “tudo parte da subjetividade, mas nada se detém nela. Hoje em dia menos que nunca.” (VANEIGEM, 1967, p.8).

A espetacularização das imagens das manifestações traz problemas. A transmissão das imagens pode dar a ideia aos simpatizantes das manifestações de passividades, no caso daqueles que não participavam das manifestações, mas apenas assistiam as imagens da mídia independente como meros espectadores.

---

<sup>49</sup> A cobertura NINJA nas manifestações de junho de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5yjvo9RJ50U> Acesso em: 25/08/2015.

Os dois discursos que ressoaram fortemente nas jornadas de junho de 2013, tanto a imprensa corporativa quanto a imprensa independente são baseados em linhas gerais nas formas que são construídas as relações humanas no capitalismo, onde segundo assinala Debord, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” (1967, p. 14), ou seja, a maneira mais coerente de estar consciente dos acontecimentos de junho de 2013 não seria a observação contemplativa de representações ou imagens produzidas pelas mídias independente ou corporativa, mas se apresentando, estando presente nas ruas e barricadas e ajudando a construir a contra hegemonia na prática.



### **3 As memórias das jornadas de junho de 2013.**

Atualmente, ter acesso a uma informação é algo facilitado pela modernização dos meios de comunicação, seja pela televisão, pelo jornal impresso ou pela internet, seja pela imprensa corporativa ou pela imprensa independente. Estamos em tempos em que a informação nos envolve de qualquer forma, as imagens passam a representar a verdade daquele momento, as pessoas tornam-se personagens. O registro do evento começa ao ligar a câmera e termina no momento em que ela é desligada; o acontecimento mostrado, mesmo que por diversas perspectivas, passa a ser o único fator para julgar as ações, não havendo conhecimento sobre as circunstâncias anteriores ou mesmo sobre as histórias e as vidas dos sujeitos implicados.

Nas jornadas de junho de 2013 todas as câmeras estavam voltadas para os momentos de conflito. Se por um lado se escutou sobre a violência dos vândalos, do outro se escutou sobre a violência da polícia, mas de qualquer lado o foco das lentes ainda era o tal chamado vandalismo. Foi o que atraiu a atenção de sociólogos, historiadores, especialistas, governos e meios de comunicação, que tentaram de imediato compreender ou criminalizar as manifestações a partir delas mesmas, e os manifestantes como objetos de imagens, hora encantadoras ou assustadoras dependendo da lente do observador.

O fato é que essas milhares de informações que são veiculadas a todo instante não são suficientes para interpretar a complexidade dos fatos, pois “a técnica cria redes de globalização, mas o mundo é feito de territórios, nações, paisagens. O fetichismo da técnica não consegue explicar por que nada substitui a reflexão solitária” (BOSI, 2004, p.19). Assim, a técnica não pode expressar os sentimentos de cada um, nem dos jornalistas, já que uma redação jornalística, como Bourdieu (1997) percebeu, não é algo restrito a somente aos redatores, nem pode expressar os sentimentos e memórias dos sujeitos captados pelas imagens, o que pode excluir muitas visões e sentimentos sobre aquele momento.

Dessa forma, é necessário buscar mais a fundo, conhecer essas pessoas – nesse caso, os manifestantes das jornadas de 2013 –, para tentar articular as memórias que ficaram marginalizadas nas transmissões de informações sobre os sujeitos e os fatos, conhecer quais foram as motivações das manifestações, o que ocorreu naquele período intenso e as repercussões para os envolvidos.

Com isso, não pretendemos encontrar uma verdade absoluta, posto que essa não possa existir ao se tratar de inúmeras memórias, inúmeras histórias, inúmeros sentimentos como

constatado em uma pesquisa feita por Esther Solano nas manifestações de São Paulo em 2013, para ela

A realidade, se existe, é um poliedro. As luzes sempre batem em ângulos diferentes. A realidade, se existe, não está composta por verdades absolutas, cânones, ou rigores ortodoxos e sim por pontos de vista, sentimentos, percepções [...] A realidade, se existe, tem muitas vozes (SOLANO, 2014, p. 9-11).

Por isso nas entrevistas buscamos evidenciar vozes e memórias que foram marginalizadas, pois as memórias “sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” (PORTELLI, 1997, p. 31).

Para tanto, as fontes orais são necessárias para nos dizer sobre os significados, mais do que sobre os eventos em si, como Portelli aponta, mas que “isso não implica que a história oral não tenha validade factual” (PORTELLI, 1997, p. 31), nestes termos utilizamos a história oral de manifestantes como contraponto aos discursos evidenciados na imprensa corporativa.

Entrevistamos algumas pessoas que estiveram presentes nas manifestações de junho de 2013 na cidade de Fortaleza/Ceará, nenhuma entrevista seguiu um roteiro pré-definido, em todas as entrevistas foram utilizados um gravador e um caderno para anotar os pontos que chamaram mais atenção.

### ***3.1 Um jornalista independente nas barricadas.***

Antes de procurar os manifestantes, fizemos uma entrevista com quem deu visibilidade às manifestações no documentário “Com Vandalismo”, produzido nas ruas de Fortaleza em meio às jornadas. Para compreendermos a visão de um jornalista da imprensa independente sob estas, entrevistamos por telefone Yargo Sousa Gurjão, formado em Jornalismo, produtor do Coletivo Nigéria, que esteve nas manifestações ajudando a filmar e entrevistando os manifestantes.

Para compreender qual a visão que um jornalista da imprensa independente tem sobre determinado fato é preciso observar suas produções. Sua atuação profissional é diferente de um jornalista de uma imprensa corporativa. No caso dos jornalistas independentes, há certa liberdade em suas produções, podendo transparecer melhor quais suas posições sobre o fato. Ao escolher contar pelo documentário as jornadas de junho, os integrantes do Coletivo Nigéria escolheram falar sobre os fatos a partir de um lado, o lado de dentro das manifestações e, mais

especificamente, ao lado dos manifestantes, dessa forma, perguntamos a Yargo Gurjão sobre suas percepções acerca desse lado em que eles estiveram:

A gente se deparou em junho do ano passado com a Copa das Confederações, a gente se deparou com, enfim... Com um fluxo muito grande de pessoas baseadas também nas manifestações que aconteceram em Porto Alegre, que aconteceram em São Paulo, por conta da questão do transporte público e a partir disso, a partir de Porto Alegre e São Paulo vindo à repressão da polícia as pessoas começaram a ter empatia e começaram a ir para a rua, pessoas de diferentes correntes políticas, algumas vezes nem tão ligadas a nenhuma corrente política. E aí o que aconteceu que foi a mesma coisa só que aqui foi a Copa das Confederações, foi muita gente que talvez nunca tivesse tido essa experiência mais política de ir pra manifestação e que sofreu repressão da polícia pela primeira vez na vida e quanto mais aumenta a repressão da polícia, tava aumentando o número de pessoas, tanto que foram uns três dias seguidos de muita gente. (YARGO)<sup>50</sup>

Dois pontos foram cruciais na fala de Yargo, o primeiro foi que, ao ser questionado por algo pessoal, ele inseriu em sua resposta um todo que englobou as visões do coletivo o qual ele faz parte ao dizer “a gente se deparou”. As imagens relatadas por Yargo também podem ser acessadas no documentário “Com Vandalismo”, no início, onde mostram pessoas sofrendo por causa do gás lacrimogêneo que haviam levado na cara e resolvem virar um carro da AMC. Após isso, o narrador, no caso, informa que muitos que estavam lá na manifestação nunca tinham sofrido repressão policial.

O envolvimento com as manifestações foi na vivência de Yargo algo englobado no profissional, apesar de afirmar durante a entrevista que a diferença entre o que a imprensa corporativa mostra e o que a imprensa independente mostra, dá-se porque a imprensa independente “geralmente é um pessoal que não está lá por conta do dinheiro, não está lá porque é profissional, apesar de alguns serem, eles estão lá por empatia com as pautas”. O que abrange aos coletivos independentes, presentes em eventos para filmar, também ocorre na imprensa corporativa, mas de forma horizontalizada.

O envolvimento com as imagens e os debates das pessoas do coletivo para que fosse criado um documentário durante as edições do material, evidencia que essa memória individual está relacionada com a memória construída socialmente, como Bosi explica, “o conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e da rejeição em relação ao que será lembrado” (BOSI, 2004, p. 54), As interpretações das memórias estão atreladas a um conjunto de outros fatos posteriores ao vivenciado, por exemplo conversas com amigos, familiares ou dentro de um grupo que organizou imagens e de suas interpretações sobre um evento.

---

<sup>50</sup> Entrevista cedida por Yargo Sousa Gurjão à autora Larissa Ketlin S. de Araújo. 14 de junho de 2014

Outro exemplo que pode nos mostrar a introdução de interpretações posteriormente a um fato e a inserção da decisão do Coletivo Nigéria ao todo é percebido no documentário com a mistura das imagens e com as intervenções do coletivo dentro das respostas. Yargo deixou isso de forma mais clara ao ser questionado sobre quem os policiais estavam reprimindo:

Era um pessoal que resistia e tal e muitas das pessoas na primeira manifestação foram pensando que ia ser uma manifestação que a polícia não ia reprimir aquela coisa de se juntar a manifestação e aí quando se depararam com o contrário, a polícia atacando, até covardemente e aí enfim, gerou uma revolta em algumas pessoas e isso acabou transformando elas em mais violentas, isso aí a gente desenvolveu esse processo de uma maneira bem forte.

Nesse caso, Yargo se refere ainda da forma em que foi produzido e transmitido no documentário, apesar de ficar clara a fala em torno de uma representatividade a partir do coletivo, contudo Yargo nos traz uma percepção que se assemelha a uma grande parte dos entrevistados: o vandalismo como uma reação à violência e não como uma ação que partiu da iniciativa dos manifestantes.

Essa percepção pode ser explicada pelo envolvimento do Coletivo Nigéria nas manifestações, que foi além da integração do grupo com empatia pelas pautas e envolvimento com imagens. O coletivo pertenceu ao momento das manifestações de junho como pessoas que sofreram com a repressão igualmente aos manifestantes, já que estavam do lado dos manifestantes e não junto aos jornalistas da imprensa corporativa, atrás da polícia em busca de “proteção”.

Nesse sentido o Pedro Rocha, outro produtor do coletivo, foi atingido no olho por uma bala de borracha em meio às manifestações, esse momento foi registrado pelo coletivo e pode ser visto no documentário.

Figura 29 Documentário “Com Vandalismo”, 8min 32sec.



Fonte: Documentário: “Com Vandalismo”. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em: 20/07/2015.

Em um relato feito no *Facebook* sobre esse momento, Pedro Rocha ressaltou alguns pontos importantes para o desenrolar das decisões do grupo quanto ao documentário, segundo Pedro:

Eu, meus outros três colegas da Nigéria – Bruno Xavier, Yargo Gurjão e Roger Pires – e algumas outras companheiras e companheiros que se integraram ao que deveria ser a cobertura do Comitê Popular da Copa não fazíamos a menor ideia de como proceder no meio daquela multidão. Tudo foi se revelando intuitivamente. Basicamente, nos posicionamos no limiar entre manifestantes e polícia e começamos a ouvir as pessoas, entrevistá-las. No final, estas duas ações permaneceriam como as coordenadas básicas que guiariam o impulso incontornável de registrar o que se passava no país e, particularmente, em Fortaleza. Um dos entrevistados rebatia indignado a declaração de Ronaldo “Fenômeno” de que “Copa não se faz com hospitais”, quando o primeiro estouro nos sobressaltou. Tiros, alvoroço da massa, o gás lacrimogêneo. Depois, a recomposição paulatina de uma resistência. A linha de frente era definitivamente nosso lugar – avançávamos na compreensão da tarefa documental. Novamente a tensão no ar entre manifestantes e Tropa de Choque durou alguns minutos, o tempo de um morador do bairro ser impedido – e depois liberado – de passar pela barreira policial com uma criança no colo. O tempo de nos colocarmos entre os manifestantes e a polícia, numa posição em que a fuga simplesmente não tinha roteiro. A tropa disparou novamente. Corremos. E, ao olhar para trás em busca do Bruno Xavier, que filmava, fui atingido por um soco, um repuxo que jogou minha cabeça de volta pra trás e meu corpo no chão. A bala de borracha que atingiu meu olho não tirou minha vista, por sorte, e ajudou, de certa forma, a repercutir a violência desproporcional da repressão policial. Para mim, seus mais incisivos sentidos se fizeram entender imediatamente após o tiro.<sup>51</sup>

<sup>51</sup> Relato de Pedro Rocha. Disponível em:  
[https://www.facebook.com/yargogurjao/posts/10201036156816588?\\_\\_mref=message\\_bubble](https://www.facebook.com/yargogurjao/posts/10201036156816588?__mref=message_bubble) Acesso em: 12/10/2015

A compreensão das manifestações para o coletivo, portanto, não foi meramente de jornalistas em busca de uma notícia, mas precisamente de uma visão de dentro das manifestações que precisava ser, naquele momento, explicitada.

O documentário retratou os sentimentos de quem também havia sofrido repressão, de quem acompanha as causas sociais de perto. As imagens que envolvem, também foram reflexos da relação desses produtores com o meio e a prática social.

### ***3.2 As jornadas sob a perspectiva de um militante da esquerda tradicional.***

Nem todos os manifestantes podem ser caracterizados como libertários ou anarquistas, um exemplo disso é de Daniel<sup>52</sup>, que é ex-militante do PSTU e militante dos movimentos sociais há mais de 20 anos. Ao iniciar a entrevista, ele trouxe como contexto a sua história dentro da militância nos movimentos sociais, que teria se dado no movimento Fora Collor em 1992, a partir daí começou a militar pelo PT e depois pelo PSTU. Comparou as jornadas de junho com o fato grandioso historicamente, o “Fora Collor”. Daniel disse que não foi a todos os dias de manifestação em junho de 2013 e resolveu acompanhar com certa distância, mas com atenção:

As mobilizações tiveram carácter espontâneo por causa dos 20 centavos, e se espalharam pelas cidades do Brasil, começaram a ter um carácter violento e anárquico e muito radical, as várias manifestações que houve enfrentamento em que a juventude de alguma forma pra colocar toda a sua rebeldia pra fora, tocava fogo no carro, na lixeira, chegando às vezes a danos patrimoniais em grupos sociais pequenos tipo banca de revista, lanchonetes, mas o alvo central que eu conseguia perceber eram bancos, concessionárias, instituições que representam o capital internacional e o capital nacional bancário.

Para Daniel, que se reivindica como comunista e militante social, junho teve um carácter anárquico e isso foi um ponto negativo para o desfecho das manifestações, em decorrência da falta de liderança. Daniel revelou incômodo com o antipartidarismo das manifestações. Ao falar sobre essa questão, chamou atenção para a falta de organização e uma recepção ruim dos manifestantes quanto aos partidos dentro do movimento, afirmou terem ocorrido casos de violência de manifestantes anarquistas contra amigos dele do PSTU.

No meio da manifestação, eu avistei o grupo do PSTU, eu fui militante do PSTU por 15 anos e aí eu resolvi me juntar ao pessoal que eu conheço, mas quando eu resolvi me juntar, foi pra fazer a defesa dos companheiros, porque eles fizeram um círculo colocaram as mulheres e as crianças no centro, porque havia ameaça física havia um grupo muito, mais muito radicalizado querendo bater nos militantes do PSTU, eu

---

<sup>52</sup> (Nome fictício para preservar a identidade do manifestante) Entrevista por Daniel à autora Larissa Ketlin S. de Araújo. 06 de novembro de 2014.

confesso que já apanhei de todo mundo, já apanhei do batalhão de choque, da guarda municipal, então isso me deixou um tanto perplexo, querendo entender o que aquilo representava, porque o PSTU é tido no movimento como radical demais, então me assustou muito aquilo, fui pra casa pensando no que eu tinha feito nesses 15 anos de militância, se era eu que estava errado, se eram eles que estavam errados, ou se estávamos os dois errados, esse foi o fato marcante pra mim desse episódio.

O que ficou para Daniel foi uma visão que ele ainda não havia se deparado em outras manifestações em que participou. A memória remonta a um lugar de pertencimento e de costume, um lugar em que a pessoa está acostumada a estar, por exemplo, no caso de alguém que foi militante por um partido, tem uma visão que remete a uma forma de luta no qual geralmente tem lideranças e um tipo de organização hierarquizada, o que era bem comum nos movimentos sociais a partir dos anos 90, como Daniel demonstrou no início da entrevista ao contar sobre sua primeira experiência nas lutas sociais.

Retornando um pouco no tempo para explicar sobre essa percepção de Daniel, os anos de 70 a 80 foram decisivos nos rumos dos movimentos sociais no Brasil devido ao contexto de ditadura militar (1964 – 1985). Os movimentos sociais retomaram suas articulações através da luta pela anistia e as greves do ABC Paulista no fim dos anos 1970, seguido pela reorganização de partidos políticos, sindicatos e a redemocratização dos anos 1980.

Já nos anos 90 consolidaram-se movimentos mais diversos e ramificados: movimento feminista, movimento LGBTT, movimento negro, movimento de autoafirmação indetitária ou questões como a demarcação de terras indígenas. No contexto de um Brasil pós-ditadura, os movimentos se tornaram cada vez mais fortes, Gohn explana nesse sentido que:

Grupos de mulheres foram organizados nos anos 1990 em função de sua atuação na política, criando redes de conscientização de seus direitos e frentes de lutas contra as discriminações. O movimento dos homossexuais também ganhou impulso e as ruas, organizando passeatas, atos de protestos e grandes marchas anuais. Numa sociedade marcada pelo machismo, isso também é uma novidade histórica. O mesmo ocorreu com o movimento negro ou afrodescendente, que deixou de ser predominantemente movimento de manifestações culturais para ser, sobretudo, movimento de construção de identidade e luta contra a discriminação racial. Os jovens também criaram inúmeros movimentos culturais, especialmente na área da música, enfocando temas de protesto, pelo rap, hip hop etc. (GOHN, 2011, p 343).

Em 1992, o primeiro presidente escolhido pelo voto direto, Fernando Collor de Mello, enfrentou acusações de corrupção, CPI para investigação, pressão para a renúncia e um grande clamor da população, com milhares de pessoas às ruas, vestidas de preto com a cara pintada para pedir seu impeachment em um movimento articulado por líderes empresariais e políticos.

Dessa forma, a sociedade brasileira avançou na construção dos movimentos sociais, que, apesar de novos ou transformados, carregam na essência a tradição de movimentos antigos, a forma de combate ou como se organizam. As lutas mostraram-se cada vez mais pontu-

ais, porém de formas constantes desde o ano 2000. Os movimentos foram se organizando cada vez mais em torno de pautas objetivas, alguns com pauta única. Dentro dessa perspectiva de movimentos com uma pauta clara existe, por exemplo, o Movimento dos Sem Terra (MST) ou Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), Movimentos Feministas, Movimentos Negros, Movimentos pela causa indígena e movimentos partidários sempre atrelados a essas ramificações de movimentos. Nesta tradição dos movimentos sociais e políticos no Brasil, os partidos políticos, sindicatos e as organizações específicas de esquerda seguiram o modelo leninista de organização, caracterizado pela chamada “centralismo democrático”, onde os militantes devem seguir sem questionar as decisões supostamente iluminadas de seus dirigentes.

Foi dessa compreensão em que Daniel passou a integrar-se aos movimentos sociais. Dessa forma, sua percepção de uma desorganização e sua negativização sobre o anarquismo nas manifestações se justificasse por sua trajetória e visão política.

Um ponto interessante foi que, apesar de sua constante crítica à falta de liderança, ao falar sobre o “vandalismo” dentro da manifestação, Daniel disse que considerava essas ações normais dentro de qualquer revolta das massas e relatou um pouco sobre algumas manifestações anteriores no qual fizera parte de ações diretas articuladas por partidos. A motivação central era a oposição política ao então prefeito de Fortaleza, sobre isso ele relatou: “Nós participamos de algumas manifestações em 2004, na época do Juraci Magalhães. Nós colocamos fogo em alguns carros da Guarda Municipal e fez com que houvesse a primeira derrota política do Juraci”, há dessa forma uma visão que para ele, a forma que se dá uma revolta tem legitimidade, mesmo se violenta, quando é construída e articulada por uma organização hierárquica, com líderes evidentes, únicos capazes de conduzir aos objetivos concretos de uma luta, ou seja, o problema não era a violência em si, mas a falta de líderes para conduzir as jornadas de junho.

### **3.3 Outros olhares – E a anarquia do movimento.**

Esse sentimento anárquico relatado por Daniel foi percebido também por jornalistas e fotógrafos, assim como estava escancarado em pichações que se espalharam pelos muros de Fortaleza durante os momentos de tensões. Davi Pinheiro<sup>53</sup>, fotógrafo independente que regis-

---

<sup>53</sup> Davi Pinheiro, fotógrafo independente (Freelancer).



trou de perto as manifestações de junho de 2013 em Fortaleza, fotografou um desses sentimentos estampados nos muros, o símbolo anarquista:

*Figura 30 O “A” de Anarquismo nas ruas.*



Foto de: Davi Pinheiro, nas jornadas de junho de 2013 em Fortaleza/CE.

A percepção dos motivos tanto do início das manifestações, quanto de onde teria se iniciado a violência foi diferente de pessoa para pessoa entrevistada. Ao entrevistarmos Fernando<sup>54</sup>, um militante anarquista que esteve em todas as manifestações, apesar de aparentar estar bem desconfiado, nos respondeu a primeira pergunta de forma mais direta. Para ele estava claro que as manifestações de 2013 não foram espontâneas, mas tiveram uma forte ligação com um histórico de lutas.

A manifestação de junho em Fortaleza foi uma manifestação que aconteceu na Praça da Gentilândia, quando estava havendo o treino da seleção no estádio Presidente Vargas, no bairro Benfica. Bem próximo da Gentilândia, aconteceu um processo de mobilização, a ideia inicial era fazer uma manifestação no Presidente Vargas, mas o povo se deparou primeiro com um contingente policial nunca visto, tinha um exército para a contenção da galera e de um processo que a gente nunca tinha visto, então essa primeira manifestação foi organizada pela internet, mas que demonstrou que as massas estavam indignadas com os gastos com a Copa do Mundo e as condições sociais degradantes na saúde, na educação e transporte público. Pra mim evidentemente há um discurso em que esse atos foram espontâneos, eu discordo desse tipo de análise, acredito que há uma tradição de trajetória de luta, é evidente que onde, se

<sup>54</sup> (Nome fictício para preservar a identidade do manifestante) Entrevista por Fernando à autora Larissa Ketlin S. de Araújo. 16 de agosto de 2014.

por exemplo, estourar uma luta feroz em Fortaleza agora, isso contamina que em outros lugares nos tomem como exemplo, então o que aconteceu em Fortaleza estava logicamente relacionado a um contínuo processo de lutas pelo passe livre, contra o aumento de passagem que estava acontecendo em várias cidades do Brasil, sendo que estourou um processo nacional em junho. Na verdade, tinha um processo que não só aconteceu em São Paulo, porque a mídia burguesa centraliza o discurso no Sul e Sudeste, mas um processo que aconteceu em várias cidades como por exemplo em Natal-Rio Grande do Norte, em Porto Alegre- Rio Grande do Sul e que Fortaleza foi mais uma cidade a desencadear esse processo, então os primeiros atos aqui de junho não foram nada de “espontaneístas”. Um dia pela internet e as pessoas resolveram ir pra rua, não, para mim remete a uma tradição de organização da classe trabalhadora, ou seja, foi um processo que estava ligado a luta contra o aumento de passagem que em Fortaleza existe há muito tempo, em 2004 tivemos uma manifestação enorme, mais de 6 mil estudantes que depredaram carros da AMC, pelo aumento, e que foram rolando várias outras lutas de 2004 pra cá, no Brasil inteiro, teve aumento da inflação, aumento dos transportes e houve uma rebelião estudantil, então pra mim essa manifestação que aconteceu em junho foi um processo relacionado às manifestações de 2004.

Fernando e Daniel falaram sobre dois momentos de lutas o qual fizeram parte sob perspectivas diferentes, se Daniel relatou sobre as manifestações de 2004 como um fato isolado, mostrando uma separação dos movimentos anteriores com junho de 2013, para Fernando, no entanto, as manifestações teriam uma continuação, há uma ligação dos eventos.

A interpretação das conjunturas das memórias pode indicar como as ideologias influenciam no campo das memórias. Nesse sentido as memórias são articuladas de acordo com o interesse pessoal, a partir do campo social e institucional em que a pessoa esteja inserida. Isso acontece, segundo Bosi, por motivos que se correlacionam com a necessidade que o ser humano tem desde criança em acreditar em alguém como uma representação maior como pai ou mãe, padrão que futuramente pode ser reproduzido na relação com a sociedade. Contudo, as representações e identificações ideológicas também são mutáveis. A ideologia não é permanente, mas necessariamente haverá alguma ideologia onde repousará “o estereótipo, nas explicações dadas pelo poder” (BOSI, 2004, p. 118).

Podemos perceber nas entrevistas outros pontos de vista, muito diferentes dentro de mesmos fatos citados por outros, por exemplo, ao entrevistar um libertário chamado Guilherme<sup>55</sup>, podemos ver uma mudança ideológica, durante as manifestações.

Ao conversarmos um pouco sobre qual seria o tema da pesquisa e o porquê queríamos entrevistá-lo, a primeira frase que Guilherme falou após aceitar ser entrevistado foi “eu odeio os policiais, antes eu odiava a corporação, mas depois de junho de 2013 passei a odiar os policiais”, em tom altivo e mostrando com clareza sobre o que queria falar.

Guilherme falou que na primeira manifestação de junho de 2013 que esteve foi a convite de amigos da universidade na qual estuda, e por sempre ter sido inquieto com as questões

---

<sup>55</sup> (Nome fictício para preservar a identidade do manifestante) Entrevista por Guilherme à autora Larissa Ketlin S. de Araújo. 14 de agosto de 2015.

sobre política, mas que não foi por causa do aumento das passagens, porque costuma utilizar como transporte de locomoção uma bicicleta. Na primeira vez não foi na linha de frente, mas sofreu repressão policial e nas manifestações seguintes resolveu ir para a linha de frente, instigado pelo o que, para ele, teria sido uma truculência da polícia na primeira manifestação.

Ao ser perguntado sobre como foram as manifestações de junho, começou a relatar sobre a primeira manifestação:

Foi a manifestação que tinha mais diversidade de pensamentos que eu fui, e eu fui muito ingênuo eu acho, eu mesmo fui muito ingênuo porque no começo quando a galera estava tentando furar o bloqueio eu tava naquela né de tipo, eu não sabia se eu realmente queria que furassem o bloqueio, eu não sabia se queria que a galera continuassem insistindo pra furar o bloqueio eu tava naquela tipo: é se furar beleza, mas se não furar por mim tudo bem, mas ai quando começou as balas e bomba e tudo mais aquela coisa toda e começou a correria, ai eu porra véi, eu mesmo joguei a culpa no pessoal que tava tentando furar o bloqueio naquele momento, mas foi um momento muito rápido foi só até eu perceber que existia uma diferença muito grande de forças entre a galera que tava jogando pedra e pau e a galera (policiais) que tavam atirando e jogando bomba de um helicóptero, uma coisa que não fazia sentido, a minha ideia com a galera que tava na linha de frente.

Os momentos em que os helicópteros jogaram bombas de efeito moral e em confrontos entre policiais e manifestantes perto do bloqueio policial foi registrado também por Davi Pinheiro:

*Figura 31 As bombas.*



Foto de: Davi Pinheiro, nas jornadas de junho de 2013 em Fortaleza/CE

A imagem que comprova a fala de Guilherme revela a forma truculenta e desproporcional da ação dos policiais, pois ao jogarem bombas de efeito moral de um

helicóptero, estavam de forma indiscriminada lançando em cima de todos que ali estavam e possivelmente dos que também não estavam na manifestação, podendo atingir inclusive as casas ao redor dos locais das manifestações e para, além disso, a repressão também de perto com cassetetes, balas de borracha e gás lacrimogêneo, usados pelos policiais:

*Figura 32 O cassetete*



Foto de: Davi Pinheiro, nas jornadas de junho de 2013 em Fortaleza/CE.

Diante desses ocorridos na primeira manifestação que Guilherme foi, ele passou a pensar diferente sobre o que seria a violência naquele momento, uma mudança ideológica para ele, que acreditava que as manifestações deveriam ser pacíficas como as manifestações que ele costumava participar, mas mudou sua percepção a partir do momento em que viu “a polícia bater sem motivo nenhum”. Em meio as várias cenas que ele relatou, aquela que para ele foi decisiva, foi ver os policiais batendo em pessoas que estavam sentadas cantando o hino nacional:

Eu vi um monte de galera pelegando mesmo, chegaram lá na frente, sentaram e começaram a cantar o hino, com dez segundos a polícia começou a atirar neles, a galera tava sentada cantando o hino, no máximo o auge da peleguise ai eles receberam bala, quando vi isso, pô véi não tem conversa, ou a gente arranja um jeito de furar o bloqueio e começar a ferir policial ou então a gente vai se foder muito, ai foi nesse momento que começou a vibe do molotov, que até então eu era contra a violência nas manifestações, que as que eu tinha ido era manifestação de estudante, carteirinha, essas coisas assim, que a gente ia pra frente da Etufor com placa (cartaz), no máximo derrubar o portão da Etufor, era tudo muito bonitinho, mas a gente tava mexendo em uma coisa que girava muito dinheiro que era a Copa a gente viu o poder do Estado, até onde o Estado pode ir pra defender o interesse econômico, foi nesse momento que ficou pesado o clima ai é tanto que o pessoal que foi comigo na

primeira manifestação, já não foi mais em nenhuma eles decidiram que aquele clima não dava pra eles.

Essa mudança veio como resposta de uma decepção com a ideologia pacifista que, naquele momento, fora percebida como uma não-funcionalidade da ideia inicial de que o pacifismo seria a forma correta de manifestar-se. A mudança rápida de ideologia influenciou a mudança drástica de atitude, deixando de lado valores aprendidos desde a infância, como as leis e as regras sociais injetadas, por exemplo, que não se pode contrariar as pessoas mais velhas ou autoridades como pais ou professores; ideologias que são repassadas desde a infância podem ser abandonadas em momentos de rebelião, saindo de sua zona de conforto, intelectualmente e fisicamente, diante uma situação que anteriormente parecia inconveniente e errada. Guilherme ao ver uma situação de violência, com policiais usando armas para repreender manifestantes que estavam sentados, compreendeu que essa atitude deveria ser punida. Ao falar que em dado momento ele pensou “ou a gente arranja um jeito de furar o bloqueio e começar a ferir policial ou então a gente vai se foder muito”, refere-se a uma reação imediata que contradiz toda uma lógica construída ao longo de sua vida, sendo assim uma rejeição dos valores sociais, o que ocorre nas rebeliões, como explica Bosi:

Na Rebelião há uma rejeição de valores dirigidos para a obtenção dos bens que não são partilhados com equidade e justiça. Antes de tudo, a rebelião é uma transvaloração. Denunciando o mal da estrutura presente, busca-se uma estrutura alternativa. A crise pode vir de um momento de lucidez em que fins e meios se revelam. Mas daí a passar a uma ação política organizada há um longo e sofrido percurso. (BOSI, 2004, p. 138).

Assim, na segunda manifestação, Guilherme disse que já estava mais preparado, portando máscara, para não sofrer tantas consequências com o gás lacrimogêneo; garrafas para fazer o coquetel Molotov e a lembrança do que havia passado na primeira manifestação. Ao chegar ao ponto principal de encontro, disse que percebeu uma quantidade exorbitante de policiais e teve a certeza de que iria ter mais repressão, contou sobre um momento de tensão que foi um dos mais marcantes e angustiantes para ele:

Na UECE foi massacre demais porque a gente conseguiu resistir durante um tempo a gente derrubou umas placas grande, a gente colocou no chão colocou madeira e ficou atrás com a baladeira acho que era meio que sincronizado, quando a policia tava começava a avançar e atirar a gente começava a atira com baladeira, a gente conseguiu resistir durante um tempo até que eles começaram a atirar muita bomba depois de onde a gente estava ai ficou uma fumaça, a gente ficou isolado do resto da manifestação tipo ficou umas 20 pessoas na minha frente só no máximo, quando a gente viu que tava só 20 pessoas que o resto saiu correndo pra todo lado, a fumaça de gás era levada pelo vento pra longe da gente, ai conseguiram atirar na frente da barricada, ai a gente se deitou, quando a gente se levantou já tinha uns 6 policiais na nossa frente ai já foi atirando já foi batendo, ai quem conseguiu correr correu quem não conseguiu ficou e apanhou muito, eles destruíram a barricada, a gente tentou voltar, mas nesse dia tinha muita gente do raio la e a galera tem muito medo do raio porque acha que são mais violentos possíveis né, eles tavam com umas armas que a gente

ficava desconfiado se era arma de verdade ou se era de bala de borracha, ninguém queria pagar pra ver.

Momento esse que se repetiu em manifestações seguintes, quando as barricadas e lançar pedras com baladeira foram meios utilizados para se defender da polícia.

*Figura 33 As barricadas.*



Foto de: Davi Pinheiro, nas jornadas de junho de 2013 em Fortaleza/CE.

A desconstrução e a construção de novas ideias perduraram durante muito tempo, durante as manifestações, Guilherme foi conhecendo pessoas e junto a elas por meio de conversas foi construindo um pensamento no qual hoje ele denomina de Anárquico Libertário, mantém as amizades ali construídas. Percebemos um apego às ideias construídas a partir do momento vivenciado, que não foram efêmeras, mas permaneceram em construção.

Outro exemplo dessa característica de mudanças de ideologias dos manifestantes foi a de mais um entrevistado que hoje também se denomina como Anarco Libertário. Cauã<sup>56</sup>, antes das jornadas de 2013, se considerava da esquerda marxista e durante as manifestações foi mudando sua percepção, na entrevista ele afirmou que:

Eu passei a perceber outra lógica, porque eu vinha de um marxismo ortodoxo e que esse marxismo não conseguia sair de uma consciência binária depois eu passei a debater dentro do próprio movimento como a rua ela te dá uma liberdade, uma eman-

<sup>56</sup> (Nome fictício para preservar o nome do manifestante) Entrevista cedida por Cauã à autora Larissa Ketlin S. de Araújo. 04 de setembro de 2015.

cipação intelectual pra além dos dogmatismos e que eu posso lhe dizer que não há ideologia que sustente uma questão mais urgente e mais prática não qualquer ideologia, nem ciência que sustente a desigualdade social. Nesse primeiro momento eu me coloquei tanto como sujeito histórico classe trabalhadora e classe social B, C, D e E, me coloquei também distante pra analisar minimamente a perspectiva dessa luta e a perspectiva dessa luta a partir de companheiros muito mais experientes do que eu, eles começaram a me descortinar, chegavam e diziam “essa luta se ela continuar sendo o mesmo trâmite tradicional de uma ideia leninista-marxista vai sempre vai dar no covardismo, ela vai desaguar sempre num dirigentismo que as pessoas no final das contas vão massificar essa luta depois elas vão partir pros cargos e mais uma vez elas vão te representar, então essa luta é pra acabar, com a funcionalidade dos partidos, dessa democracia representativa e a ideia de que há uma perspectiva diferente. A ideia que de se desfeticizar disso tudo, confesso pra você que nesse primeiro momento foi um susto, deu medo, foi como seu eu tivesse ficado de uma hora pra outra viúvo de tudo aquilo que eu acreditei é de uma ação política de absolutamente diferente de uma ideia de emancipação pra muito além de uma questão intelectual e sentir isso eu confesso que foi amedrontador e logo em seguida libertador.

Há uma reconfiguração de atitude ao se deparar com a presença do estranho, ao que se acreditava ser o normal. Nesse sentido, esse rompimento foi narrado por alguns, que em geral afirmaram um amadurecimento, o que nas manifestações poderia parecer um amontoado de jovens que não sabiam pra onde ir ou que estavam fazendo, na verdade era a expressão no interior de cada ação para os entrevistados de uma reconfiguração de pensamentos e ações, partindo do vivenciado na hora do ápice dos atos, somando com as conversas com outros manifestantes, assim essa ruptura sugere também uma ruptura com a sociedade em sua plena ordem funcional.

Sobre a possibilidade de reorientação de ideias e práticas, explica Bosi: “A mudança de atitude exige uma reorientação intelectual, um rompimento com os vínculos sociais. É uma reestruturação da experiência passada. A mudança de atitude causa uma desordem nas relações sociais” (BOSI, 2004, p. 119). Essa desordem que se cria quando uma pessoa rompe com uma estrutura de ideologias, pode explicar os embates intensos ocorridos dentro das rebeliões, enquanto alguns passam a ter outra percepção, outros não.

Essa nova percepção que Cauã passou a ter juntamente com seu grupo de amigos trouxe debates sobre como seria a cidade (de Fortaleza) que eles queriam viver, essa reflexão foi essencial para a construção de outros debates durante as manifestações:

O momento que a gente, parou, refletiu, questionou, debateu, organizou, massificou, rachou uma cidade ao meio e trouxe para o debate outras vontades, outros interesses. Esse momento a gente descobriu interesses, que era interesse que não era de forma alguma reverberado na caixa de ressonância das mídias, interesses que de forma alguma se conseguia entender que nem eram interesses populares e nem públicos, como, por exemplo, a ideia de uma cidade intermodal, a ideia de uma cidade gratuita de livre acesso de ir e vim gratuito e intermodal a bicicleta nesse sentido é o simbolismo dessa outra cidade, dessa possibilidade de cidade.

Esse pensar para além de uma lógica dada no presente vivido, ou no caso, como Cauã afirmou, uma possibilidade de uma luta para além do Estado e por uma construção de algo

novo, só é possível a partir de uma imaginação que consiga sobressair à hegemonia. Isso segundo Bloch seria uma “efervescência utópica”, algo necessário para questionar o sistema vigente, pois só se pode questionar, lutar contra algo, se conseguir imaginar uma possibilidade de algo melhor:

Os seres humanos têm sonhos diurnos e uma parte desses sonhos estimula o ser humano a não se conformar com o que aí está, e a não se permitir a submissão ao insuficiente e ao escasso. A existência humana traz inquietações do espírito que colocam o ser humano em “efervescência utópica” (BLOCH, 2005, v1, p.194). Esta existência intensa revela um ser em excitação, com sonhos em fermentação por onde “circula o possível que talvez nunca poderá se tornar exterior” (COSTA, 2009, p.1)

A função utópica, no entanto, permanece ainda em uma possibilidade real, algo que ainda não ocorreu, mas existe a possibilidade de ocorrer, não é algo vazio ou abstrato, pois não tem a finalidade em si:

Assim, a função utópica é a única transcendente que restou, e a única que é digna de permanecer: uma função transcendente sem transcendência. Seu esteio e correlato é o processo que ainda não resultou no seu conteúdo mais imanente, o qual está sempre a caminho de se realizar – logo, o qual existe, ele próprio, em esperança e em intuição objetiva do que-ainda-não-veio-a-ser como de algo que ainda-não-se-tornou-bom.(BLOCH apud COSTA, 2009, p.4)

Voltando para o relato de Cauã, percebemos uma nova ideologia transpassada por uma nova utopia, que o fez perceber aquela experiência de uma forma outra, e que o conduziu para um sentimento sobre aquele momento como uma luta por algo muito maior que o aumento das passagens do transporte público.

### **3.4 Nas barricadas – Rivalidades, Solidariedades e Ideologias.**

A discrepância de percepções sobre os fatos influencia não só nas ações no momento com também na memória e, por esse motivo, as memórias são contraditórias entre si, a exemplo disso, sobre o fato das intrigas internas dentro da manifestação em relação aos manifestantes do PSTU que Daniel relatou, para outros manifestantes esse caso se deu de outra forma, por exemplo, Guilherme afirmou que na primeira manifestação o PSTU teria iniciado a briga na tentativa de ir ordenar quem estava na linha de frente a não revidar na polícia:

Na BR teve mais confronto porque eles estavam cercando a gente de todos os lugares que a gente ia e tinha confusão dentro da manifestação também, porque tinha uma galera que dizia que não era pra revidar na polícia pra galera que tava muito puta porque tava apanhando sem saber porque. (...)

(...) A galera que vi foi do PSTU, eles tinham sido expulsos no começo da manifestação, aí eles voltaram pra dizer que a gente não podia revidar na polícia, foi o que eu vi, tinham dois caras com a camisa do PSTU, dizendo que era pra gente obedecer a polícia e não entrar em confronto, só que a galera que tava lá tinha muito mais experiência do que eu imaginava ter e que eu tinha, porque eles não estavam baixando a cabeça de jeito nenhum pra esse pessoal do PSTU, uma que eu vi muito jovem,



lembro de ter muita gente da direita também com camisa do Brasil que tava como muita raiva e tava descontando nos policiais eu lembro de muitos momentos que eu vi cara com a bandeira do Brasil, com a camisa do Brasil jogando pedra na polícia, enquanto o pessoal do PSTU tava falando pra galera não jogar pedra, esse é o único partido que eu lembro de ter visto, vestido de partido, via alguns coletivos que fazem parte do Psol, do PT, mas partido mesmo só vi o PSTU. (GUILHERME).

Na entrevista do Cauã, enquanto ele explicava o que para ele seria a diferença da esquerda tradicional e o anarquismo libertário, ele também trouxe como exemplo esse fato do PSTU para exemplificar qual seria o ideal da esquerda tradicional, segundo ele:

Eu percebi que pra além dos acadêmicos como eu, como outros tanto da UECE, como da UFC, no ato do Palácio da Abolição, havia muitas pessoas da comunidade carentes, de comunidades pobres, no 1º ato não tinha essa adesão, por isso que esse ato foi tão importante, porque além de mostrar um movimento em que esta a perder de vista já não há mais como dirigir um movimento daquele, eu vi um movimento interclasses, multiclassas, um movimento classista nesse sentido e aí essas pessoas, a gente não conversou com elas, eu não conversei com nenhuma delas, em um ato de total espontaneidade e autonomia, eles pegaram pedras e de maneira bem organizada eles foram deprender o Parlamento (SIC) da Abolição, o PSTU se juntou a uma faixa da classe média alta que mora no Meireles, nos arredores do Palácio da Abolição e chamou policiais para prender esses meninos, um contrassenso sem tamanho, de uma covardia, quer dizer manifestante entregando manifestante, ali foi escancarado uma fenda dentro da manifestação, a truculência do PSTU pareceu de maneira prática com a truculência de verdade de classes da mídia. (Cauã)

Algo marcante em algumas entrevistas foi que alguns entrevistados tiveram uma nítida percepção de uma ação policial contra especificamente jovens da periferia, e sobre essa mesma situação, por exemplo, quando perguntei ao Yargo sobre qual cena nas manifestações havia lhe causado mais impacto ele respondeu que:

O pessoal da própria manifestação desses pacifistas, entregando um meninozinho que tava jogando pedra na polícia e a polícia pegou o menino e “esculachou” o menino, daí depois a própria galera que entregou meio que se arrependeu, porque o pessoal tem uma ideia, principalmente a classe média que não tem muito contato com a repressão da polícia, eles tem uma ideia meio alienada sobre a força da polícia, talvez eles não soubessem que quando entregassem o menino, pensavam que a polícia ia ser justa com ele, mas não, não foi começaram a “esculachar” ele. Nem sabiam o que estava acontecendo e já chegaram batendo no menino, só porque o menino era negro e tinha cara de ser da periferia e isso é normal à polícia fazer “esculachar”. (YARGO)

Guilherme ao falar sobre as manifestações relatou o que em um mesmo sentido seria para ele a repressão policial sofrida diariamente por pessoas da periferia, contou um caso específico de uma das manifestações em que ele estava fugindo da polícia e para se esconder entrou na casa da tia que mora perto da Serrinha, ele disse ter visto uma invasão de policiais no bairro, semelhante ao ocorrido na comunidade da Maré no Rio de Janeiro na mesma época. Ele disse que:

Nesse dia da Uece na segunda manifestação, depois que eles conseguiram dissipar os manifestantes, eles entraram na Serrinha e aterrorizaram, porque quem tava na

linha de frente era eu e os pivete da Serrinha, quando acabou a manifestação, eles entraram na favela e aterrorizaram mesmo, quebraram a galera e entraram nas casas. Eu cheguei a presenciar, porque eu fui pra casa da minha tia que mora lá perto. Ai depois quando os helicópteros foram embora a noite eu resolvi ir pra casa, ai no caminho passei pra ver como tava a situação ai não tinha mais polícia, ai fui pra Serrinha pra voltar pra casa, ai passando pela Serrinha e pelo Barroso, ai só vi as viaturas paradas tinha um monte de policial na esquina e uma galera correndo, ai não cheguei mais perto pra conferir ai só vi e passei. (GUILHERME)

Cauã também teve a mesma percepção, segundo ele:

Foi a primeira vez que a classe acadêmica, a classe hipócrita acadêmica sofreu a repressão que a comunidade pobre sofre diariamente foi preciso que uma grande ala da sociedade entendesse que havia um projeto de extermínio de pessoas na favela e muitas vezes esse projeto de extermínio era contra as suas angústias, era incompreensível não conseguia ser sensível as dores dessa comunidade, pra que finalmente essa classe se voltasse pra essas vitimas históricas.(Cauã)

Dentro dessas entrevistas, ficaram claros dois pontos: a motivação pra cada um estar nas manifestações se diferenciou a partir da necessidade de cada um, e isso vai ao encontro com a ideologia que cada um carregava; a transformação dessa ideologia foi de acordo com os contatos que tiveram durante as manifestações e a quem não pôde ter outros contatos para além dos de costume permaneceu em uma inércia ideológica, sendo assim, as memórias estavam de acordo entre si nas relações de grupos, mas contraditórias de um grupo para outro, isso porque, como explica Bosi:

Quando um acontecimento político mexe com a cabeça de um determinado grupo social, a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá desse acontecimento. Portanto, uma das faces da memória pública tende a permear as consciências. (BOSI, 2004, p. 22).

Em uma entrevista que fizemos com Helena<sup>57</sup>, por exemplo, sua motivação para ir às manifestações não carregava uma ideologia pré-determinada sobre questões do sistema econômico, ou político como o comunismo ou anarquismo, por ser muito jovem no período que ocorreram as manifestações, ainda cursando o ensino médio:

Tudo começou com uma galera que estava nas escolas, falando sobre o que tava acontecendo, as manifestações que estavam acontecendo em outros estados e ai veio todo aquele negocio do gigante acordou, que a gente vai mudar o Brasil é agora, e a gente vai revolucionar, que a gente vai ter uma educação que liberte, e ai logico que me proporcionou uma vontade de querer ir ao menos pra poder saber como era, como funcionava e comigo foi bem quando eu tava no ensino médio e todo mundo tava indo, ai deu vontade de ir também, fugi ate de casa pra poder ir, surgiu um grande interesse em mim pra poder participar dessas manifestações, pra tentar contribuir de alguma forma, não ficar parada diante de tantas coisas que estavam acontecendo (Helena).

---

<sup>57</sup> (Nome fictício para preservar a identidade da manifestante) Entrevista cedida por Helena à autora Larissa Ketlin S. de Araújo. 15 de setembro de 2015

Foi com as manifestações que ela passou a se questionar sobre se queria seguir alguma ideologia e o que aquilo significava em sua vida:

A primeira manifestação foi tipo, caraca o que tá acontecendo? porque eu cheguei lá e vi pessoas totalmente diferentes, o oposto ideologicamente, de todo jeito e eu vi aquele choque de um lado a galera que queria partir pra cima do outro uma galera que só queria estar ali pra aparecer na televisão, de outro uma galera que não queria fazer nada, aí naquele momento eu fiquei no meio me perguntando e agora, o que é que eu sou? Acho que ali surgiu o querer saber o que eu sou, o que quero ser, qual a ideologia que eu quero ter politicamente, foi ali onde tudo começou, me despertar, daí em relação ao que eu senti, foi algo indescritível, porque eram milhares de pessoas de uma forma que nunca aconteceu aqui no Brasil, totalmente não puxada por partidos não era tipo comandado, mesmo tendo partidos ali, tudo poderia acontecer, a gente poderia invadir, a gente poderia quebrar, a gente poderia não fazer nada, a gente poderia se sentar no chão como a gente fez e pedir sem violência, tudo ali poderia acontecer naquele momento, eu senti uma grande emoção, eu chorava, eu ria, eu caía, apanhava, foi um conjunto de grandes emoções. (Helena)

O que demonstra o quanto rebeliões, manifestações ou revoltas podem ser construtoras de visões políticas e anseios por autoconhecimento. O que torna determinante para um segmento ideológico futuro não são necessariamente as leituras que constituem esse segmento, mas precisamente uma “atuação ‘revolucionária’, prático-crítica” (MARX, 1999,p.4) que determina a atuação de uma ideologia a ser seguida. Assim como os outros entrevistados, Helena também diz ter tido uma mudança de comportamento após, segundo ela, na primeira manifestação, estar “sentada no chão pedindo sem violência e receber violência”, quando a polícia começou a atirar bala de borracha e jogar gás:

A partir do momento que eu tava falando sem violência, quando eu vi que a violência estava vindo na minha direção, querendo ou não, você sendo anarquista ou não, tendo um ideal libertário ou não, sente uma raiva tão grande, tão absurda que a vontade que dá é de partir pra cima de todos eles, pode ser o mais pacífico que for, pode ser a vida toda pacífico, mas aquele momento ali foi raiva, foi ódio, porque não estava fazendo nada, estava só lutando por direitos, porque eu estava exigindo o que é nosso, por eu estar ali me manifestando eu fui reprimida, sendo violentada pela polícia, pelo Estado, então deu uma raiva imensa (Helena).

As memórias aqui expostas mostram uma conexão de fatos, de percepções e sensações sobre os mesmos, por exemplo, na primeira manifestação o mesmo fato que afetou a Guilherme, afetou a Helena, porém enquanto um viu de fora a outra sentiu estando dentro da situação, pessoas sentadas no chão pedindo sem violência, cantando hino nacional e ainda assim serem atingidos por balas de borracha e gás lacrimogêneo.

Assim, as memórias são entrelaçadas por meio de não somente sentimentos compartilhados, mas a partir de interesses políticos que foram sendo criados a partir das manifestações, formando assim memórias compartilhadas, como assinala Portelli (1997).

### ***3.5 Da bala de borracha à bala de verdade – A repressão na comunidade da Serrinha.***

Em relação ao tratamento da polícia com pessoas da periferia, ronda um sentimento entre os manifestantes sobre esse assunto, uma consciência coletiva de que as pessoas de comunidades pobres sofrem diariamente com a repressão da Polícia, apesar de que a maioria dessas pessoas, que são em maior parte graduandos ou graduados, com emprego fixo ou somente estudando, que em geral não residem na periferia, a maioria não teve contato com essas pessoas, mas que as citaram e reconheceram ali um histórico de perseguição do Estado às pessoas pobres, negras e da periferia e esse sentimento pertenceu ao contexto de interpretações sobre as ações da polícia naquele momento ligando as manifestações a um cotidiano vivenciado nas periferias brasileiras.

Entrevistamos um morador da periferia, da comunidade Serrinha, chamado Francisco<sup>58</sup>, que me contou um pouco sobre o que ocorreu nos dias que seguiram as manifestações, apesar de estar preocupado em estar sendo gravado, mas concordou em falar sobre o assunto.

Francisco é professor, esteve nas manifestações por convicções políticas a qual ele milita, esteve na linha de frente e segundo ele, passou por dois tipos de repressão, um tipo dentro das manifestações com balas de borracha, gás lacrimogêneo e cassetete da polícia e outro dentro da periferia após as manifestações, na fala dele:

Dentro da comunidade da Serrinha, a manifestação caminhou, a ideia era resistir, não tinha como avançar, porque o povo percebeu que não tinha diálogo com a polícia, a polícia nunca vai dialogar com a população diferentemente desse povo que acredita que a gente pode, que somos trabalhadores, a polícia não é trabalhador como os outros, a polícia mata e tão ali pra defender o estado e os empresários, então eles vieram logo pro ataque, foram varias horas de conflito e quem resistiu mais foi a comunidade, foi a periferia, e foram os jovens da Serrinha, quando a galera começou a retroceder, a polícia entrou na serrinha e começaram a prender pessoas sem saber se estavam ou não participando da manifestação, discriminadamente, jogaram gás lacrimogêneo dentro da comunidade inteira prejudicando senhoras, criança e tal e ainda dando tiro letal, porque pra eles dentro da favela todo mundo é pilantra todo mundo é vagabundo, foram presos a maior parte era o pessoal que tava sem camisa, sem chinelo, sem direito a falar, simplesmente prenderam a galera. A gente percebeu que dentro das comunidades a atitude muda, por exemplo, se na avenida deram bala de borracha, da pracinha da Serrinha pra dentro foi bala de verdade, já foi gás lacrimogêneo dentro das casas da comunidade, já foi batendo, eles não só averiguavam as pessoas, mas eles batiam na cara, faziam as pessoas se deitar no chão e encostavam a arma na cabeça, e mostrando claramente que a polícia não serve quase pra nada e que as comunidades a tendência é piorar a criminalização dela dentro do sistema depois de junho de 2013, porque começaram a caçar a juventude, ai se rebelou contra o Estado (FRANCISCO)

---

<sup>58</sup> (Nome fictício para preservar a identidade do manifestante) Entrevista cedida por Francisco à autora Larissa Ketlin S. de Araújo. 25 de setembro de 2015

O imaginário coletivo daqueles que não são da favela condiz com o que pensam e vivenciam aqueles que são da favela, uma separação do centro e o periférico, no qual há uma diferenciação das ações policiais sobre os determinados grupos de pessoas dependendo do local a que esta pertence e por consequência as classes sociais que estão naquele local, dessa forma o espaço geográfico influencia nas condições socioeconômicas das pessoas e por consequência seus comportamentos e como serão as relações dadas entre os grupos, isso é uma característica de uma cidade fragmentada, assim como atesta Salgueiro, “uma organização territorial marcada pela existência de enclaves territoriais distintos e sem continuidade com a estrutura socioespacial que os cerca. A fragmentação traduz o aumento intenso da diferença e a existência de rupturas entre os vários grupos sociais, organizações e territórios” (SALGUEIRO apud LOPES, 2006, p. 23).

Nesse sentido a periferia permanece à margem de um núcleo econômico e geográfico organizado por uma classe econômica média ou alta, no qual segrega cada um em seu grupo pertencente e não se interagem. A periferia permanece como um lugar que não pertence a um conjunto social de inserção das pautas políticas e serviços sociais; as interações entre bairros centrais e a periferia se dá apenas de forma lucrativa nas questões econômicas, sendo, portanto, um lugar estranho para a classe média e alta, e ao mesmo tempo um lugar de higienização social por parte das políticas públicas.

As periferias como locais de não inserção social ou segregação, permanecem como um lugar onde se, por um lado é abandonado em investimentos educacionais ou de eventos culturais, por outro há o investimento em segurança pública, a qual serve para discriminar cercando ainda mais os já marginalizados a fim de proteger o bem maior do Estado, as áreas habitadas pela burguesia. A periferia é, portanto, um lugar rejeitado e as pessoas que residem em periferias sofrem as consequências, assim como observa Santos:

A noção de periferia estava até aqui carregada da noção de distância, que constitui de longe, o fundamento da maior parte das teorias espaciais e locais. A essa noção de periferia, dita “geográfica”, é preciso opor uma outra, a de periferia socioeconômica, se levarmos simultaneamente em consideração os lugares tornados marginais ao processo de desenvolvimento e, sobretudo, os homens rejeitados pelo crescimento (SANTOS apud LOPES, 2006, p. 28).

Os homens que são rejeitados por esse processo são os que na escala socioeconômica não podem ter acesso a bens materiais, formando assim um grande abismo entre as classes, isso por meio da violência justificada da polícia-estatal.

Essa discriminação cotidiana do Estado com a periferia foi também descrita por Francisco:

Se a gente for pegar o caso da serrinha e do entorno, um dos lugares mais violentos porque o estado faz vista grossa, é lucrativo pro estado deixar a galera se matar e quando não da cabo da juventude se matar a desmando do estado, quando não da cabo, o próprio estado faz isso, aí a gente vê vários casos das ações da polícia dentro da comunidade, tipo a galera tá na festa aí de repente chega a polícia, como sábado passado a gente no sarau e eles chegaram agredindo discriminadamente então é uma parada pra comunidade que a comunidade infelizmente tem que se adequar é tanto que a comunidade hoje em dia tem muito mais medo da polícia do que dos bandidos porque a polícia entra aqui e entra mandando, agredindo, desaparecendo com pessoas, é um modelo da polícia de agir e reprimir a comunidade, assim é por exemplo em dia de jogo né, quando é dia de jogo eles já ficam ao redor e se alguém pensar em passar com camisa de time eles já dão tiro pra dentro da comunidade, como se fosse culpa da comunidade o que acontece em dia de jogo, (...) são trabalhadores que gostam de torcer, as vezes a única diversão que tem é o jogo. (FRANCISCO).

Para Francisco essa violência sofrida cotidianamente na Serrinha se refletiu nas manifestações de junho de 2013: “fui detido, fiquei ajoelhado com uma arma na minha cara e com chutes, aí disseram que só não levavam porque o ônibus estava cheio, já tinha gente demais”, depois desta ação da polícia dentro da Serrinha, as pessoas passaram a resistir mais, segundo ele: “depois que o ato acabou, que a galera dispersou, a comunidade ainda resistiu durante um bom tempo, porque a galera tava atirando com pedra, jogando bomba caseira pra poder a polícia não invadir e prender mais gente dentro da comunidade”.

Há também de ser observado como esse fator da cidade fragmentada e dos abismos de classes foi determinante para as ações da polícia nas favelas antes e durante a Copa das Confederações, um evento que foi considerado pela política brasileira como um dos mais importantes para elevar a economia do país, foi dessa forma em que houve, na compreensão do Estado, a necessidade de investir em mais policiamento nas favelas e de em maior parte desocupá-las ou “pacifica-las”, no qual a violência policial foi justificada como uma ação de “limpar” a cidade para “torná-la novamente ‘competitiva’ e ‘atraente’ para o capital”, assim como observa Chacon:

O governo do estado, a fim de “limpar” a cidade da criminalidade e do tráfico de drogas, que foram eleitos como responsáveis pela sensação de medo e insegurança na cidade. Na verdade, não passou de mais do mesmo, com a polícia atuando de forma violenta nas favelas desenvolvendo a administração armada do território, em que o braço do Estado que se apresenta é o armado. Essa política apenas perpetuou o alto índice de mortos e desaparecidos a cada ano. (CHACON, 2015, p.3)

O que de fato vem ocorrendo nos últimos anos, segundo o site da Anistia Internacional, é que o aumento das mortes de jovens negros e periféricos é proporcional ao aumento das ações da polícia dentro das favelas. Segundo Atila Roque, o Brasil enfrenta uma criminalização da pobreza que finda com ações classistas e racistas que fortalecem um estereótipo “que banalizam as mortes cotidianas de jovens nas favelas e periferias”, assim, Roque enfatiza que:

O país é hoje recordista em números absolutos de homicídios, com 56 mil assassinatos por ano em 2012; destes, 30 mil vitimaram jovens entre 15 e 29 anos, dos quais

77% eram negros. É como se um avião lotado de jovens caísse a cada dois dias. São números que desconstróem o mito do brasileiro cordial e expõem a cultura profundamente racista e violenta que estrutura as relações sociais no Brasil. (ROQUE, 2015)

Nesse sentido a percepção de quem mora na favela segundo Francisco é de que as manifestações não tiveram início por causa do aumento do preço das passagens, mas por causa de uma consciência coletiva causando uma revolta popular sobre “os modelos de vida que a gente leva”, a “precariedade do serviço público” e “uma coisa que já vinha acontecendo a muito tempo que é a chacina dos jovens negros e a criminalização da pobreza, que é a criminalização dos movimentos sociais” (Francisco).

Esse motivo conduz a fala de alguns entrevistados; o próprio Francisco depois constata que há uma organização diferente nas favelas, isso porque segundo ele a população não precisa estudar Marx ou Engels para “entender que o governo não vai dar a população o que lhe é de direito” e por isso há uma necessidade maior de uma organização autônoma que “rompa com a legalidade” (Francisco).

É notório o que esse tipo de organização significa para Francisco que, diferente de alguns entrevistados, falou durante a entrevista a maior parte do tempo em tom baixo, talvez com algum receio de que alguém o escutasse, é uma organização vivenciada cotidianamente dentro da favela, isso tem um significado maior para ele já que passou sua vida sendo perseguido por ser morador de favela e negro, há uma certeza de que apenas quebrando o ideal burguês de manifestação pode conseguir algo:

Junho de 2013 foi romper com os muros da legalidade, sair da logica que a política é dentro da câmara dos vereadores e ser dentro de cada casa, pra dentro da cabeça da juventude, pra dentro do povo revolucionário e pra dentro que acredita na mudança e ali demonstrou claramente uma coisa, que os trabalhadores, a comunidade pobre, a gente tem que se reunir, porque a violência policial tende a aumentar, eles vã reprimir cada vez mais, eles vão apertar o cerco, um exemplo claro disso é a agenda Brasil, os cortes trabalhista, as PLs que tá afetando os trabalhadores terceirizados que vai terceirizar a metade do Brasil, por exemplo, também essa lei antiterrorista que vai condenar não só esses movimentos organizados, mas vai condenar todo mundo que for contra o governo, vai condenar inclusive os próprios jovens e as vezes que se revoltam contra o governo e partem pra ação direta, aí os movimentos tipo o massa critica, o movimento estudantil, o movimento dos trabalhadores partirem pra ação direta, a ação direta já mostrou em 2013 que é a única forma de salvar o Brasil de um grande acatome (SIC) social.

As justificativas para o início das manifestações são muitas, cabendo a cada um interpretar sobre e que circunstância a qual se inseria uma ideologia ou uma curiosidade para motivar a ida às manifestações, o que viveu e viu durante as manifestações também dependem de cada um, se estava em linha de frente ou não, se estava em grupo ou não, se foi para filmar ou não, se era morador da favela ou não; apesar disso há um espectro de insatisfação que ultrapassa apenas o aumento das passagens do transporte público, há uma consciência comum a

todos, uma rejeição ao sistema de governo e econômico vigente e que, para combatê-los, se faz necessária a ação direta.

Na fala de Daniel, ao ser questionado sobre de onde vinha a violência, se era dos manifestantes ou da polícia, ele respondeu que “o capital é que é violento, é ele que mata, é ele que sequestra a sociedade, eu acho que quando as pessoas faziam todo aquele drama, a imprensa queria pegar pelo emocional as pessoas que estavam em casa” e ainda recorreu à 1995 na França para dizer que a imprensa não via como vandalismo “se queimava 200, 300 carros por noite, aqui não houve vandalismo, aqui houve algumas depredações, aqui a imprensa traz uma ‘emocionalidade’”, ou Francisco, que disse que “o pacifismo não vai levar o povo a nada, o pacifismo só leva o povo a perder os direitos e a sofrer nas mãos do Estado que agrada aos empresários”, ou na fala de Helena, “cheguei a jogar pedra em polícia, cheguei a quebrar banco, eu não me arrependi, não me arrependo, porque a gente ‘tá’ em uma guerra, e na guerra tem dois lados, ou você está do lado do povo, ou está do lado do explorador, e eu estou do lado do povo, dos explorados”

*Figura 34 “Pátria Amada”*



Foto de: Davi Pinheiro, nas jornadas de junho de 2013 em Fortaleza/CE.

Independente dos desencontros de memórias, algumas contradições e todos os embates dentro das manifestações, existia para esses uma luta que era muito maior e o sentido para



esses dessa luta era a luta anticapitalista, uma luta da classe trabalhadora, da classe estudantil, dos negros, dos pobres, dos moradores da favela, da massa popular explorada pelo sistema, um sentimento de luta estampada na bandeira do Brasil como a fotografada por Davi, o símbolo do dinheiro pichado sobre o símbolo da pátria, mostrando a real insatisfação: o sistema capitalista e o Estado.

## **Considerações Finais.**

Diante do exposto podemos refletir sobre a atuação das imprensas corporativas e independentes dentro das jornadas de 2013 como um conjunto de imagens contrapostas, enquanto a imprensa corporativa se comportou de forma distante dos manifestantes e de suas pautas, compondo assim um cenário de um discurso de criminalização em um primeiro momento, e no segundo momento um foco em uma separação intencional dos manifestantes em pacíficos e vândalos, onde os manifestantes da classe média ou alta compunha o lado dos manifestantes pacíficos, e do outro os vândalos caracterizados como uma “minoria infiltrada” que teria segundo a imprensa corporativa o intuito destruir o patrimônio público e descaracterizar a verdadeira intenção das manifestações que seriam pautadas sob o aspecto do pacifismo, contra a corrupção e contra o aumento das passagens. Nessa perspectiva, a imprensa corporativa excluiu propositalmente uma reflexão mais abrangente dessas manifestações, sobre os próprios manifestantes e seus propósitos, supondo assim quais eram as motivações para as manifestações e o porquê da sua continuidade.

A imprensa independente nesse sentido trouxe uma desconstrução sobre este aspecto que a imprensa corporativa pôs, a saber, uma visão na qual frisou sobre questões como dar uma identidade para esses “vândalos”, entender como esses se viam e compreendiam a situação e acima disso mostrar um fator primordial das sequências e consequências das ações dos policiais e portanto as ações dos manifestantes como reações a estas, servindo também como plataforma de denúncia das ações truculentas da polícia-estatal, demonstrando portanto sua importância de expor um discurso diferente do discurso imposto pelos aparatos hegemônicos, percebemos assim que a imprensa independente cumpriu o seu papel no meio social por estar mais próxima dos manifestantes, compreendendo de forma mais aprofundada sobre as manifestações e suas demasiadas pautas.

Apesar da importância dos dois discursos, há algo essencial na história o qual esse dois tipos de veículos de comunicação não conseguiram abranger: as histórias e sentimentos antes, durante e depois das manifestações, esses podendo apenas ser acessados quando contados por aqueles que estiveram presentes no dado acontecimento, cabe dessa forma lembrar que fatos relatados expostos pelos entrevistados na maior parte não foram expostos por nenhuma das mídias, havendo assim uma significância única e subjetiva, e ao mesmo tempo uma relação entre as memórias que transformam a história em uma memória compartilhada, mas não sentida necessariamente de forma igual.

Através das entrevistas percebemos que as jornadas de junho de 2013 em Fortaleza não foram motivadas unicamente pelo aumento das passagens, a primeira manifestação, por exemplo, foi chamada em apoio aos manifestantes que haviam sofrido repressão no Rio de Janeiro e em São Paulo, no entanto também se depararam com repressão, assim as manifestações aumentaram em números surpreendentes em pouco tempo, e encorpou após os manifestantes sofrerem repressão.

Podemos compreender também que as motivações para a continuação das manifestações não giravam em torno de pautas vazias, mas tinham ao redor de um espectro de revolta contra o sistema capitalista de cunho representativo por meio de governantes, uma compreensão de uma luta que ultrapassou a compreensão dos especialistas, historiadores, sociólogos ou jornalistas, pois as jornadas de junho puderam passar de manifestações motivadas por inquietações ou críticas à política para construções ideológicas para além de uma lógica simplista e reformista.

Nesse contexto percebemos que as ideologias que a partir desse momento nasceram ou foram consolidadas passaram a ser uma espécie de locomotivas para a construção de algo também para além de junho de 2013, a partir das amizades e grupos que surgiram, 2013 não foi uma crítica momentânea e nem teve intenção de sê-lo, mas como percebemos nas entrevistas foi uma construção que permanece viva dentro daqueles que anseiam por mudanças.

Apesar dessa construção podemos compreender que há um receio que ainda persiste entre os manifestantes, um receio que condiz com a perseguição que manifestantes sofreram, com processos ou com invasões dos policiais em suas casas; há um receio de repressões maiores por parte do Estado, nesse sentido encontramos dificuldades em realizar algumas entrevistas, pois algumas pessoas ainda temem falar sobre o assunto por medo de retaliações ou perseguições do Estado.

Algo também percebido durante a pesquisa se situa em questões classistas e racistas no tratamento dado aos manifestantes mais diretamente por meio da imprensa corporativa e por meio da polícia, nesse sentido os “vândalos” ou a “minoridade infiltrada” eram em maioria, pobres, negros ou moradores da periferia, que sofreram mais repressão policial e que são socialmente e economicamente marginalizados pelo Estado, ou acadêmicos que poderiam ser também moradores da periferia, mas que em geral possuem algum contato com leituras sobre as questões do capitalismo ou algum tipo de conhecimento sobre o que ocorre

na periferia brasileira, dessa forma a legitimação do discurso hegemônico de criminalizar as manifestações.

Dentro desse contexto pudemos concluir que os ditos vândalos estavam divididos em pessoas que foram para as manifestações no intuito de serem pacíficas que, em linhas gerais, constituem uma camada acadêmica que não possuíam contato direto com as periferias de Fortaleza, porém ao se depararem com uma repressão desproporcional e assim passaram a reagir, as pessoas que são moradoras da periferia e que antes de participar da primeira manifestação já podiam antever que sofreriam repressão, pois já sofrem de forma regular na localidade onde residem, dessa forma já compreendiam a necessidade maior de uma resistência.

Outro ponto a ser frisado é que o discurso hegemônico de criminalizar as manifestações foi fundamental no modo legalista de administrar os manifestantes e impor uma forma passiva de lutar contra as opressões e repressões sofridas, sem compreender estes como pontos de ebulição para as revoltas que são sentidas diariamente pela população e que por isso esse discurso foi considerado por alguns manifestantes como um ideal de forma de se manifestar, mas para os apartidários ou antipartidários foi percebido como uma forma descartada de luta, por entender como mais uma regra de manter a população em controlada diante dos problemas socioeconômicos.

As jornadas de junho de 2013 não foram uma incógnita, nem tão pouco imprevisíveis pelo contexto observado no Brasil, e em Fortaleza não foram impulsionadas somente pelo aumento da passagem ou contra a Copa, mas foram subjetivamente revoltas que englobaram frustrações, raivas e ao mesmo tempo vontades de buscar uma forma melhor de viver, e assim sujeitando a culpa das mazelas sociais no sistema econômico e político vigente.

Como resultado dessa pesquisa, compreendemos que ainda há questões a serem abordadas sobre os movimentos sociais brasileiros na conjuntura política e capitalista que constitui um discurso hegemônico controverso das realidades que foram relatadas através das entrevistas e que ainda há uma tendência destes atuais movimentos de rompimento com os estereótipos que vinham sendo construídos, por se tratar de uma nova organização que parte de coletivos e indivíduos de forma horizontalizada e fora dos padrões institucionalizados.

Assim, contribuímos com o debate sobre as imprensas corporativa e independente e as manifestações de junho de 2013, refletindo sobre os dois discursos apresentados: os hegemônicos e os não hegemônicos, sendo este último como dividido em discurso da imprensa independente e as memórias por meio da história oral dos sujeitos,

mostrou a discrepância que há nos discursos e que houve uma tentativa de apropriação de memórias pela imprensa corporativa.

Deixamos essas reflexões para contribuir com pesquisadores interessados pelo tema abordado e a fim de compreender a organização dos movimentos sociais e os sujeitos que a estes pertencem, dessa forma estando aberto a novas pesquisas ou interpretações.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A Construção da Verdade Autoritária**. São Paulo. Humanitas/FFLCH/USP. 2001.

ALMEIDA, Jorge. **A relação entre mídia e sociedade civil em Gramsci**. Revista Compólitica, n. 1, vol. 1, ed. março-abril, ano 2011, p.120-132.

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. **Os dias que abalaram o mundo: As rebeliões de junho, julho de 2013**. Revista. Pol.Públ., São Luís, Numero Especial, p. 41-47, julho de 2014.

BARBOSA, Marialva. **Imprensa, Poder e Público: Os diários do Rio de Janeiro (1880 - 1920)**. Revista Bras. de Com., S.Paulo, Vol. XX, nº 2, pág.87-102, 1997.

BLAZUS, Camilla; PETRI, Verli. **Aproximações e contradições: Movimentos entre ideologia e inconsciente**. Entremeios: revista de estudos do discurso. v.6, jan/2013. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/published/97.pdf>> Acesso em: 27/07/2013.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão: Seguido de A influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

**Carga Tributária no Brasil 2012**. Receita Federal, CETAD - Centro de Estudos Tributários e Aduaneiros. Disponível em: <<http://www.receita.fazenda.gov.br/publico/estudoTributarios/estatisticas/CTB2012.pdf>> Acesso em: 27/07/2015.

COMPARATO, Fábio. **Delegados do povo ou donos do poder?** . Folha de São Paulo, 28 de fev de 2007. Disponível em: <<http://www.inesc.org.br/biblioteca/publicacoes/artigos/delegados-do-povo-ou-donos-do-poder>>. Acesso em: 17/06/2015.

COSTA, Maria de Fátima Tardin. **A utopia na perspectiva de Ernst Bloch**. 2009.

CHACON, Clarice Salles. **Urbanização capitalista contemporânea e administração violenta do território**. In **Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente**, Universidade Federal Fluminense, 2015.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Fonte digital Disponível em: <[www.terravista.pt/IlhadoMel/1540](http://www.terravista.pt/IlhadoMel/1540)>

DEVEZA, Felipe. **Afinal quem foram esses tais vândalos?**. Jornal A nova democracia. 2013 Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-113/4813-afinal-quem-foram-esses-tais-vandalos>>. Acesso em: 27/07/2015

MORAES, Dênis. **Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas**. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación, vol. IX, n. 2, maio – ago. / 2007. Disponível em: <[http://observatoriodaimprensa.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Comunicacao\\_alternativa-1.pdf](http://observatoriodaimprensa.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Comunicacao_alternativa-1.pdf)> Acesso em: 15/08/2015.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. Trad. Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Edunesp/Boitempo, 1997.

ENGELS, Friedrich. **Sobre a Autoridade**. Outubro de 1872 - Março de 1873. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1873/03/autoridade-pt.htm>>. Acesso em: 20/06/2015.

FONSÊCA, Daniel. **Não dá para não ver: As mídias nas manifestações de junho 2013**, outubro de 2013. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/10419.pdf>>. Acesso em: 20/09/2014.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**, Rio de Janeiro: EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A, 1982.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, v. 16 n. 47, maio-ago. 2011.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GUERRA, Josenildo Luiz. **Neutralidade e imparcialidade no jornalismo: da teoria do conhecimento à teoria ética**. Salvador-BA: 2002.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HOBBSAWM, Eric J. **A outra história: Ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 1990.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos Impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

**Imprensa alternativa: apogeu, queda e novos caminhos**. Rio de Janeiro : Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro:Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005. (Cadernos da Comunicação. Série Memória; v.13).

JÚNIOR, Luiz Magno Pinto Bastos. **Para uma conceitualização de opinião pública a partir das categorias gramscianas de hegemonia e bloco histórico**. Periódicos UFSC, V. 21 n. 40, 2000, p. 40-61.

JÚNIOR, Vilson Vieira. **Oligopólio na comunicação: um Brasil de poucos**. Disponível em: <[http://www.direitoacomunicacao.org.br/index2.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=342&Itemid=99999999](http://www.direitoacomunicacao.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=342&Itemid=99999999)>. Acesso em: 20/02/2015

MARX, Karl. **O manifesto comunista**, 1948, Edição eletrônica Ridendo Castigat Mores, fonte digital pág 7.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

\_\_\_\_\_. **Lutas de classes na Alemanha**, [apresentação de Michael Löwy ; tradução Nélio Schneider]. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2010.

LOPES, Francisco Clébio Rodrigues. **A centralidade da Parangaba como produto da fragmentação de Fortaleza (CE)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

MORAES, Dênis de. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci**. REVISTA DEBATES, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/12420/8298>>. Acesso em: 06/06/2015.

MOREIRA, Orlandil; SANTIAGO, Idalina. **Vem prá rua: os protestos de junho. Jornadas de junho: Repercussões e leitura**, Campina Grande-PB: EDUEPB, p. 13-21.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na história oral. A pesquisa como experimento em igualdade**. PROJETO HISTÓRIA, 14, revista do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC-SP, 1997(a), p. 7-24.

PONT, Clarissa. **As manchetes do golpe militar de 1964**. Carta Maior, 31/03/2009. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/As-manchetes-do-golpe-militar-de-1964/4/15195>>. Acesso em: 17/06/2015.

PEDROSO, Rodrigo. **“Nova” classe média ganha até R\$ 1.019 per capita**. 2012. Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/imprensa/sae-na-midia/nova-classe-media-ganha-ate-r-1-019-per-capita-valor-economico-em-30-05-2012/>> Acesso em: 27/07/2015.

ROQUE, Atila. **Quando o Estado mata em nome da segurança**. Disponível em: <<https://anistia.org.br/quando-o-estado-mata-em-nome-da-seguranca/>> Acesso em: 12/08/2015.

SANTOS, Carlos André dos. **A rebeldia por trás das lentes: o Centro de Mídia Independente no Brasil**. Florianópolis: Em Debate, 2013.



SAFATLE, Vladimir. **Do uso da violência contra o Estado ilegal**, p. 237-252. Disponível em: <<http://petdireito.ufsc.br/wp-content/uploads/2013/07/SAFATLE-Vladimir.-Do-uso-da-viol%C3%A2ncia-contra-o-Estado-ilegal.pdf>> Acesso em: 27/07/2015.

SOUSA, Cidoval Morais de; SOUZA, Arão de Azevêdo. **Jornadas de junho: repercussões e leituras**, Campina Grande-PB 2013.

SOUSA, Jorge Pedro (2008): **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. In: SOUSA, Jorge Pedro (Org.): **Jornalismo: História, Teoria e Metodologia. Perspectivas Luso-Brasileiras**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, pp. 12-93.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. 2a edição revista e ampliada, Porto 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

**Um jornalismo sob o signo da política**. – Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005.

SOLANO, Esther. **Mascarados: A verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc**. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

TÓSCA, Luis Antônio Lessa. **Noam Chomsky e a mídia: O consenso Fabricado**. Transcrição da entrevista concedida ao TVE, março de 1996.

VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações**. 1967.

Jornal da Record -06/06/13- **Confronto entre PM e manifestantes na avenida Paulista**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aM68fQ1AoFA>> Acesso em: 15/06/2015.

**Preço da passagem de ônibus provoca manifestações pelo país**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/06/preco-da-passagem-de-onibus-provoca-manifestacoes-pelo-pais.html>> Acesso em: 15/06/2015.

**Manifestação contra o reajuste nas passagens fecha a Avenida Paulista**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/manifestacao-contra-o-reajuste-nas-passagens-fecha-avenida-paulista.html>>. Acesso em: 15/06/2015.

CAPANHA, Diógenes. **Alckmin critica manifestação e defende ação da polícia na Paulista**. Folha de São Paulo, 07/06/2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291417-alckmin-critica-manifestacao-e-defende-acao-da-policia-na-paulista.shtml>>. Acesso em: 15/06/2015.

GUERRA, Josenildo Luiz. **Neutralidade e imparcialidade no jornalismo: Da teoria do conhecimento à teoria ética.** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/07f68ff516fcf5aca65a97a7910910c1.PDF>>. Acesso em: 16/06/2015.

MOVIMENTO PELO PASSE LIVRE, São Paulo. **Nota nº1: esclarecimento do MPL São Paulo sobre o ato de 06/06.** Disponível em: < <http://saopaulo.mpl.org.br/2013/06/07/nota-sobre-a-manifestacao-do-dia-6/> > Acesso em: 16/06/2015.

**Arnaldo Jabor fala sobre onda de protestos contra aumento nas tarifas de ônibus.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=luLzhtSYWC4> >. Acesso em: 16/06/2015.

CNN, **What's REALLY behind the Brazilian riots?**, 14 de junho, 2013 Tradução, MEDEIROS, Alex. **O que REALMENTE está por trás das manifestações no Brasil?**. O Jornal de Hoje, 19 de junho, 2013. Disponível em: < <http://jornaldehoje.com.br/o-que-realmente-esta-por-tras-das-manifestacoes-no-brasil/> > Acesso em: 18/06/2015.

JABOR, Arnaldo. **Amigos, eu errei. É muito mais do que 20 centavos.** 17/06/2013. Disponível em: < <http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2013/06/17/AMIGOS-EU-ERREI-E-MUITO-MAIS-DO-QUE-20-CENTAVOS.htm> > Acesso em: 19/06/2013.

ABRAJI. **Abraji revela que foram intencionais 70 das 113 agressões a jornalistas nas manifestações de 2013.** 12/12/2013. Disponível em: <[http://www.abraji.org.br/?id=90&id\\_noticia=2687](http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=2687)>. Acesso em: 19/06/2015.

**Profissão Repórter -- Manifestações** (18/06/2013). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9COUiLTteeA>>. Acesso em: 19/06/2015.

**Globo Repórter - Manifestações,** 21/06/2013. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=oJUW9nqk\\_-A](https://www.youtube.com/watch?v=oJUW9nqk_-A)>. Acesso em: 19/06/2015.

VERDES MARES. **Milhares de pessoas fazem protestos em Fortaleza,** 17/06/2013. Disponível em: < <http://globo.com/tv-verdes-mares/cetv-2a-edicao/v/milhares-de-pessoas-fazem-protestos-em-fortaleza/2639734/>>. Acesso em 20/06/2015.